

KÁTIA MONTALVÃO

**A TRAJETÓRIA DO FUNDADOR DA CIDADE DE
MONTALVÂNIA NA MEMÓRIA COLETIVA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA LOCAL E
ESCOLAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Pesquisa e Educação da Université du Québec à Chicoutimi e Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Dra. Lana Mara Castro Siman
Universidade Federal de Minas Gerais -
UFMG

Brasil
2002



Mise en garde/Advice

Afin de rendre accessible au plus grand nombre le résultat des travaux de recherche menés par ses étudiants gradués et dans l'esprit des règles qui régissent le dépôt et la diffusion des mémoires et thèses produits dans cette Institution, **l'Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** est fière de rendre accessible une version complète et gratuite de cette œuvre.

Motivated by a desire to make the results of its graduate students' research accessible to all, and in accordance with the rules governing the acceptance and diffusion of dissertations and theses in this Institution, the **Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** is proud to make a complete version of this work available at no cost to the reader.

L'auteur conserve néanmoins la propriété du droit d'auteur qui protège ce mémoire ou cette thèse. Ni le mémoire ou la thèse ni des extraits substantiels de ceux-ci ne peuvent être imprimés ou autrement reproduits sans son autorisation.

The author retains ownership of the copyright of this dissertation or thesis. Neither the dissertation or thesis, nor substantial extracts from it, may be printed or otherwise reproduced without the author's permission.

A minha homenagem especial a **Antônio Lôpo Montalvão**,
meu pai.

In memoriam

A sua “vida–presente” mostrou-me que gente precisa ser gente nas ações e escrever a sua própria história.

A sua “vida–ausente” ensinou-me que é preciso sentir com intensidade a dor e o mistério da morte para aprender a viver de verdade.

A eterna saudade revelou-me como abrir a porta do meu ser e iluminar o meu coração, para ouvi-lo na voz do passado e nas memórias presentes.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos cochaninos, não somente quem nasceu no município, mas também os imigrantes que fizeram da cidade a sua morada, integrando-se à comunidade, constituindo família. Oriundos de outras paragens, fixaram-se na cidade e foram baluartes indiscutíveis do início do seu desenvolvimento e, no exercício de suas especialidades e técnicas profissionais, contribuíram para o progresso e desenvolvimento local; em especial, a Adelize, minha mãe, pelas suas virtudes. Como também aos cochaninos que, obrigados pelas circunstâncias, deixaram a cidade e foram brilhar em outros lugares, deixando a sua marca de competência no rumo profissional que escolheram, nunca renegando suas origens, fazendo com que o nosso torrão natal ficasse ainda mais conhecido e respeitado; entre eles, Valter, meu esposo, que alimenta o desejo do retorno a Montalvânia.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Às vezes, pensava não ser possível prosseguir no meu caminho investigativo, perante a complexidade cotidiana na qual me encontrava:

✓ Campo de pesquisa distante - Montalvânia fica a 289 quilômetros de Guanambi.

✓ Momentos de solidão intelectual – decorrente de o curso ser realizado em outra cidade (Senhor do Bonfim), e ao retornar a Guanambi, as discussões em salas de aulas, o abrigo acadêmico dos professores, colegas e orientadora deixavam lacunas no meu dia-a-dia;

✓ Continuidade no trabalho docente em sala de aula no Departamento de Educação de Guanambi/UNEB – até mesmo 40 horas em quatro turmas e 4 disciplinas diferentes por semestre, o que passava a ocupar a maior parte do meu tempo; a atenção à família – muitas vezes substituída por leituras, computador e viagens.

Portanto, foi um desdobrar constante, mas aqui cheguei e, parafraseando Gonzaguinha, cantando a beleza de ser um eterno aprendiz¹, com o coração inflado pelo prazer e a alegria da convivência e vivência nesta pesquisa, que foi trilhada nas falas, nos gestos, nas emoções, nas reminiscências, no compartilhar da história de Montalvânia, que aqui foi esculpida por tantas e diversas memórias, e que me trouxe, não só de volta ao passado, mas também ao aqui e agora dessas minhas palavras ainda na metade do caminho.

E, nessa minha itinerância, gostaria de agradecer a todos que lapidaram comigo esta memória coletiva:

Adelice, ou melhor, dona Lila, minha mãe. Sempre perto, sempre pronta, sempre atenta. Mãe para ser exemplo a muitas mães. Amiga e companheira, que, com os olhos e o coração materno, ajudou-me a catar todas as pedrinhas que surgiam no meu caminho, semeando sempre coragem, amor, solidariedade e incentivo.

Valter, meu esposo, companheiro dos meus sonhos e desejos, que, com seu amor, otimismo e determinação, sempre ilumina as trilhas das minhas inquietantes buscas, sobretudo com palavras de carinho e estímulo.

Lara, Antônio e Victor, meus filhos, e Andressa, minha sobrinha, que ternamente souberam entender os meus momentos de distância e reclusão, dividindo compreensivamente o meu dia-a-dia.

Tânia, Zelito, Cássio, Vânia e Liz, meus irmãos, com os quais divido a história familiar perpassada pela história da nossa cidade, especialmente Cássio, que politicamente luta com amor e dignidade por uma Montalvânia que tanto almejamos.

Almir, meu tio, pelos diálogos e por tudo que compartilhamos, sobretudo pela sua boa vontade em colocar o seu arquivo pessoal a minha disposição.

Filadelfo, meu tio, autor do Hino de Montalvânia, pela força, pelas leituras e comentários necessários.

Lana Mara, minha orientadora, pelas discussões virtuais e ao vivo, mostrando-me, de forma atenta e com estímulo, as linhas, entrelinhas e todas as pontuações precisas para esta minha busca.

¹ Música: “O que é, o que é”, de autoria de Gonzaguinha.

Edilma, por acompanhar o meu percurso de alegrias, tristezas, dúvidas e entusiasmo através das intermináveis conversas noturnas e diurnas durante as nossas viagens com destino a este nosso mestrado.

Débora, por regar e me ajudar a cultivar a sementinha científica dos devaneios dessa minha busca.

Aos colegas de mestrado, com os quais tive a convivência da busca científica, principalmente Tânia Costa, pela cumplicidade e aconchego amigo; entre outros, Ana, Geovanda, Paulo José, Maeve, Victor e João.

Aos professores, Marta Anadon, Lorraine, Jacques Gauthier, em especial a Paulo Machado, dos quais tive o grande prazer de ser aluna.

Professora Leolina e Professora Solange, pelas revisões meticolosas e necessárias.

SUMÁRIO

RESUMO	8
RÉSUMÉ	9
INTRODUÇÃO: O MEU PULSAR NA PESQUISA	10
1 O LOCAL E O GLOBAL: HISTÓRIA LOCAL E FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS NO MUNDO GLOBALIZADO	19
1.1 IDENTIDADES PERDIDAS OU REDEFINIDAS?	22
1.2 A HISTÓRIA LOCAL NO ITINERÁRIO ESCOLAR	25
1.3 AS MEMÓRIAS ESCULPINDO A HISTÓRIA E AS IDENTIDADES	31
2. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRICA: OS TEMPOS VIVIDOS	34
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
2.2 ATORES DA HISTÓRIA	40
3 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O CENÁRIO POLÍTICO DE MANGA	42
3.1 MANGA SOLTA-SE DOS SEUS GRILHÕES: ANTÔNIO MONTALVÃO E SUA ENTRADA NO CENÁRIO POLÍTICO REGIONAL	45
4 MONTALVÂNIA: A CONSTRUÇÃO DA CIDADE PLANEJADA	52
5 A TRAJETÓRIA DE MONTALVÃO NA MEMÓRIA COLETIVA DAQUELES QUE COMPARTILHARAM DE SEUS PROJETOS E AÇÕES	63
5.1 A HISTÓRIA VIVIDA NA MEMÓRIA COLETIVA	78
5.2 A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA	83

5.3 AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DO PASSADO E DO PRESENTE**NA CIDADE 93****CONSIDERAÇÕES FINAIS: ARREMATANDO PARA O FUTURO OS****FIOS DO PASSADO 98****FONTES ORAIS 116****REFERÊNCIAS 117****ANEXOS 124**

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo identificar elementos presentes na memória coletiva de habitantes da cidade de Montalvânia (situada no norte de Minas Gerais, Brasil) em torno de acontecimentos que tiveram como centro o fundador da cidade. A pesquisa foi efetuada com a adoção metodológica da história oral dentro de uma linha de abordagem qualitativa, buscando a valorização do sujeito como intérprete do mundo que o cerca e como produtor de significações sociais. Foram ouvidos conterrâneos de Antônio Montalvão que compartilharam de ações e projetos por este defendidos, na luta contra o coronelismo local, “guardiões” de memórias do projeto de construção e desenvolvimento de Montalvânia. O referencial teórico está centrado principalmente em Paul Thompson, Alfredo Bosi e Ecléa Bosi, que estudam a relação entre o passado e o presente na memória coletiva dos grupos, e Raphael Samuel, Pierre Nora e Jaques Le Goff, que se dedicam a temas que se caracterizam pela (re)construção da memória e da história. Pretende-se que este trabalho de reconstrução de memória coletiva, edificada nos valores inseridos nos percursos singulares, possa contribuir para o processo cultural e educacional local.

Palavras-chave: memória, identidade, história local.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est d'identifier les éléments présents dans la mémoire collective des habitants de la ville de Montalvania (située au nord de la Province de Minas Gerais, Brésil) autour des événements qui ont eu comme centrale la figure du fondateur de la ville. On a choisi l'option méthodologique de l'histoire orale dans une perspective qualitative, en cherchant la valorisation du sujet humain comme interprète du monde qui l'entoure et comme producteur des significations sociales. Nous avons écouté des gens qui font partie du projet de construction et de développement de Montalvânia, ceux qui ont été engagés dans les projets et dans les activités de Antonio Montalvão, le fondateur de la ville, dans la lutte contre le "coronelisme" local. Ils racontent cette histoire, parce qu'ils ont la caractéristique de gardiens de l'histoire. Le fondement théorique est basé surtout en Paul Thompson, Alfredo Bosi et Ecléa Bosi, qui font des rapports, dans leurs études, entre le passé et le présent. Et Raphael Samuel, Pierre Nora et Jacques Le Goff, préoccupés par la reconstruction de la mémoire et de l'histoire. On souhaite encore que cette étude de re-construction de la mémoire collective, édifiée dans les valeurs présents dans les spécificités locales contribue aux processus cultural et educationel local. Mots-clé: mémoire, singularité, identité et histoire locale.

INTRODUÇÃO
O MEU PULSAR NA PESQUISA

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós. em nós [...] (FREIRE, 1992, p.33)

Quando reflito sobre a importância da história local e o valor de suas peculiaridades e a possível implicação destas na formação das identidades e, conseqüentemente, no desenvolvimento de uma consciência cidadã, necessariamente me vêm à mente evidências do meu interesse que remontam à minha vida na cidade de Montalvânia.

Montalvânia é uma cidade que tem apenas 49 anos de fundação e 39 anos de emancipação, possuindo, portanto, uma vasta memória histórica individual e coletiva viva, rica e de fácil acesso para o estudo, com pessoas dos mais diferentes setores profissionais e grupos sociais que ali vivem desde seu início, e que guardam não só em suas memórias, mas também em outros registros (fotografias, documentos e objetos), evidências que testemunham o seu recente passado.

Cresci nessa cidade, andando nas ruas em construção, convivendo com o “fazer uma cidade”. Presenciei a efervescência das aspirações sociais de Antônio Montalvão, meu pai, e a realidade das lutas políticas regionais para a própria sobrevivência da nova comunidade.

Essa minha inquietação em relação à história de Montalvânia encontra-se edificada na minha convivência com as pessoas que trabalharam na construção da cidade e na minha própria vivência, que influenciaram diretamente a formação da minha identidade, a constituição da minha historicidade e o conseqüente respeito à diversidade cultural presente nas pequenas cidades com as suas culturas e formas de desenvolvimento particulares.

As minhas primeiras indagações emergiram dessa Montalvânia que habita em mim de forma eterna e aninhada, e que, com a sua história repleta de acontecimentos, experiências e lendas, constitui meus sentimentos sem o preciso delineamento de onde começa e termina o meu amor pela cidade e pelo seu idealizador. Esse entrelaçamento entre a cidade de Montalvânia e a pessoa de Antônio Montalvão tornou-se um desafio intelectual e metodológico para o desenvolvimento deste trabalho.

Esta pesquisa é, portanto, resultante de uma trajetória de envolvimento afetivo e social que brotou das lembranças de um tempo vivido do passado e que, ressignificadas pelo hoje, me levam a novas questões.

Assim, meu desejo de trilhar os caminhos do fundador de Montalvânia, centrados no período de 1950 a 2002, constitui-se no impulso para o registro da memória coletiva construída pelo grupo de apoiadores e participantes do projeto de fundação da cidade. O caminho histórico de Montalvânia inicia-se com a sua idealização e planejamento locados nas necessidades e anseios de setores sociais menos favorecidos da região do Norte de Minas Gerais, constituídos, na sua maioria, por pequenos agricultores que se rebelaram contra os mandos políticos dos grandes fazendeiros locais sob a liderança política de Antônio Montalvão.

Entretanto, vinte e três anos após o início da sua formação, ou seja, no final da década de 70, esta cidade, planejada e construída a partir de projetos e ações centrados num sistema de relações políticas e sociais anticoronelistas, parece caracterizar-se por uma política administrativa municipal envolta por ações contraditórias e desvinculada da sua concepção originária, como se estivesse caminhando na contramão da sua idealização. Percebe-se, que, nas últimas décadas, foram frustradas as expectativas criadas em torno da nova cidade, esmorecendo-se as esperanças depositadas no projeto

e fundação de Montalvânia com o acúmulo dos problemas emergentes. Ribeiro (2000, p.138) analisa essa situação como “a eminência de desacordo entre o futuro anunciado e o que foi alcançado”, ou seja, um confronto entre a utopia e a realidade.

Essa situação que para nós foi afigurando-se como uma situação de ruptura do presente com o passado, tornou mais imperiosa a necessidade de registrar e trazer para a discussão das novas gerações a memória coletiva daqueles que a viveram nos anos de início da formação da cidade, ou seja, no momento em que utopia e realidade se mesclavam. Importa, portanto, indagar a um determinado grupo – aqueles que compartilharam com Montalvão de sua utopia – a respeito do processo de formação da cidade, das memórias que guardam do fundador da cidade e também a respeito de como articulam e interpretam as relações que se dão entre presente e passado.

Quais são, pois, as memórias que esses sujeitos guardam das ações e projetos do fundador da cidade de Montalvânia e de suas participações nesses projetos e ações? Qual é a visão desse grupo a respeito do projeto de Antônio Montalvão? Quais aspectos se sobressaem de suas memórias? Que diálogo entre presente e passado pode-se identificar nessas memórias?

Minha preocupação, portanto, ultrapassava o registro da substância social da memória coletiva, alcançando uma preocupação com os efeitos e os usos que o presente e o futuro poderiam vir a fazer dessas memórias, sobretudo no que toca aos processos educativos escolares. O diálogo entre presente e passado poderia vir a desempenhar um papel de relevância na constituição da identidade e na formação de uma cidadania mais crítica e participativa.

Assim, às minhas inquietações iniciais somam-se a outras relativas aos processos de formação das identidades sociais e, conseqüentemente, à formação da

cidadania. Almeja-se que os diferentes grupos, setores, classes e gerações ao refletirem, debaterem a respeito da memória coletiva do grupo construtor de Montalvânia em relação à trajetória do fundador da cidade e ao confrontá-las com outras memórias, desenvolvam, de forma crítica, ações cidadãs.

A pretensão deste estudo é, pois, a de tornar-se mais um referencial para o debate do processo histórico local, uma vez que, como fonte de consultas, possibilitará acesso a dados e interpretações acerca de uma versão da história local. Pretende-se, ainda, que ele poderá vir a constituir-se em subsídio para o debate que contemple as peculiaridades locais e a formação da identidade, edificada, sobretudo, nos valores implícitos na própria história e na singularidade cultural que esta expressa.

O suposto de que os valores interiorizados e expressos nas narrativas dos sujeitos participantes do processo histórico de formação da cidade são atravessados pelas suas subjetivações e particularidades históricas e que esses valores interferem na contínua formação identitária desses mesmos sujeitos e de outros que possam dela desfrutar, constituiu-se em referência fundamental para este trabalho. Para Deleuze & Guattari (1996), esses valores são como raízes rizomáticas que se vão espalhando e fundamentando o sentimento de territorialização.

É a partir desse pressuposto que, nesta pesquisa, o estudo da memória coletiva tomou como ponto central a reflexão acerca do “lugar, do específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto das práticas sociais específicas[...]que moldam e formam identidades]” (HALL, 1999, p.72). Busquei, assim, identificar, na memória coletiva o percurso singular e representativo da história do fundador da cidade. Supõe-se que as memórias a serem recolhidas contêm elementos que poderão fazer parte da formação da identidade local, edificada na singularidade cultural de seus valores.

Levando-se em consideração a influência e a interferência do presente nas seleções das lembranças, nas leituras e significados atribuídos ao passado, tanto por mim quanto pelos depoentes, é muito importante deixar claro o contexto no qual esses depoimentos foram colhidos. É preciso ressaltar que o cotidiano da cidade, no momento inicial da coleta dos dados, estava muitíssimo conturbado por uma administração política que não correspondia aos anseios da população local e por um período de transição delineado pela campanha política municipal. Portanto, muitas das entrevistas feitas por mim, e outras utilizadas neste trabalho como fonte secundária, foram coletadas em tal contexto que gerou – conforme demonstram os depoimentos dos entrevistados – um clima de muita insatisfação em relação ao tempo presente. Este fato fez, provavelmente, com que os depoentes tomassem o passado de muitas “lutas e glórias” (expressão muito presente nas falas deles) como referência de julgamento do presente, podendo também, nesse sentido, eliminar do passado os problemas nele vividos, ou seja, idealizando-o. Já no momento final desta pesquisa, os dados relatam um novo espírito de esperança em relação ao presente na cidade com a gestão administrativa atual (iniciada em 2000), quando foi dado muito destaque às ações de moralidade do poder público local e a credibilidade política que, nas falas das pessoas, impulsiona a possível ruptura com o ciclo de corrupção instalado nas últimas administrações municipais, concomitantemente, a um novo momento de ressurgimento do passado histórico retratado em eventos escolares e culturais.

Por ser parte integrante dessa história, obrigo-me a explicitar os vetores de subjetividade: meus valores, meu modo de ver e meus pressupostos, de modo que se possa julgar o peso relativo da minha implicação no desenvolvimento deste estudo.

Preocupe-me, assim, em expor como e em que medida fui sendo afetada pelo desvelamento das lembranças; procurei deixar o mais claro possível os critérios utilizados para selecionar os entrevistados, os dados e as situações. Busquei, dentro das minhas possibilidades, deixar clara a separação entre as evidências recolhidas sobre cada aspecto e as interpretações elaboradas por mim enquanto pesquisadora e sujeito da história.

Na investigação dessa memória coletiva do fundador de Montalvânia, ouvimos pessoas integrantes dessa história. Pessoas que participaram e compartilharam, de forma direta ou indireta do projeto do seu fundador e que ocuparam e desempenharam funções diversas na concretização desse projeto: comerciantes, pedreiros, trabalhadores braçais (aberturas de estradas), mestres-de-obra, fazendeiros, padre, professoras, alunos das primeiras turmas escolares, ex-moradores da cidade, morador da cidade de Manga (cidade vizinha, geradora dos conflitos com os coronéis), agricultores/trabalhadores rurais, sendo esses migrantes do próprio Estado de Minas Gerais e do Nordeste do País.

Durante a fase exploratória desta pesquisa, constatei que a ausência de trabalhos científicos que retratam a formação histórica da cidade se constituía em uma lacuna no processo de formação da identidade coletiva. As primeiras evidências recolhidas apontaram que as variadas informações sobre a memória coletiva da fundação da cidade não passam tão despercebidas, mas que tais informações são captadas informalmente, sem que haja um trabalho de registro e reflexão sobre elas, que ficam soltas e se perdem antes de receberem um tratamento científico. No entanto, na fase final deste trabalho, foram publicados a dissertação de mestrado *o Salvador político e a cidade ideal: mito e utopia no Extremo Norte de Minas Gerais (1950-1980)*, de autoria de Loredana M. R. Ribeiro, que analisa as questões referentes a História social,

imaginário social, mitologia política, mandonismo local e utopia, e o livro *Montalvão e Montalvânia: não há como esquecer*, de autoria de Almir Sabino, um trabalho de cunho memorialístico. Trabalhos com os quais estaremos dialogando.

A estrutura organizacional deste trabalho se assemelha a um funil. Início com esta reflexão mais geral sobre a minha itinerância – O MEU PULSAR NA PESQUISA –, buscando descortinar o meu pulsar neste trabalho, o qual é a expressão de um desejo aflorado da minha própria história, que me levou a percorrer os caminhos do fundador da cidade de Montalvânia, pelas trilhas das lembranças dos Cochaninos¹ que constituem, no seu bojo, parte da memória coletiva da cidade.

Em seguida, no primeiro capítulo – O LOCAL E O GLOBAL: HISTÓRIA LOCAL E FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS NUM MUNDO GLOBALIZADO –, procuro evidenciar as inter-relações dos saberes globais e locais em sua complexidade composta de inquietações, antagonismos, conflitos, impactos, universalismo e diversidade cultural.

No segundo capítulo – HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA COLETIVA: OS TEMPOS VIVIDOS –, esclareço o meu percurso metodológico dentro de uma linha de desenvolvimento dos métodos qualitativos de investigação e da abordagem da história oral. Ainda nesta parte, discorro sobre os critérios de seleção dos entrevistados e dos instrumentos, situando-os no contexto de produção.

No terceiro capítulo – UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O CENÁRIO POLÍTICO EM MANGA –, busco recompor o contexto inicial dos conflitos

¹ Denominação dada aos que nascem em Montalvânia em homenagem ao Rio Cocha que passa pela cidade.

recuperando elementos das trajetórias dos coronéis e Antônio Montalvão. Em seguida, são discutidas a entrada em cena e a emergência política de Antônio Montalvão.

MONTALVÂNIA: A CONSTRUÇÃO DA CIDADE PLANEJADA – o quarto capítulo – dedica-se ao projeto de construção da cidade e às ações políticas e sociais para sua realização.

O capítulo seguinte – **A TRAJETÓRIA DE MONTALVÃO NA MEMÓRIA COLETIVA DAQUELES QUE COMPARTILHARAM DE SEUS PROJETOS E AÇÕES** – centra suas discussões na reconstituição da trajetória de Antônio Montalvão e de Montalvânia e suas relações com a memória individual e coletiva. Procuro destacar como a história se constrói por meio de projetos em disputa e das ações dos sujeitos. Por meio das lembranças de seus contemporâneos e companheiros de "lutas e glórias", procuro evidenciar como Antônio Montalvão e a história de Montalvânia se misturam, tamanho é o desejo do primeiro em ser agente da história e propulsor de suas transformações. Alinhavo os "retalhos" da memória procurando, numa atitude de respeito máximo às falas dos depoentes, o sentido coletivo dessa memória, ao mesmo tempo em que extraio dos depoimentos os sentidos que estes constroem do tempo vivido e das suas relações entre o presente e o futuro. Em seguida, são discutidas a representação da cidade na memória coletiva frente ante os acontecimentos do passado e do presente e as transformações ocorridas nas últimas décadas.

No capítulo final do trabalho – **ARREMATANDO PARA O FUTURO OS FIOS DO PASSADO** –, procuro ressaltar o valor das memórias coletivas na formação das identidades e o papel que estas mesmas podem vir a desempenhar nos processos históricos singulares de formação educativa das novas gerações.

1

O LOCAL E O GLOBAL:

**História Local e Formação das Identidades Sociais num Mundo
Globalizado**

Hoje, estamos todos imersos num processo de globalização acelerada e de busca das identidades perdidas.(FELIX, 1998, p.15)

O processo de globalização vem moldando uma nova forma de sociedade, que é denominada pelo sociólogo francês Maffesolli (1997, p.19) de “comunidade tribal”; por outros autores¹, de “aldeia global”; e pelo sociólogo espanhol Castells (1999, p.17), de “sociedade em rede”. Esta nova sociedade se caracteriza pelo movimento de pós-modernidade difundido entre as sociedades ocidentais, de tecnologia avançada e, sobretudo, pelas atividades econômicas globais, e pela cultura de virtualidades construídas a partir de um sistema de mídia interligado e que, conseqüentemente, vem provocando mudanças estruturais nas identidades culturais.

No Brasil, já são evidentes os efeitos da globalização na privatização das empresas públicas, no aumento estrutural do desemprego e na invasão da informação eletrônica, com predominância de padrões e valores culturais distantes dos conhecimentos da realidade concreta e mais próxima do indivíduo. O brasileiro, sobretudo as crianças e os jovens em geral, diretamente influenciado pela revolução da tecnologia da informação que, através da mídia, vem proporcionando alterações representativas na formação de suas identidades. Essas transformações, afetadas pela compreensão espaço-tempo, fazem com que as distâncias pareçam mais curtas diante de um mundo unificado tecnologicamente, o que acaba provocando, principalmente através da mídia, um impacto cultural em lugares situados a uma grande distância.

Algumas instituições vêm propondo medidas em combate à dilapidação da nacionalidade cultural, com discussões e ações que relacionam a importância de

¹ Entre esses autores, encontram-se Arthur J. POENER. *Identidade cultural na era da globalização* (1992) e Milton SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000).

mecanismos tecnológicos de comunicação como veículo de divulgação e preservação da identidade. Entre essas instituições, ressalta-se a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, que desde sua criação construiu uma sólida reputação por seu trabalho em benefício da paz e das culturas universais, e em defesa da herança natural, histórica e cultural dos povos e, atualmente, vem ressaltando o estreito relacionamento entre a mídia e política cultural:

Convém formular uma política cultural nacional destinada a fomentar a identidade e a criatividade culturais, recorrendo, para isso, aos meios de comunicação social. Semelhante política deve conter diretrizes que salvaguardem o desenvolvimento cultural nacional, ao mesmo tempo em que facilitem o conhecimento das demais culturas. Cada cultura realça sua própria identidade, comparando-se com as outras. (POENER, 1997, p.5)

Essa complexa organização entre “saberes globais e saberes locais”, implicados no horizonte da construção social da sustentabilidade, como nos coloca Morin (2000, p.11), nos faz refletir sobre a importância dos valores culturais implícitos nas localidades e que, nesse novo milênio, estão sendo solapados pelo efeito homogeneizador cultural da globalização, no âmbito dessa discussão, passa-se “a reivindicação do direito à diferença, a uma forma própria de ser, conviver e produzir” (SOUZA apud FELIX, 1998:16). Nesse sentido, Freire discute a teoria da ação antidualógica e suas características:

O antidualógico se impõe ao opressor, na situação objetiva de opressão, para, pela conquista, oprimir mais, não só economicamente, mas culturalmente, roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressão, sua cultura. [...] Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão. Nesse sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perde-la. [...] No fundo, a invasão

valores, sentidos e símbolos, ou seja, da cultura, do mundo que habita) e, depois, para o *pós-moderno* (conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente). E estando a identidade em contínuo processo de formação através de processos sociais, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento, a identidade permanecerá sempre incompleta, formada e transformada no interior das relações sociais representativas (HALL, 1999). O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está-se tornando fragmentado, composto não de uma única identidade, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas, tornando-se provisórias, variáveis e problemáticas, devido ao colapso cultural da contemporaneidade.

Inserida nesse contexto de relação de poder da globalização, de acordo com Castells (1999), encontra-se a *identidade legitimadora*, que, através das instituições dominantes da sociedade, tem o intuito de expandir e racionalizar a dominação social, enquanto as sociedades que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação criam a *identidade de resistência* que é construída através de trincheiras de resistência e sobrevivência, com base nos próprios princípios e que são diferenciados dos princípios da classe dominante. Isto , conseqüentemente, faz surgir uma nova identidade denominada de *identidade de projeto*, ancorada na cultura redefinida pela posição atual da sociedade, o que nos faz pensar que, obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projeto.

A identidade passa, então, por um processo de *bricolagem*, ou, em outras palavras, é uma abordagem a partir de perspectivas múltiplas, onde essa bricolagem cultural desmonta e remonta num ciclo contínuo de desconstruir e depois reconstruir,

numa espécie de renascimento (des-ser e depois buscar ser). Pois o vivido de uma perda cultural faz emergir a necessidade da reconstrução de identidade (LAPASSADE, apud BORBA, 1998).

Percebe-se, portanto, que na contemporaneidade o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la; de outro, os processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade. Nota-se que a desarticulação das identidades nacionais causa rupturas e impulsiona a busca de uma nova forma altamente reflexiva de vida, perante a experiência de convivência com o ritmo acelerado de mudança nos hábitos e nos costumes da cultura local, que está sendo constantemente “‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma”.(HALL, 1999, p.17).

A grande preocupação com (des)enraizamento cultural é que a identidade móvel do sujeito pós-moderno afeta, de certa forma, a consciência cidadã em relação à participação e à interatividade nos problemas sociais mais próximos. Anderson (apud BITTENCOURT, 1998, p.19) afirma que

As sociedades modernas podem assemelhar-se bastante umas às outras em todas as características estruturais – distribuição da força de trabalho, grau de urbanização, perfil demográfico, tamanho e funções do Estado – permanecendo, ao mesmo tempo, significativamente diferentes em cultura. Pois cada povo traz na sua bagagem particularidades culturais que o caracteriza e que são constitutivas de identidades multinacionais.

Neste início de século, tornam-se mais evidentes as questões relacionadas às localidades que ocorrem em “reação à corrente planetária de homogeneização civilizacional” (MORIN, 2000^a, p.69). Ao lado de todos esses aspectos aqui levantados, concluo citando, mais uma vez, Morin:

Os intelectuais, políticos e técnicos dos países edificados sob o signo da conquista do Novo Mundo pelo Velho Mundo necessitam de reconciliar com os seus passados nacionais e continental e, de lá, reinventar um presente e um futuro sustentável na cartografia da globalização. A sustentabilidade do desenvolvimento nacional é um problema de enfrentamento do paradoxo global/local que anima o mundo contemporâneo. (2000b, p.10)

É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, não mais antagônica, ao reencontro com o passado. Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços. (2000^a, p.77)

1.2. A HISTÓRIA LOCAL NO ITINERÁRIO ESCOLAR

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia (PESSOA, 1992, p.62).

Quando pensamos em analisar aspectos relacionados ao global e local, e, conseqüentemente, a formação da identidade, é importante que não desvinculemos a instituição “escola” desse entrelaçamento. Para Burnham (1998), a escola é uma instituição social criada na e pela modernidade para a formação dos cidadãos de uma sociedade e que para tal formação é fundamental a construção de sujeitos coletivos, ou seja, indivíduos sociais que venham participar ativamente do processo de produção de socialização do conhecimento e, assim, da instituição histórico-social de sua sociedade.

Nesse sentido, a escola personifica a possibilidade de melhoria na formação de uma cidadania mais crítica e edificada na conscientização do indivíduo como sujeito

histórico, e no âmbito desse entrelaçamento, é preciso, então, que a escola promova uma análise sobre novos caminhos por onde poderá desdobrar-se o conhecimento cotidiano.

A referência à história local, neste estudo, aproxima-se da noção de cultura como terreno real, concreto, das representações, línguas, saberes, crenças, idéias, valores, mitos e costumes da sociedade histórica específica, que se transmite de geração em geração. Local onde se constitui o enraizamento da cultura nacional, considerado como “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] pois o lugar é o específico, o concreto, o conhecido, o familiar, o delimitado, onde as práticas sociais específicas moldam e formam identidades” (HALL, 1999, p.50;72). O lugar nos dá o sentimento de pertencer a nossa identidade e concretizá-la, pois a ele estamos ligados fisicamente e emocionalmente, por ser a nossa segurança, a nossa casa, o nosso bairro, a nossa cidade (ZAMBONI, 1986).

Portanto, o estudo do lugar tem um papel essencial no ensino escolar como espaço onde ocorrem as manifestações do cotidiano e como ponto de partida para a construção do conhecimento. Pois o lugar onde a população se concentra é um espaço que lhe é familiar e onde se constitui a expressão mais objetiva de seus modos de vida, que permite situar o aluno no momento histórico em que vive (LUCENA, 1994).

Para Zamboni (1986), o estudo do lugar é um espaço onde ocorre naturalmente a inter-relação entre os elementos físicos, biológicos e humanos; onde a identificação da maneira de viver, dos costumes presentes no cotidiano de um grupo determinado de pessoas e de uma categoria profissional torna-se o primeiro passo para o estudo do lugar e da sua identidade. Além disso como argumenta Le Goff (apud LUCENA, 1994, p.38)

“[...] a história do cotidiano revela-nos o sentimento de duração nas coletividades e nos indivíduos, o sentimento daquilo que se muda, bem como daquilo que permanece”.

É a partir dessa caracterização teórica da história local como o ponto de práticas sociais específicas de um lugar com as quais nossas identidades culturais estão estreitamente ligadas e enraizadas culturalmente, que neste trabalho discutimos a importância de se ter um espaço maior no ensino escolar para a história local, que através do ensino-pesquisa permitirá ao aluno conhecer a sua própria história. Nessa perspectiva, Samuel (1990, p.220) ressalta:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ela a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Pode-se ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite, nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.

Mas “como fazer o vínculo da escola com as memórias local? Como fazer o vínculo da história vivida com a história concebida? Como possibilitar ao sanfoneiro, cantadores, artesãos, sindicalistas, trabalhadores, testemunhos populares, oportunidades da inclusão das suas lembranças nos conteúdos escolares?” São alguns questionamentos levantados por Lucena (1994, p.7). E em resposta a esses seus questionamentos, a autora ressalta o estudo através de eixos temáticos que analisem as inquietações e problemáticas da localidade; eixos que possibilitem o desenvolvimento de alguns conceitos como história, memória, tempo, cotidiano, identidade e patrimônio ambiental e cultural, e que, por sua vez, se desdobrem em diferentes sub-temas dentro das disciplinas História, Geografia, Ciências e Educação Artística. Esta análise, ainda segundo a Lucena (1994), deve ser feita dentro de uma ótica que tenha em vista a compreensão da cidade como espaço de aprendizagem, das representações que os

alunos fazem de seu cotidiano, da construção da história familiar e local, como forma da construção da identidade social e da produção do saber científico a partir do saber vivido.

É a partir dessa inserção no contexto local que os professores e os alunos ultrapassam a delimitação da sala de aula e passam a vivenciar o próprio lugar com seus espaços de memória, criando, assim, condições para relacionarem o passado com o presente, decodificarem valores da localidade, analisarem representações dos sujeitos e seus papéis sobre o vivido e avaliarem e substituírem representações do imaginário social.

Lucena (1994, p.28) continua argumentando:

O resgate do repertório local, como recurso didático para o trabalho em sala de aula, amplia as fontes culturais para o ensino e efetiva a fusão educação-memória local, sendo a memória entendida enquanto criação popular, transferida pela vivência diária. Os temas do cotidiano são aflorados, os modos de vida são recuperados, manifestações humanas são estudadas num plano local e interpretadas em escala nacional. Quando falamos em manutenção dos modos de vida, pensamos, numa interação dinâmica dos elementos da comunidade envolvidos numa proposta única de valorização dos componentes do cotidiano integrados na totalidade histórica.

A história local na escola cria, também, um espaço para debates e confrontos de acontecimentos cotidianos, de memórias coletivas e, portanto de questões que tocam a formação da identidade e a valorização da cultura local. E servirá ainda como embate à abordagem do conhecimento histórico que ainda prevalece na escola e que vem provocando a perda de referenciais mais próximos do cotidiano do aluno, impedindo-o de refletir sobre a própria historicidade.

Ainda se constata, tanto na literatura quanto na investigação dessa pesquisa, que em grande parte, o ensino escolar se estrutura nos parâmetros herdados do positivismo com sua forma distanciada do presente, do cotidiano e das raízes do aluno,

promovendo assim o famoso divórcio entre a escola e a vida, o que, conseqüentemente, expressa a grande despolitização do ensino escolar. Segundo Cabrini (1986) essa dicotomia entre a escola e a vivência do aluno lhe tem impossibilitado interrogar sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua cidade, de seu país e de seu tempo.

Assim na atualidade, em contraponto à historiografia enraizada no positivismo, têm surgido novos olhares para as produções históricas, as quais têm inspirado uma renovação "historiográfica escolar", no sentido de superar o tratamento reducionista e compartimentalizado da realidade social, elegendo, assim, novos sujeitos, novos objetos, novos métodos e novas fontes de estudo que evidenciam a complexidade da realidade social e dos processos históricos.

Nesse mesmo veio argumentativo, Zamboni (1986) nos diz que essa reflexão de inter-relação entre a história local e a escola redimensiona o movimento da construção da história de vida dos alunos e de suas relações sociais, situando-os no momento histórico em que vivem e desenvolvendo-lhes o sentido de pertencer. Situar historicamente é, pois, perceber os fatos que acontecem ao redor, em uma dinâmica de relações espaciais próximas e distantes e numa multiplicidade temporal, em que os alunos procurarão os traços dos seus passados nos objetos que os rodeiam. Nessa busca de estabelecimento de relações entre o presente e o passado, as naturezas das relações sociais vão sendo entendidas e assimiladas. A noção de passado é formada passo a passo, através da pesquisa, das vivências das crianças, das lembranças familiares, das evidências encontradas no seu meio, no lugar em que vivem e nos registros como fotografias, objetos familiares e pessoais. Assim, a construção do passado se dá no

momento em que a criança tem percepção do seu próprio eu e tenha iniciado a construção da sua própria identidade (ZAMBONI, 1986).

Depreende-se, então, que a incorporação de novos e diferentes aspectos da realidade social e cultural do lugar leva a escola a aprimorar o processo de aprendizagem com temáticas que ampliam as fronteiras da atividade escolar para a vida cotidiana, ao mesmo tempo em que abre espaço para as crianças, jovens, adultos e velhos reconhecerem sua própria condição de sujeitos produtores de conhecimento local no contexto das relações sociais.

Diferentes autores, como Oriá (1998), Bittencourt (1995), Abud (1998) e Janotti (1998), reforçam a importância de se considerar a história local como possibilitadora de uma mais ampla compreensão e análise da realidade e do cotidiano através da assimilação de fatores socioculturais diversificados e integrantes da formação da identidade.

Essa preocupação com o valor que tem a história local na formação da identidade cultural e do papel da escola como veículo mediador tornou-se mais acentuada na sociedade contemporânea. Segundo Giddens (apud HALL, 1999, p.72):

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença – por uma atividade localizada[...] A modernidade [agora a pós-modernidade] separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão ausentes, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade, os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastantes distantes deles.

O que percebemos é que os lugares permanecem “fixos” e é neles que temos raízes, mas o espaço pode ser cruzado por aviões e satélites, e a convergência dos

momentos através das informações da invasão técnica vem enfraquecer as formas locais e nacionais de identidade cultural.

1.3. AS MEMÓRIAS A HISTÓRIA E AS IDENTIDADES

A Memória, onde cresce a História, que por sua vez dela se alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1994, p.51)

A memória coletiva é constituída por lembranças do passado que transcendem a individualidade e são compartilhadas socialmente no domínio da vida comum. Encontra-se ancorada na história individual e vai emergindo-se à medida que são feitos os encadeamentos e as relações do que é manifestado nas lembranças. A memória torna-se, portanto, o caminho pelo qual a existência retorna esculpindo a história. O campo da memória constrói-se, pois, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história. É a memória individual e coletiva retida nas lembranças, contidas nos conteúdos dos pensamentos que expressam a realidade e o historicamente experimentado. Essas evidenciam a história do homem comum, do sujeito concreto que cria e modifica o espaço no contexto das suas relações sociais.

Para Le Goff (1997), é nas novas leituras do passado, de reinterpretação constante no eterno presente, que se situam as marcas do vivenciado, e nestas (re)atualizações o real estará presente com as evidências de cada época.

Quando se discute a memória como esteio das relações sociais e veículo possibilitador de estudos sobre a história local, é preciso refletir sobre a diferenciação

existente entre história e memória. Para Halbwachs (apud MONTENEGRO, 1994, p.17), “a memória trabalha com o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes[...]” Em conformidade com esse pensamento Nora (1997, p.9) complementa:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, [...] [enquanto] a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

Nora propaga, assim, a idéia de que a memória liga-se à lembrança das vivências por laços afetivos e de pertencimento, portanto é aberta e em permanente transformação; enquanto a história é a crítica e a reflexão sobre a memória. Considera-se que o processo da memória no homem intervém não somente na ordenação dos vestígios do passado, mas também na releitura desses vestígios.

Bosi (1994, p.49) também evidencia, na narrativa dos “guardiões do passado”, as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, advertindo sobre o processo de desfiguração que o passado sofre ao ser remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes no narrador. Nessa perspectiva, cabe-nos compreender as palavras de Samuel (1981, p.44) de que “a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma, de acordo com o que emerge no momento, de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da tradição, ela é alterada de geração em geração”. Nora (1995) enfatiza, ainda, que a memória se cristaliza e emerge dos grupos que ela une com a sua natureza múltipla, individualizada, coletiva e representativa do passado histórico. E está sempre presente nas praças, nas ruas, nas cidades, ou seja, nos lugares de memória e nos lugares de história.

Para um melhor entendimento deste objeto de estudo e desenvolvimento desta pesquisa, nos valem, portanto, dessas contribuições teóricas centradas na relação entre memória e história desenvolvidas pelos autores citados acima, entre outros. De uma maneira geral, podemos dizer que esses autores aqui citados mostraram a importância da memória coletiva, não apenas como matéria-prima da construção do conhecimento/memória histórica, mas igualmente como matéria necessária à constituição da identidade social dos sujeitos e à sua historicidade – condição imprescindível para a formação do sujeito histórico e de uma cidadania crítica e participativa².

² A esse respeito, podemos ler: Jaques Le GOFF. *História e memória*. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994; Ricardo ORIÁ. Um lugar na escola para a história local. *Ensino em Re-Vista*, Uberlândia, MG EDUFU, v. 4, n.1, p.43-57, jan./dez. 1995; Circe BITTENCOURT (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

2

**HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA COLETIVA:
Os Tempos Vividos**

Procuramos explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, entre memória e identidade e entre entrevistador e entrevistado. Na verdade, geralmente estamos tão interessados na natureza e nos processos de afloramento de lembranças quanto no conteúdo das reminiscências que registramos, e a relação entre as imagens e o conteúdo das reminiscências tornou-se de extrema importância na análise e no uso do testemunho oral. (THOMPSON, 1992, p.40)

Ao considerar a importância do sujeito histórico e de uma cidadania mais participativa, devemos ressaltar a valorização do sujeito como intérprete do mundo que o cerca e como produtor de significações sociais. Sendo assim, optamos pela adoção metodológica da história oral, por ser construída em torno de pessoas, lançando a vida para dentro da própria história. Admitindo, assim, que os heróis poderão vir não só dentre os líderes, mas também dentre a maioria desconhecida do povo (THOMPSON, 1992).

Thompson (1992) ainda observa que, nos últimos anos, historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos de entrevista e abordagens analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências e da identidade, e que sugerem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica.

Tentar lidar com a memória implica uma nova visão da relação sujeito/objeto na construção do conhecimento histórico que transcende a história positivista da reconstrução da “verdade” histórica que valoriza, sobretudo, o encadeamento de fatos relatados numa ordem cronológica linear.

A nova metodologia da história, contrapondo-se ao modelo único e hegemônico da pesquisa positivista, advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, buscando questionar outras concepções originárias das significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem. Essa nova perspectiva

metodológica reconhece que existe um conhecimento produzido socialmente pelos atores e/ou testemunhos da história e que estes, de forma compartilhada, constroem significados e representações acerca do mundo em que vivem. Para Alberti (1989, p.2-3):

A história oral amplia o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos.

O depoimento oral permite-nos penetrar numa forma de conhecimento de mundo conduzido pelos olhares dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações que desenvolveram e desenvolvem. Não é preocupação, portanto, estabelecer verdades a respeito do que foi dito pelos sujeitos de pesquisa ou, ainda, de reconstruir a história tal qual aconteceu, considerando que:

Não é mais fator negativo o fato de o depoente poder 'distorcer' a realidade, ter 'falhas' de memória ou 'errar' em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes. (ALBERTI, 1989, p.3)

O que importa destacar é o processo como os sujeitos se fazem históricos através das suas memórias sociais presentes nas interpretações e nos significados dados aos acontecimentos.

Os historiadores têm enfatizado a importância em aceitar o testemunho oral como a *voz do passado* e constitutivo de “novas versões da história [...] a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período,

mediante suas referências e também seu imaginário” (THOMPSON, 1992, p.18). Nesse sentido, Portelli (1997, p.16) observa que:

A história oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos [grifo meu], em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos[...] [dando uma visão muito mais realista da sociedade]

A partir desses pressupostos relativos à história oral, buscou-se neste trabalho identificar as versões do passado através das memórias, das lembranças que foram coletivamente compartilhadas por aqueles que participaram direta e indiretamente do período inicial da formação da cidade e do projeto que animava esta formação.

O trabalho com a história oral exigiu um elevado respeito pelos entrevistados, por suas opiniões, atitudes, reminiscências e posições, enfim, por sua visão de mundo. Alguns registros foram feitos através de gravação e/ou anotação e, quando possível, em vídeo, de forma complementar. E foi justamente essa visão de mundo que imprimiu significados aos fatos e acontecimentos narrados pelos interlocutores. Nessa perspectiva de (re)significações, Bosi (1994, p.31) coloca que na “maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

2.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O real não se dispõe pra gente nem na saída e nem na chegada, ele vai se dando mesmo é no meio da travessia. (Guimarães Rosa, apud MOLL, 2000, p.26)

Neste estudo, de caráter qualitativo, onde a preocupação com o processo é muito maior que com o produto e tem como foco de atenção especial os significados que os depoentes dão às coisas e à sua vida. A partir destes pressupostos foram coletadas e interpretadas as memórias que os habitantes de Montalvânia que trabalharam, vivenciaram e participaram da fundação da cidade constroem acerca do fundador e da história local e as contribuições dessas memórias no processo de formação identitária. A pesquisa desenvolveu-se em dois momentos:

No primeiro momento, pensando na clivagem entre um campo de lembranças e lugares de memória, previ, inicialmente, fazer uma entrevista coletiva subsidiada por um painel fotográfico que seria denominado “Retalhos da História Local”. No entanto a intenção inicial foi modificada em função de uma exposição fotográfica, apresentações de vídeos, fitas cassetes, documentos e objetos que retratavam a história da cidade e a vida de Antônio Montalvão, organizada pela Escola Estadual Inconfidentes durante as comemorações do 47º aniversário de Montalvânia no ano de 1999. Oportunamente, expus o meu projeto de pesquisa para a comunidade, realizei algumas entrevistas, observações e filmagens.

No segundo momento, selecionei depoentes para uma entrevista temática. A seleção dos depoentes levou em consideração a atuação de sujeitos que tanto compartilharam do projeto de fundação da cidade idealizado por Antônio Montalvão, como participaram de sua construção.

Adotando como suporte teórico Portelli (1997) e André E Ludke (1986), utilizei a entrevista temática. Essa modalidade de entrevista oferece maior campo de interrogações à medida que vão fluindo o pensamento e as experiências do informante sobre o tema proposto, de acordo com suas lembranças e significações. Esse

procedimento permite a necessária liberdade de percurso com questionamentos livres e flexíveis. Tive o devido cuidado de ficar também atenta aos gestos, expressões, entonações, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda comunicação não-verbal. Portanto, não me limitei a fazer descrições detalhadas das informações adquiridas, mas a registrar também os sentimentos e as especulações surgidas ao longo de todo o processo de coleta.

Como expressa Freire (1992, p.18):

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser [...] Por isso que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si.

Esse enfoque qualitativo norteou todo o processo de pesquisa. A tarefa de análise consistiu, primeiramente, na organização do material. Posteriormente, foram identificadas as tendências relevantes. Procedendo assim, foram desveladas as falas do vivido, os silêncios significativos, o dito, o ouvido, os gestos e expressões, atentando para o significado da seleção que o sujeito faz entre o que diz e o que não diz. A partir desse pressuposto, procurei as regularidades enunciativas que apareciam nas entrevistas em busca da memória social.

Concomitantemente, foram recolhidos jornais, revistas, fotografias, como evidências reveladoras da historicidade pessoal e grupal.

Foram também recolhidos dados gerados por entrevistas não realizadas por mim. Quanto às entrevistas por mim realizadas, a forma de registro dos dados dependeu dos entrevistados e do andamento das entrevistas.

2.2 ATORES DA HISTÓRIA

A seleção dos entrevistados foi feita em função dos envolvimento e experiências em acontecimentos ou conjunturas históricas, políticas e sociais relacionadas à trajetória do seu fundador. O grupo de entrevistados foi composto por pessoas que se destacaram, em princípio, pela sua participação como testemunhas da história inicial de Montalvânia, sendo integrado por comerciantes da época, trabalhadores braçais das aberturas de estradas no município, migrantes nordestinos e do próprio Estado (Minas Gerais), pedreiros das obras iniciais da cidade, mestre-de-obra da época, antigos fazendeiros, antigo padre na cidade, ex-moradores da cidade, morador de Manga (cidade geradora dos conflitos entre Antônio Montalvão e os coronéis), professoras (aposentadas e atuantes na escola), antigos agricultores/trabalhadores rurais e alunos das primeiras turmas escolares. As idades dessas pessoas entrevistadas variam de 40 a 86 anos, em uma média de 70 anos. E, para elucidar melhor as questões desta pesquisa, os atores sociais foram distribuídos em gerações diferentes (com predominância dos mais idosos), para criarmos, assim, possibilidade de comparações e de confronto entre as (re)significações coletadas. A relação dos depoentes encontra-se listada nas fontes orais na página 126.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho foi a de recuperar, descrever e construir um quadro narrativo a partir das memórias individuais recolhidas e registradas, na tentativa de apreender a dimensão social e coletiva dessas memórias em torno de acontecimentos em que estiveram envolvidos o fundador da cidade e os próprios depoentes.

Nessa perspectiva, o campo de pesquisa desta dissertação constituiu-se através de um processo intenso e continuado de aproximação, inserção, compreensão e interação com moradores de Montalvânia.

3

**UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O CENÁRIO POLÍTICO DE
MANGA**

Para situar o leitor no contexto que Montalvão iria interagir desde os passos iniciais de sua carreira política, é necessário recompor o cenário político do município de Manga do qual a cidade de Montalvânia originou-se e foi distrito por 10 anos.

O povoamento da região do Norte de Minas Gerais iniciou-se no final do século XVIII e Manga foi um dos primeiros Arrais do Norte do Estado. A região alcançou grande desenvolvimento ao longo do séc. XIX, destacando-se Manga como um dos mais importantes portos do rio São Francisco e firmando-se como produtora de algodão e feijão, criadora de gado e exploradora de maniçoba (árvore de que se extrai o látex para a produção da borracha) (RIBEIRO, 2001).

No início da década de 50, a região de Manga, extremo norte de Minas Gerais, onde se situavam as terras do município de Montalvânia, mantinha-se ainda território de clãs políticos que, desde fins do século XIX, manipulavam livremente a política local. Além dos grandes proprietários de terras e do setor de subsistência da economia rural, a população das cidades do norte do Estado (ainda hoje a região menos industrializada e urbanizada de Minas) compunha-se também de comerciantes e profissionais liberais fundamentalmente comprometidos com a economia baseada na agricultura de subsistência e a estrutura agrária tradicional. Sem sofrer grandes modificações econômicas e sociais, o norte de Minas permanecia sob o clientelismo dos grandes chefes políticos.

A mais antiga estrutura de dominação do Sertão, encabeçada pelos poderosos chefes de parentelas, tem no uso arbitrário da força e na propriedade da terra sua origem e fundamento. Onde força e poder se confundem, a violência impõe, defende e mantém vontades particulares, principalmente o acúmulo de riquezas. A garantia da propriedade individual e da própria integridade física configurava, na tradicional estrutura do mando sertaneja, a contrapartida à submissão e a admissão do exercício da força pelo que se fazia reconhecer como o mais forte. (RIBEIRO, 2001, p.30)

As perseguições levadas a cabo pelos coronéis de Manga, os tradicionais chefes políticos, os coronéis Domiciano Pastor Filho, mais conhecido como coronel Bembém, e João Alves Pereira, aos seus opositores aparecem nas falas de moradores das décadas de quarenta e cinquenta ainda com resquícios do antigo temor às perseguições dos coronéis: ‘o povo tinha medo de votar prá ele [Montalvão, quando ele se candidatou à Prefeitura de Manga em 1954], que os Pereira e os Pastor pirsiguiam o povo demais’ (RIBEIRO, 2001).

A divisão da chefia política em Manga passa a emparelhar-se à sociedade de Bembém e João no comércio. A partir de então, e até 1958, membros das famílias Pastor e Pereira se revezaram na prefeitura da cidade. Ao longo das mais das quatro décadas em que dominaram o cenário político municipal, os coronéis João e Bembém distribuíram os cargos públicos em Manga, como juiz de paz e municipal, coletor de impostos, delegado de polícia, comandante de destacamento e professores, entre seus familiares e amigos. Mais do que empreguismo, a distribuição destes cargos públicos solidificava o poder dos coronéis, agindo como instrumento de dominação (RIBEIRO, 2001).

A influência e o domínio político local só começam a diminuir gradualmente a partir do início dos anos 50, quando os coronéis Bembém e João começaram a enfrentar em Manga uma até então inexistente oposição política, cujo líder era Montalvão, que aos poucos ganhava força e adeptos, não só na cidade como, principalmente, na zona rural (RIBEIRO, 2001).

As relações de poder/opressão exercidas pelos coronéis, subordinando política e economicamente os trabalhadores e pequenos proprietários rurais, começaram a desmoronar a partir da presença política de Montalvão na região e da fundação da

cidade de Montalvânia, sobretudo, em virtude de brigas partidárias. Montalvão (1992) observa que “O desenvolvimento da região norte de Minas foi muito obstruído a princípio, porque os coronéis viviam da exploração do povo e qualquer progresso local tiraria deles o controle político, social e econômico”. Ressalta-se, nessa fala, o poder de opressão dos coronéis e de dependência e subordinação da classe popular, formada na sua maioria por trabalhadores rurais.

3.1 “MANGA SOLTA-SE DE SEUS GRILHÕES”¹: MONTALVÃO E A SUA ENTRADA NO CENÁRIO POLÍTICO REGIONAL

No meu tempo de rapaz estava na Argentina, mas olhei para traz e vi passar o tempo, então resolvi voltar aos meus pagos para fazer algo que ficasse marcada a minha passagem pela vida. (Antonio Montalvão, 1992)

A trajetória política de Montalvão se iniciou no final da década de 40, quando ele retorna a Manga após ter passado alguns anos fora da região. A sua retirada do município se deu devido à mudança de sua família para o Estado de Goiás, em consequência de desavenças familiares do seu pai Cecílio Lôpo Montalvão. Posteriormente, Montalvão mudou-se para Recife, Porto Alegre e a Argentina.

Conforme Ribeiro (2001), Montalvão, aos 32 anos de idade, retorna ao município de Manga. Com o seu retorno, a cidade passa a ser palco e objeto de uma longa e acirrada disputa política cujos ecos ainda ressoam com clareza na memória da população. Nomeando-se “socialista” em oposição ao “caciquismo” dos coronéis

¹ Título de artigo assinado por Antônio Montalvão e publicado no *Jornal de Montes Claros*, Montes Claros, 23 ago. 1952.

Bembém e João Pereira, Montalvão traz consigo a voz da modernidade e se coloca como homem do povo (ANEXO A).

A figura política de Montalvão se construiu desde fins de 1940, 2, de volta a Manga, ele se fixou como comerciante. Suas relações familiares tenderiam a levá-lo ao PSD e compartilhar a política dominante de Bembém e João Pereira. Mas, alheio a estas relações, Montalvão se filiou ao Partido Republicano e principiou sua campanha “anticoronelista”, inaugurando a oposição política em Manga (RIBEIRO, 2001).

A partir de planos e trabalhos engajados nas necessidades básicas da classe desfavorecida, Montalvão juntou-se ao seu cunhado Osório Marinho, como responsável pelo estabelecimento comercial, e, em parceria, comercializavam gêneros alimentícios a baixo custo, fornecidos pelos pequenos produtores locais. O estabelecimento comercial, denominado por Montalvão como “Casa do Camponês”, através de um esquema cooperativo com pequenos produtores, oferecia à população da região, principalmente à mais pobre, uma opção aos barracões dos coronéis, onde as mercadorias eram vendidas fiadas, a preços abusivos, para serem descontadas do salário de seus empregados, ou a serem pagos com colheita, o que provocava um constante endividamento e alimentava a dependência aos coronéis.

“Rapidamente recrudesceria a disputa política, opondo ostensivamente os membros do PSD e PR, já então coligado ao UDN, ou nos termos de Montalvão, o ‘caciquismo X socialismo’” (RIBEIRO, 2001, p.42). Expressão esta sempre presente nas falas discursivas de Montalvão: “[...] este é o curso verdadeiro de nossas divergências: o caciquismo político contra os direitos da coletividade”. (MONTALVÃO, *Jornal de Montes Claros*, 27 set. 1952).

Pelas implicações políticas do desenvolvimento econômico local defendido por Montalvão, era inevitável o choque entre as lideranças locais e o jovem político que apregoava a liberdade do voto (“nossos votos são livres como nossa consciência”), criação de indústrias na região e, fundamentalmente, melhorias nas condições de vida dos pequenos trabalhadores rurais do município.

Nesse sentido Hélio Sales, 83 anos, um conterrâneo e contemporâneo de Montalvão, guardião da história e antigo morador da cidade de Manga, que, como companheiro político de Antônio Montalvão, vivenciou o percurso histórico para a construção da nova cidade, enfatiza:

A independência do município de Manga foi só depois da chegada de Antônio Montalvão. Aqui era um domínio total dos coronéis já há 40 anos, o produtor não tinha o direito de vender o seu produto para ninguém a não ser para eles, sob pena de ser perseguido e policialmente. Aí onde Antônio Montalvão tomou a paternidade do povo do município e começou a luta. Aí o povo gostou da idéia de Antônio, acompanhou e o negócio foi evoluindo até que ele chegou a derrotar os coronéis. [...] Antônio começou esse movimento de orientação do povo, de rebeldia, de casa em casa, do povo do interior do município todo. Ele avisou o pessoal, vocês não tenham medo de vender a sua mercadoria para quem vocês quiserem que não vai acontecer mais nada de agora para frente, se acontecer eu tomo a paternidade, eles vão ter que agir contra mim, minha pessoa que tá orientando vocês, pode dizer que foi eu que mandei. E nesse tempo ele não era prefeito, não era nada, isso foi mais ou menos em 1952. [...] A luta de Antônio começou foi exatamente por causa desse monopólio, de achar que o produtor não podia vender seu produto para outro, só para os coronéis. Eles compravam tudo pelo preço que eles mesmos estipulavam. Aí Antônio não concordava.

Diante desse ambiente hostil e dos crescentes confrontos políticos com os coronéis, Montalvão passa a alimentar cada vez mais a idéia de fundar uma cidade fora da dominação, da ingerência e da contaminação coronelista e que viesse a ser o berço da adversidade e diversidade do sistema político do município. A criação dessa nova cidade convergia para a estruturação de um espaço alternativo voltado para os pequenos trabalhadores rurais que viviam sob regime de opressão.

Aos poucos, o enfrentamento político e ideológico iniciado por Montalvão passa a ser aceito, compreendido e defendido pela classe rural desse espaço regional, proporcionando, assim, a efetiva inserção na realidade concreta. O desvelamento desse novo campo de possibilidades de transformação sociopolítica, através de uma melhor conscientização dos direitos dos cidadãos, que aos poucos ia sendo transmitida por Montalvão, corroborou para a renovação e a repulsa das velhas ordens estabelecidas. Esta situação nos remete às reflexões de Freire (1987, p.30-35) a respeito da necessidade de superar a situação opressora através de uma ação transformadora que possibilite a busca do ser mais:

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. [...] Isso implica o reconhecimento crítico, a 'razão' desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca de ser mais. [...] os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, 'imersos' na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus 'proprietários' exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. Quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretidade na concretidade de outros anseios. A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na pele da superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.

Nesse contexto, a cidade de Manga, entendida como local de confrontos entre desejo e necessidade, de satisfação e insatisfação, agrupa centros de decisões que passam a organizar e intensificar reações às relações de dominação e de poder dos grandes fazendeiros pelos grupos dos pequenos agricultores. O espaço urbano e rural do município passa a ostentar o cotidiano de intensos conflitos políticos em busca de alternativas de melhores condições de social, econômica e política.

Em 1952, sob a justificativa de que os coronéis emperravam as iniciativas de desenvolvimento do distrito de Poções (município de Manga), com obstrução de projetos e pela resistência e obstáculos impostos pelos coronéis João Alves Pereira e Domiciano Pastor, Montalvão inicia o seu projeto de fundação de uma cidade, na perspectiva da criação de um lugar coletivo que viria atender aos anseios dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais. Em 1952 compra, sob financiamento do Banco do Brasil e com empréstimos de seu irmão Valdemar Montalvão², a fazenda Barra do Cochá, para ser loteada e sediar a futura cidade de Montalvânia. A fazenda era de propriedade do Seu Juca Soares, morador antigo na região e que, nessa época, pensava em migrar para outra cidade em busca de estudos para os filhos. Após ouvir os planos de Antônio Montalvão, Seu Juca decidiu não só a vender a terra, mas também não mais se mudar, acreditando, sobretudo, de que ali se tornaria uma nova cidade com escolas e outras estruturas básicas de moradia.

Confiante em suas bases eleitorais, contando já com o apoio do distrito de Poções e da recém criada Montalvânia, Montalvão se lança, em 1954, como candidato a prefeitura de Manga pela coligação ALM – iniciais de Aliança Libertadora Manguense (PR/UDN/PSP) e de seu nome – Antônio Lôpo Montalvão – contra o coronel João, candidato da coligação PSD/PTB. Conforme depoimentos de políticos locais, a vitória de João Pereira teria se dado por uma diferença de poucos votos e muita fraude. Na eleição municipal seguinte, 1958, Montalvão elege-se prefeito pela Aliança Republicana Democrática (coligação PR/UDN) derrotando o candidato do PSD/PTB, Raimundo Pastor [filho de Domiciano Pastor]. A oposição, segundo fontes orais locais e partidárias a Montalvão, só teria chegado ao Executivo Municipal após a criação da Comarca de Manga, em 1957, e a presença de um juiz de direito que, soberano e imparcial representante do judiciário, teria impedido o prosseguimento das fraudes. De acordo a declaração do novo juiz de direito Carlos Porfírio, ele teria impedido as fraudes eleitorais e manipulação dos votos pelos coronéis: ‘Montalvão ganhou porque não deixei dois mil mortos e analfabetos votarem, como hábito’. Até então os votos de Manga era contados em Januária, cidade vizinha e comarca a qual pertencia o município, e o tradicional chefe

² Na época da aquisição da terra para a construção inicial da cidade, Valdemar Montalvão (87 anos), irmão mais velho de Antônio Montalvão (o único irmão vivo, os outros faleceram nas décadas de 70-80-90), era um comerciante bem-sucedido no Estado de Goiás.

político local, Mário Lisboa, era partidário e amigo dos coronéis de Manga. (RIBEIRO, 2001, p.42-43)

Após a posse de Montalvão em fevereiro de 1959, as tensões se acirram e o grupo opositor ao novo prefeito passa a agir de maneira ostensiva, buscando obstruir as mais diversas ações da Prefeitura, como a instalação do Ginásio Municipal, o Plano Diretor de Urbanismo, a conclusão de serviços de abastecimento de água etc. (RIBEIRO, 2001).

O entrave partidário culminou na tentativa de assassinato do juiz Carlos Porfirio. Depois disso, o juiz foi afastado, transferido para Arcos/MG. Segundo Ribeiro (2001), o prefeito eleito, Montalvão, oportunamente transfere a Prefeitura e a Câmara Municipal de Manga para Montalvânia, sob a justificativa de que o atentado contra o juiz era o início de um conflituoso empreendimento que, na realidade, visava a extinção de todo seu grupo político, e, sendo da competência do prefeito zelar pelo patrimônio do município e garantir o bem-estar do seu povo,

[...] resolve determinar, por medida de segurança e em caráter provisório, até que se julgue desnecessária tal medida, seja transferida a Prefeitura Municipal e a sede da Administração Pública Municipal para Montalvânia, nova localidade que floresce no centro da zona agropecuária e de maior densidade demográfica, cuja localidade evolui incomparavelmente com a pujança do desenvolvimento econômico e social de seu povo, dispondo de meios independentes de transporte e de comunicação, de água encanada, luz, campo de aviação, posto de saúde, farmácias, comércio intenso e indústrias ativas; possui enfim, campo para uma administração produtiva, ambiência de vida pacífica e inconfundível dignidade social [...].³

Logo em seguida, foram sancionadas as leis da transferência da Prefeitura e da Câmara Municipal de Manga para Montalvânia. Os coronéis inconformados não aceitaram a mudança, mas não conseguiram impedir que a prefeitura fosse transferida para Montalvânia e que por lá funcionasse até junho de 1961. Na região, o episódio

³ Portaria 15/60, 27/02/1960. Arquivo da Prefeitura Municipal de Manga (apud RIBEIRO, 2001, p.48).

ficou conhecido como o seqüestro da prefeitura. O retorno à Manga só se deu porque, em abril de 1961, a Câmara Municipal de Manga concedeu ao prefeito Montalvão afastamento de seis meses para os preparativos de sua candidatura à Câmara Federal nas eleições do ano seguinte. O vice-prefeito, ao assumir a Prefeitura devolveu-a a Manga (RIBEIRO, 2001).

A partir de 1961, a luta entre os opositores políticos do município se centrou no processo de emancipação do povoado de Montalvânia. O interesse pela emancipação de Montalvânia estava, obviamente, relacionado à disputa política entre Montalvão e os coronéis. A independência municipal da nova cidade daria a Montalvão condições estruturais para a concretização de seu plano de desenvolvimento livre das pressões e obstruções dos coronéis.

4
MONTALVÂNIA: A CONSTRUÇÃO DA CIDADE PLANEJADA

Tracei meus pensamentos em forma de cidade. (MONTALVÃO, 1977)

Montalvânia foi uma cidade planejada por Antônio Lôpo Montalvão e oficialmente inaugurada em 22 de abril de 1952, sendo emancipada em 1962. Situa-se entre a confluência dos rios Poções e Cochá no Norte de Minas Gerais, no alto médio São Francisco, estando localizada à margem direita do rio Carinhanha e à margem esquerda do rio São Francisco, na divisa com a Bahia. Parte do município é banhada pelos rios Cochá e Carinhanha, tendo excelente potencial para irrigação e incentivo à fruticultura tropical. A maioria das propriedades é utilizada para a pecuária e agricultura. Fica a 780 km de Belo Horizonte e 750 km de Brasília. O acesso à região se dá através da BR-135 e pela BR-030. Tem uma área de 1.490 km², clima semi-árido regime pluviométrico 600 a 800 mm/ano. Tem uma população de 8.715 habitantes na zona urbana e 7.582 habitantes na zona rural, totalizando 16.297 habitantes. Possui um milenar acervo histórico e seus rios e cachoeiras de águas cristalinas despertam o turismo ecológico e o lazer.

A partir de 1952, Manga passaria a ter, além do canal de articulação entre as regiões Nordeste e Centro-Sul ao longo do curso do rio São Francisco, um outro atrativo para os migrantes: a nova cidade que se formava no seu território e onde eram doados lotes para quem quisesse fixar residência e terras para o plantio. *O Recenseamento Geral do IBGE* de 1960, dando conta dos índices da década anterior, indica um aumento desproporcional do total da população do município de Manga e, principalmente, dos índices relativos de sua porção alfabetizada, mais de duas vezes superior ao indicado no

censo anterior e uma redução da população urbana e analfabeta; números que refletem as modificações aceleradas pela criação da, até então, vila de Montalvânia¹.

Montalvânia foi iniciada em 1952 e emancipada em 1962, sem ter sido elevada à categoria de distrito. Segundo Ribeiro (2001), a diminuição do número de habitantes constantes no censo de 1960 da área urbana de Manga deve-se à migração para o interior do município, o que permite atribuir o aumento populacional na zona rural, em grande parte, à nova cidade que se iniciava. No Recenseamento de 1960, 5.145 pessoas declararam que residiam no município entre um a dez anos, o que demonstra uma migração no período. Ao longo da década de 1950, percebe-se uma invasão populacional no município, devido ao grande número de pessoas que ali se encontram em busca de trabalho nas plantações de algodão, de feijão e, sobretudo, à procura de melhores condições de vida, levadas pelas possibilidades de melhorias oferecidas por Montalvão através das doações de terras para o plantio, para a construção de casas, comércio, etc.

O próprio deslocamento dessas pessoas já explicita uma insatisfação com a realidade anteriormente vivida e que as leva a buscar algo novo, mais satisfatório. Montalvão representava essa possibilidade de escolha, para muitos uma opção irrecusável, com suas ofertas de terra própria e de trabalho imediato na nova cidade.

A construção planejada da cidade de Montalvânia, que partiu do imaginário de Montalvão em criar a cidade dos seus desejos, liberta do domínio coronelista, implantado na região pelos grandes fazendeiros, foi o seu mais relevante projeto político. O sentimento propulsor para a existência dessa nova cidade envolvia a utopia e

¹ A taxa de crescimento populacional do município, que de 1940 a 1950 foi 14,8%, durante o decênio seguinte, salta para 64,55% (IBGE apud RIBEIRO, 2001, p.59).

o real e era consubstanciado por pensamentos progressistas, o que a tornou palco de transformações emergenciais no combate às injustiças sociais da vida presente.

O planejamento da cidade se estruturou em um plano diretor direcionado para a redistribuição de terras no município com a compra da fazenda destinada à construção de Montalvânia. Os lotes foram doados para construção de casas no centro urbano e de chácaras para cultivo de horticultura e fruticultura. No início, as casas eram construídas em forma de mutirões e teriam que obedecer às normas de não serem inferiores a 350 metros quadrados e com frentes de 15 metros de recuo. (Lei nº. 102/67 que se refere ao antigo Código de Posturas Municipais). No ano de 1967, o plano diretor passou a ser legalizado pela Lei nº 102/67, passando a ser denominado como Plano de Remodelação e Extensão das Terras Pertencentes ao Município. O Plano Diretor de Urbanismo passa a fazer o levantamento do cadastro das construções já existentes. A partir daí, o adquirente é obrigado a construir dentro de dois anos tratando-se de lote, e a cultivá-las dentro do mesmo período, tratando-se de chácaras; se não cumprisse o prazo, estaria sujeito a 5% de multa sobre o valor do lote. A nenhum interessado seria permitida a liberação de mais de um lote, a não ser para construção imediata. Preservam-se as zonas destinadas à construção para finalidades especiais de interesse público².

Montalvão investia continuamente os seus recursos políticos e financeiros na realização do seu desejo de ver a cidade prosperar e transformar-se num pólo regional de desenvolvimento. Por ser Montalvânia “pré-traçada adredemente para ser uma cidade hodierna”(MONTALVÃO apud RIBEIRO, 2001, p.54), em 1958, somente 6 anos após o início de sua construção, Montalvânia já se revelava uma cidade moderna e desenvolvida para a região: possuía escolas, água encanada nas ruas, rede telefônica

² Caderno legislativo do município de Montalvânia, 1967.

interna, posto de saúde com médico e enfermeiro permanente, posto de correio, um campo de aviação e uma represa geradora de luz. O que não era conseguido pelas relações políticas de Montalvão, era-o pelos seus recursos próprios.

A longa luta de Montalvão pelo povoamento e desenvolvimento de Montalvânia em muito fundava-se nas melhorias conseguidas por ele para a cidade, antes mesmo de sua emancipação, como a instalação da subcoletoria estadual de impostos, a subtesouraria da prefeitura, a criação do Ginásio Cochanino e da Escola Agrícola e a Hidrelétrica de Montalvânia. Montalvão não media esforços para a construção da cidade e, para tanto, investia continuamente os seus recursos políticos e financeiros na realização do seu desejo de ver a cidade prosperar e transformar-se num pólo regional de desenvolvimento.

Acentua-se cada vez mais o espírito de liderança de Montalvão. O que Maffesolli (1997, p.37) caracteriza como o compromisso maior de um líder, parece adequar a posição assumida por Montalvão: “[...] tem por característica essencial assegurar um recurso, ser garantia do equilíbrio do grupo, do bom funcionamento e regularidade do crescimento social”.

O êxito político de Montalvão no município de Manga se deu, sobretudo pela modernização da prática política no Extremo-Norte de Minas. Tal prática era, muitas vezes, sinalizada por relações paternalistas com os habitantes de Montalvânia.

Zé Vieira (87 anos), antigo morador da cidade de Cocos, divisa de Minas com Bahia, dono de um dos primeiros caminhões que transitou na região na época da fundação de Montalvânia, amigo de infância e colega de escola de Montalvão, e Sr.Leonardo, 85 anos, morador da região do Norte de Minas, anunciam em suas falas a presença de relações que demonstram essas ações de Montalvão:

Para mim, na história política que conheço desde quando nasci, é o único homem que trabalhou pelo povo e ficou sem nada, porque a maioria quer tirar proveito político, quer crescer, ajudar a família. E ele não, na última hora prejudicava até a família para ajudar os outros. [...] Antônio era um revolucionário, teve muito atrito dele com os administradores de Manga, os coronéis. Houve choque com a polícia, a vida dele foi muito conturbada para fundar Montalvânia. Fico pensando na luta dele, ele comprou uma fazenda com a intenção de formar uma cidade. Depois ele fez um loteamento e plantou ali o começo da educação do pessoal, doou muita coisa, terra para fazer casas, fundou o colégio e foi buscar professor longe.[...] (Sr. Zé Vieira)

Antônio Montalvão passou uns três anos na Argentina, depois ele veio para Poções³ e começou a trabalhar com o cunhado dele Osório Marinho. Aí abriu casa de negócio e tocou um movimento grande, até quando ele entendeu de comprar as terras aqui de Montalvânia na mão de Seu Juca Soares. Aí comprou e começou a fazer a cidade. Que é a cidade de Montalvânia, como de fato tá sendo. Aí ele pegou e deu lote para todo mundo fazer casa e deu dado com escritura e tudo. Deu lote para todo mundo porque ele não influía riqueza. Ele tentava de construir uma cidade, fazer uma cidade, era só o que ele desejava. E aí ele foi trabalhando, lutando. [...] Aquele homem mexeu com a vida e agüentou muita coisa, foi perseguição, processo mentiroso em cima dele. E nesse meio venceu o tempo todo. Antônio Montalvão foi um homem que lutou contra os coronéis para fazer essa cidade. [...] Montalvânia era cercada de mata e pasto e hoje é uma cidade elevada. (Sr. Leonardo).

Segundo Ribeiro (2001), na década de 50, Montalvão se denominava “socialista”, por defender os interesses coletivos e se contrapor ao “caciquismo” e ao “carrancismo” dos coronéis. Mas, mesmo sendo inédita e inovadora, a sua atuação política, no tempo e no espaço que o acolheu, foi também marcada por práticas e posturas políticas tradicionais, evidenciadas na sua familiaridade despertada pelo paternalismo em Montalvânia. Enfatiza que a sua liderança se foi construindo em associação a uma protetora figura paterna, que assumia o encargo de trazer a paz e a segurança perdidas com os mandos e desmandos dos coronéis, oferecendo Montalvânia à população como possibilidade efetiva de melhoria de vida, o que o afirmava cada vez mais como o conselheiro e a figura do pai.

³ Na época, era distrito de Manga. Hoje faz parte do município de Montalvânia.

Diante da ousadia política com os enfrentamentos ideológicos, ao redor da pessoa de Montalvão vão sendo criadas lendas, entre algumas a de que ele se transforma *em toco de pau*⁴ para passar despercebido entre os conflitos com as classes dominantes. Para Reinaldo Alves (77 anos); “Montalvão tinha um anjo da guarda muito forte e parece até mesmo que ele virava toco de pau, pois mesmo com todas essas encrencas ele nunca saía ferido, parece mesmo que ele tinha o corpo fechado”.

Sempre que necessário Montalvão se transmutava, escapando incólume de situações perigosas em toco de pau, saco de feijão, onça pintada... Mas este não era seu único dom, ele também podia ficar invisível e esta peculiaridade lhe garantia o poder de estar em qualquer lugar, ou em todos os lugares, sem que dessem conta dele... Acreditava ainda que ele possuía controle sobre o tempo, podendo, por exemplo, dissipar nuvens de chuva provocando ventos fortes. (RIBEIRO, 2001, p.74)

Percebe-se que suas especificidades individuais, salientadas ao longo da sua trajetória, fizeram dele um líder político e a sua figura política está intimamente associada ao compartilhamento imaginário de significações manifestas de forma cristalizada no fenômeno coletivo do mito.

Para Barbosa et al. (1998, p.55), “sempre há um outro olhar ou outros olhares, bem como outros sentidos para se perceber e compreender o mundo [...] sempre há uma ou várias maneiras de ver, sentir, pegar, ouvir, cheirar”. E, sendo assim, dentro de um novo jeito de viver, aparecem novas redes de pensamentos com infinitas possibilidades de significados e interesses. Isso mostra como a realidade é múltipla e complexa e, necessariamente, em uma contínua transformação. Assim também, foi transitando a formação da nova cidade, emergindo a adversidade política no novo município.

⁴ Expressão lendária utilizada para designar o sumiço, a invisibilidade instantânea de uma pessoa entre outras pessoas no intuito de se proteger.

Partidarismo político só deve existir nos períodos eleitorais. Fora destes, a coesão de todos em torno do bem comum é imprescindível. (MONTALVÃO, Jornal Noticioso, 1962)

Ao recordar o campo político do município, Nivalter Rodrigues Carneiro, 60 anos (que, mais tarde, se tornou prefeito de Montalvânia), em sua memória, relata:

Nessa luta contra os coronéis, todas as pessoas que se sentiam prejudicadas se colocaram ao lado de Montalvão, só que Montalvão tinha um objetivo, assim, trocando em miúdos, ele queria tirar o chicote das mãos dos coronéis e acabar com o chicote. Ai se juntaram umas séries de pessoas, que juntas com o Montalvão derrubaram esse chicote, essa espada da cabeça de cada um de nós. Mas tinha alguns desses indivíduos que não queriam somente tomar esses chicotes, essa espada, eles queriam tomar e passar a usar essa forma de espoliação, de enriquecimento ilícito. Só que Montalvão não tinha esse objetivo, ai foi que nasceu a oposição a Montalvão. [...]. Esses indivíduos passaram a não aceitar aquela filosofia de trabalho de Antônio, porque eles queriam se locupletar dos bens do poder público e Antônio não concordou. Ai nasceu essa oposição. Mas tarde aliados aos ranços coronelista ainda presente em certos chefões políticos da região, conseguiram derrotar o Montalvão. E depois do Montalvão, as coisas em Montalvânia degradingolaram. De Montalvão para cá, a história de Montalvânia mudou totalmente, a prefeitura foi assumida por aqueles indivíduos que tinham aquela filosofia do chicote na mão e a espoliação do poder público, na mentalidade deles não se ganhava a eleição para administrar o município, ganhava era a prefeitura, como se o individuo tivesse ganhado um bilhete da loteria, da megasena, e ai ele poderia usar todo o dinheiro, todo o poder de nomear e demitir.

De acordo com o relato, a oposição no município primava, ainda, pelo clientelismo político dos coronéis de Manga.

Com essa mudança política, que, com o passar dos anos, veio trazer novas transformações ao quadro de idealização e construção da cidade, inicia-se uma nova fase na trajetória histórica de Montalvânia, definida como um novo tempo de incertezas. Como relembra Joanielson Carvalho de Moraes, 55 anos, professor e funcionário da prefeitura na década de 70:

Os inimigos políticos do Antônio Montalvão, ele tratava com amizade, ele entrava nas casas e ia até a cozinha e falava: vim aqui tomar um cafezinho com você. Antônio, ele tinha esse temperamento, valorizava todo mundo, tinha um caráter muito firme e quando tinha suas

decisões ele tomava suas decisões em prol da comunidade. Ele tinha o curso primário incompleto, mas tinha um conhecimento muito grande de tudo. Ele estimulava os estudos e a pesquisa aqui em Montalvânia, ele facilitava tudo, a prefeitura ajudava muito. Hoje, os perfeitos não têm tido essas preocupações, não buscam o desenvolvimento da cidade.

Na construção da memória política, ouvimos também Sr. Antônio Marinho, 78 anos, primeiro opositor político de Antônio Montalvão, e Luiz Joaquim Pereira, mais conhecido por Lulu, um senhor de 77 anos, que morou em Montalvânia e que há alguns anos reside em Montes Claros, outra cidade do Norte de Minas, que também passou a ser de partido contrário a Antônio Montalvão:

Montalvânia nasceu de uma união, com a idéia de uma pessoa e a união de todos. O passado de Montalvânia foi um passado muito bonito. Foi um início com uma pessoa de idéia, pessoa que pensava no futuro do lugar. A liderança dos coronéis aqui era muito forte, mas quando Antônio Montalvão chegou aqui em Manga⁵ e deu uma injeção de coragem, todo mundo fortaleceu. Mas, qualquer coisa que Antônio Montalvão fazia os coronéis mandavam perseguir ele. Ai Antônio idealizou a cidade de Montalvânia, era aquela luta até conseguir emancipar. O dia da emancipação de Montalvânia foi briga, mas foi briga mesmo dos vereadores. Aqui em Montalvânia já tinha uma política contra, que era o povo de Poções⁶ que seguia os coronéis e Antônio deu oportunidade para eles, ele falou assim, que não queria esquadrear Montalvânia, ele queria ver um campo de política dentro de Montalvânia e assim nasceu a oposição. Eu era adversário político, mas nunca deixei de ser amigo do Antônio. (Antônio Marinho, 85 anos)

Eu não gosto de entrar nesse assunto da política hoje em Montalvânia, porque eu saí de Montalvânia e considero hoje todo mundo os meus amigos, e gente entrando nesse detalhe, sem querer agrava um do lado e um do outro, e, afinal de contas, todo mundo é meu amigo e eu quero é que Montalvânia cresça e progrida, com um ou com outro. Montalvão foi um homem que veio pra aqui pra desenvolver essa região, que era a região dele também, porque ele era dessa região. Antônio Montalvão era um homem que só olhava o bem da comunidade, ele não tinha interesse próprio pra nada, o interesse dele era pra Montalvânia e para a coletividade. Conheci Antônio Montalvão, fui correligionário político dele, depois passei a ser adversário político, mas amigo até hoje, sempre fomos amigos. Quando eu passei a ser adversário eu falei pra Antônio e ele falou, gostei muito da sua franqueza, você é mais meu amigo ainda, porque

⁵ Manga é uma cidade vizinha a Montalvânia e nessa época englobava todo o município de Montalvânia.

⁶ O distrito de Poções fazia parte do município de Manga e, com a emancipação de Montalvânia, passou a fazer parte dos distritos da nova cidade.

o município precisa de adversário, mas de adversário que deseja o bem da terra, o bem comum. Foi o que ele falou pra mim, aí ficamos adversários políticos, mas amigos toda vida. (Lulu, 80 anos)

A idéia da busca de uma relação partidária amistosa por parte de Montalvão também é representada na fala de Joanilson:

Os adversários políticos do Montalvão, ele tratava com amizade, ele entrava nas casas ia até a cozinha e falava vim tomar um cafezinho com você. Antônio tinha esse temperamento, valorizava todo mundo, tinha um caráter muito firme e quando tomava suas decisões era em prol da comunidade.

Discurso também compartilhado por Sr. Valdemar Joaquim do Carmo, 76 anos, mais conhecido como Valdemar Preto e mestre-de-obras, que foi o primeiro trabalhador a chegar à terra destinada para a construção da nova cidade com a incumbência de fazer a derrubada da mata a partir do traçado urbanístico, já elaborada anteriormente, afixar ali a faixa com a denominação Cidade de Montalvânia:

Montalvão queria que o município se desenvolvesse, aliás, não era só Montalvânia, era toda a região aqui. Ele não queria saber se a pessoa era de um partido ou do outro, ele queria ver se o cara era honesto e se queria o desenvolvimento para Montalvânia. [...] A eleição aqui foi perdida na comarca de Manga, Montalvânia pertencia a Comarca de Manga, o pessoal de lá juntava com o pessoal daqui que era contra Montalvão e arrumava jeito de ganhar a eleição. Eles nunca ganharam aqui com voto, só com jeito de cartório e de contagem de votos.

O *Boletim do Camponês*, que circulou em Manga em 1954, e o jornal *Noticioso Cochanino* em 1962, que circulou na região na década de 60 sob a responsabilidade de Montalvão, têm algumas manchetes que evidenciam o desejo de uma política democrática na nova cidade com a preocupação de divulgar os postulados fundamentais da cidadania:

Em vez de cruzar os braços e ir rolando com o tempo, ponha em sua mente a realidade dos fatos e coopere para que saíamos da rotina do carrancismo, entrando no desenvolvimento da civilização. Se puserem

a cangalha da escravidão moral, ou o cabresto do servilismo cego, erga a sua frente de HOMEM e caminhe livre e independente. Não tome partido político que lhe escraviza; não discuta política que ela somente malquerenças lhe traz. Cumpra o seu dever de cidadão. qualificando-se com quem quer que seja e dando o seu voto a quem lhe parecer melhor. E vote tranqüilo e conscientemente – tendo em conta que o voto é secreto e livre. (MONTALVÃO, *Folheto de Propaganda Política*, 1954, p1)

O voto é a arma comum do povo, com o qual pode escolher administradores que lhe dê paz e liberdade para prosperar. [...] Por certo, a ambiência democrática e construtiva que tem norteado os destinos de Montalvânia, também norteará a campanha com serena cordialidade, dentro do qual, terminada a campanha, não haja ressentimentos e mágoas que possam impedir ao eleito a realização dos seus planos administrativos. (MONTALVÃO, *Jornal Noticioso Cochanino*, 1962, p.2)

Pelos discursos dos companheiros políticos, as mudanças políticas na cidade se deu devido às fraudes eleitorais feitas na comarca de Manga da qual Montalvânia fazia parte (a comarca de Montalvânia foi instalada no ano de 2000, até esta data pertencia ao município de Manga) onde ainda persistiam a rivalidade política e a rejeição a Montalvão iniciada na década de 50 e acirrada no período da fundação e emancipação da nova cidade (1952-62). Na versão dos depoentes, a perda política se deu através de aliados partidários residentes em Montalvânia e oriundos do Município de Manga.

5

**A TRAJETÓRIA DE MONTALVÃO NA MEMÓRIA COLETIVA
DAQUELES QUE COMPARTILHARAM DE SEUS PROJETOS E
AÇÕES**

[Esta pesquisa] não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreende-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que trabalharam por seus contemporâneos e por nós. (BOSI, 1994, p.37)

O entrelaçamento da história de Montalvânia com a história de vida de Montalvão desenraiza as reminiscências da História local e torna-se impossível relatá-las separadamente.

Antônio Lôpo Montalvão (1917-1992), ex-piloto, ex-professor, comerciante, residia na zona rural do município de Manga¹, no distrito de São Sebastião dos Poções, e, no começo da década de 50, passa a comandar um grupo social criado em oposição ao coronelismo² regional, iniciando, assim, um movimento populista local, centrado na realização de planos entre a utopia e a realidade. As idéias revolucionárias de Montalvão encontravam terreno fértil entre as camadas mais pobres da região, premidas pela opressão do sistema coronelista e por uma situação econômica absolutamente precária.

Descendente de camponeses e pertencente a uma família numerosa e da segunda união do seu pai, Cecílio Lôpo Montalvão com D. Maria Adélia Pires, nasceu na fazenda Cachoeirinha, município de Manga no norte de Minas Gerais. Ficou órfão de pai aos 12 anos de idade, casou-se aos 35 anos com Adelice Rosa Montalvão, filha de uma das primeiras famílias migradas do Estado da Bahia para Montalvânia. Mesmo residindo em outros lugares por determinados períodos, foi em Montalvânia que constituiu sua família composta de seis filhos (Tânia, Zelito, Kátia, Cássio, Vânia e Liz) e que passou a maior parte de sua vida.

¹ O município de Manga englobava, nessa época, as terras da cidade de Montalvânia.

² Coronelismo é o termo criado para designar certo hábito político e social próprio do meio rural brasileiro, onde os grandes proprietários rurais, ditos coronéis, exercem absoluto domínio sobre as pessoas que vivem em suas terras ou delas dependiam para sobreviver. O coronelismo tem raízes na tradição patriarcal brasileira e no arcaísmo da estrutura agrária do País.

Montalvão cursou até o terceiro ano primário, mas, através de leituras, estudos pessoais, tornou-se um autodidata em filosofia, arqueologia, biologia e outros conhecimentos de seu interesse. Passou os seus últimos anos de vida, na sua maior parte, dentro de um escritório na sua residência no Monte Lopino³ com as estantes repletas de obras de arqueologia, mitologia, filosofia, astronomia e física, além de romances, poesias e livros espíritas. Nesse sentido, Hélio Sales relata as suas lembranças:

Antônio Montalvão não formou, não fez curso superior, mas tinha uma vastidão de conhecimentos impressionante. Ele era muito inteligente. Ninguém tinha coragem de enfrentar Antônio peito a peito, ficava só na conversa. Não dava para acreditar como uma pessoa como Antônio podia saber de tantas coisas, como aquele homem sabia. Ele discutia com esse povo que estudou e formou e não fazia feio de jeito nenhum, colocava sim, era eles apertados. Dava para acreditar em uma coisa sobrenatural. A cabeça dele era um gravador, como aquele homem decorava datas e nomes, decorava tudo.

Essa característica intelectual de Montalvão o levou, a partir de sua formação autodidata, a engendrar nos conhecimentos científicos sobre ciências físicas, biológicas, geológicas transmitidos na escrita e publicação do seu livro *Cordeiro vestido de lobo*, no qual usou o pseudônimo de Lobo-Marinho. Fundamentado na ciência física, química e biológica, sobretudo mitológica, a partir de 1970, Montalvão escreveu os livros *Analogia do Naturalismo Universal e O Alvorecer da Humanidade Consciente* e publicou cinco volumes de uma revista na área arqueológica, descobriu e mapeou grutas com inscrições rupestres, desenvolveu palestras, seminários e uma campanha de defesa ambiental na região através da criação da Secretaria de Turismo e Meio Ambiente e vinculado a ela, o Patrimônio Histórico de Montalvânia. O decreto de criação foi

³ Denominação dada ao morro, ponto mais alto da cidade de Montalvânia. O nome Lopino originou-se do seu primeiro sobrenome (Lôpo).

durante o seu mandato como prefeito municipal em 1972. Com a revista intitulada *Revista do Brasil Remoto*, onde sintetizou resultados dos seus estudos através de análises e confrontos mitológicos e hieróglifos, Montalvão passou divulgar o milenar acervo histórico de Montalvânia (ANEXO B), onde ele colocava:

O maior tesouro de Montalvânia é o TESOURO HISTÓRICO nas inscrições rupestres que se tornam como um álbum biológico especial [...] As inscrições rupestres de Montalvânia podem trazer a lume os mistérios da humanidade e da biologia em geral, capazes de exigir uma reformulação científica com o corolário social [...] (MONTALVÃO, *Orçamento para 1977*)

O milenar acervo histórico de Montalvânia, segundo Montalvão (*Revista Brasil Remoto* [198?]), era interpretado como um álbum mnemônico, reservas que guardam os registros da humanidade e dos conhecimentos primórdios. As grutas e cavernas que compõem os sítios arqueológicos do município foram catalogadas e descritas por Montalvão, sendo denominadas conformes os seus conhecimentos e interpretações mitológicas como a lapa de Possêidon, de Viracocha, labirinto de Zeus entre outras.

Dentro dos preceitos fundamentais de Montalvão, baseados em seus estudos, pesquisas arqueológica e mitológica, decodificações de inscrições rupestres, Montalvânia cumpriria seu fado de “capital mental da humanidade e a nova humanidade, surgirá com o alvorecer da consciência humana” (MONTALVÃO, 1981).

A sua intelectualidade, a sua história de vida e a cidade de Montalvânia já se tornaram tema de estudo de alguns pesquisadores: Loredana Ribeiro, da Universidade Estadual de Campinas, elaborou seu projeto de mestrado com o título *O Alvorecer da Humanidade Consciente*⁴: *manifestações do imaginário na trajetória de Antônio Lôpo Montalvão*; posteriormente, transformou-se em sua dissertação de mestrado com o título

⁴ Título de um dos livros de Antônio Montalvão.

O Salvador político e a cidade ideal: mito e utopia no Extremo Norte de Minas Gerais (1950-1980); é também tema de um livro (em fase de redação) da escritora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maria de Luzia Reis; publicações de artigos e apresentação em congressos do professor da Universidade Estadual de Montes Claros, Hernando Baggio Filho; centro de atenção do livro *Montalvão e Montalvânia: não há como esquecer*, de autoria de Almir Sabino de Azevedo.

Os primeiros moradores de Montalvânia foram os próprios trabalhadores da construção da cidade, que para lá foram com a incumbência de derrubar a mata e colocar uma faixa: – Cidade de Montalvânia, iniciando ali uma inédita redistribuição terras no município.

As dificuldades encontradas na região, nessa época, são evidenciadas nas narrativas dos pioneiros da nova cidade. Ao vivenciarem o processo das primeiras construções para erguer a cidade desejada e, sobretudo, planejada, Sr. Joaquim de Souza, 80 anos, e Sr. Laurindo Ferreira dos Santos, conhecido como Louro Pedreiro, 78 anos, narram:

Aqui em Montalvânia as coisas foi feita com muita luta. Aqui era uma mata fechada, nós começamos a fazer a grupiação e a derrubada da mata. No começo até parecia brincadeira, Antônio já tinha esse sonho, ele falava que era pra fazer uma cidade. Agora quase ninguém acreditava que saía cidade aqui, porque era um cercado de pasto e mata e tinha muita “maleta”, o paludismo. Mais toda idéia de Antônio, toda vida dele era trazer o progresso, era melhorar a região. (Joaquim)

Pegamos um motor de luz botamos em cima do carro, botamos comida, colchão e as “traias” de trabalhar e aí viemos. Não tinha nem estrada direito, a gente veio fazendo a limpeza pra passar. [...] Ai nós fizemos a picada da primeira avenida, depois a praça e as ruas. Antônio começou a fazer isso aqui já com a planta da cidade, com avenida, rua e praça. Aqui tinha muita “maleta”, mas mesmo assim começamos a construir as casas. E assim por diante, foi chegando gente e a notícia ia correndo. [...] Mas pra quem viu isso aqui, como tudo era, pra ver hoje! Ninguém acredita. (Louro)

Discurso também presente na fala de Sr. Luis Preto, 66 anos, trabalhador rural que corra da seca da região. depois de ter perdido a esperança de plantar e colher na situação de meeiro:

Eu comecei junto com o começo aqui, trabalhei muito, fiz muito serviço. Hoje eu já tô com 66 anos, você vê e hoje eu tô vendo é o atraso de Montalvânia. Foi eu que desbravei isso aqui tudo, eu mais seu Antônio Montalvão e outros companheiros. Eu vim novinho quando eu vim pra cá e logo seu Antônio Montalvão me arrumou um trabalho. Quando eu cheguei aqui, eu fui mesmo foi pra debaixo da ponte, pois tinha perdido minha roça e tava passando necessidade, mas logo que seu Antônio viu eu e minha mulher e minha filha, ele me arrumou um lugar pra ficar e um serviço. Nunca mais voltei pra minha terra, fiquei trabalhando e tô aqui até hoje e se Deus quiser eu também vou morrer aqui, não penso sair daqui não, hoje tô vendo sendo criado aqui é meus netos. Mesmo com toda dificuldade que estamos passando é esse o meu lugarzinho, dos meus conhecidos e onde trabalhei minha vida toda. (Luis)

O sentimento de pertencimento, de enraizamento e de construtor da história local nos chega pela memória desses anciãos que trazem momentos de um mundo já distante e que, cada vez mais, se vai perdendo no tempo, mas que, ao ser relatado, se torna conhecido por quem não o viveu, desenvolvendo até mesmo a função de relações, confrontos e conexões com o presente. “Pois a memória evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda” (BOSI, 1994, p.82).

Montalvão (1992) fala sobre a sua idéia inicial para a construção da cidade, evocando o poder do enraizamento: “No meu tempo de rapaz, quando estava na Argentina, nada me faltava, mas olhei para trás e vi passar o tempo, então resolvi voltar aos meus pagos para fazer algo que ficasse marcada a minha passagem pela vida”. Ao retornar a suas raízes, dá início a um novo processo político e social na região que, posteriormente, se direciona para a criação da nova cidade:

Propus a fazer uma cidade [...], os primeiros moradores foram os próprios trabalhadores. Nós começamos a derrubar a mata para fundar a cidade. Inicialmente colocamos uma faixa com a denominação

Cidade de Montalvânia. Ela já nasceu cidade. antes mesmo de se ter uma só casa. [...] Montalvânia começou em 1954 com essa faixa dizendo: Cidade de Montalvânia e se emancipou em 1962, passando de povoado a cidade. Observa que não fomos vila. passamos diretamente de povoado para cidade. (Montalvão, 75 anos)

Complementando essas lembranças, Valdemar relata:

No tempo de Montalvão, aqui não tinha gente pedindo esmola nas ruas, ele sempre procurava um meio da pessoa desenvolver, ou ter qualquer trabalho. Ele arrumava serviço para a pessoa com um fazendeiro: oh! Tem uma turma aqui querendo trabalhar, vocês tem que arrumar serviço pra esse pessoal, dá um jeito aí, não quero ver ninguém pedindo não, todo mundo tem que desenvolver e para isso tem que trabalhar.[...] Quando Montalvânia começou ele sempre fazia reunião, juntava todas pessoas que morava aqui, para discutir sobre o desenvolvimento de Montalvânia. Ele era muito preocupado com tudo, logo que surgiu Montalvânia ele arrumou escola pra cidade e pagava as professora para lecionar com o dinheiro dele.

Nos depoimentos desses mais antigos, a questão que comumente mais aparece é em relação ao clima de esperança na construção coletiva da nova cidade. Espírito de esperança, proporcionado, sobretudo, pela confiabilidade da nova liderança política imbuída de ações decisórias e promissoras mudanças.

Os depoimentos são cheios de interpretações, gestos, entonação de vozes e muitos detalhes. Luiz Joaquim Pereira, Lulu, narra a trajetória histórica de Montalvânia com uma interpretação lendária de um verdadeiro contador de estórias e histórias:

Antônio Montalvão, vindo do Goiás, estabeleceu um comércio em Poções, com crédito do cunhado dele Osório Marinho, ele tornou-se um comerciante lá em Poções. lá ele criou o comércio, a Casa do Camponês que era a loja, o Bar do Camponês, o Hotel Camponês, Farmácia Camponesa e mais outras coisas, tudo camponês. Mas lá em Poções tinha um delegado que perseguia muito as pessoas e ele procurava defendê-las, e com isso o delegado tornou-se inimigo dele. Aí naquela coisa, Antônio Montalvão tomou a idéia de fundar uma cidade, ele falou: vou fundar uma cidade, vou ver se Juca me vende aquela fazenda Barra dos Poções, se ele me vender eu vou fundar uma cidade ali. [...] A fazenda era toda mato, mata e capim. Chegando lá, Antônio falou: isso aqui onde nós estamos vai ser uma praça e ali na foz do rio Poções e do rio Cochá vão nascer umas avenidas que vão passar por essa praça aqui. Aí ele foi atrás do topógrafo pra fazer o levantamento da cidade, das ruas e pegou o comércio dele e mudou pra casa de Manoel Rodrigues, só tinha essa casa, trouxe loja,

farmácia, trouxe tudo do Camponês. E aí começou a lotear e a dar os lotes. Logo correu a notícia de que ele estava fundando essa cidade, esse comércio na região e aí foi um sucesso muito grande, chamou a atenção de muita gente de fora, principalmente, da confluência da Bahia e aí foi chegando as pessoas e habitando, assim formou a cidade. [...] Os coronéis perseguiam o Antônio justamente por isso, eles não queriam que fundasse uma nova cidade, que desmembrasse essa cidade do município de Manga, eles eram os reis poderosos da região, no caso aí, ia surgir outro rei como Antônio Montalvão, que era um adversário muito forte e que estava conseguindo dominar a política deles, mas mesmo com tantas dificuldades Antônio resolveu entrar na política e assim ele ganhou a simpatia dos habitantes da região, diante da coragem, do homem destemido que ele era e da idéia de progredir, de crescer e de ajudar os outros. Aí ele tornou-se líder na região e logo depois se candidatou a prefeito do município e derrotou os coronéis que dominavam toda região. [...] quando Montalvão foi eleito a prefeito de Manga, Montalvânia não era nem distrito, era simplesmente a fazenda de Antônio Montalvão, com poucos habitantes. E Montalvão eleito prefeito de Manga resolveu transferir a prefeitura de Manga para Montalvânia [em desafio aos coronéis, devido à perseguição a sua gestão administrativa] e a prefeitura ficou aqui até quando Montalvânia passou a município e criou a prefeitura dela, aí a prefeitura de Manga voltou para o lugar dela. [...] Montalvão era sempre perseguido pelos políticos de Manga e eles armavam tudo quanto era coisa para persegui-lo, então nessa época, Antônio resolveu fazer essa cidade ele não olhava seita nem partido, queria que viesse todo mundo para a cidade.

Percebe-se que as impressões das experiências passadas mais significativas são vinculadas às lembranças dos momentos de mudanças no quadro político do município, quando discutem os conflitos gerados entre os coronéis e Montalvão, o novo político da região. Para os depoentes, aqui considerados companheiros partidários do Montalvão, a pessoa de Montalvão reflete a figura do homem forte, idealizador, profético, corajoso e determinado, que desafia o sistema coronelista, ao denunciar a mesquinha e a injustiça da vida presente com propostas de transformações na vida comunitária da região. Montalvão torna-se, assim, referência para a mudança política regional. E, nesse contexto, Montalvânia passa a ser o *porto de esperança* de muitos trabalhadores rurais oprimidos pelos coronéis de Manga. Aos poucos, a cidade de Montalvânia vai-se tornando em um monumento erguido pela união da nova força política em detrimento

dos mandos e desmandos políticos tradicionais. E o que, para muitos, parecia uma ação quase impossível, aos poucos vai se concretizando.

Nota-se uma grande admiração pela pessoa de Montalvão, sobretudo, pelo seu jeito ousado e destemido no enfrentamento aos coronéis. Sr. José Vieira, ou melhor, como todos o conhecem, Zezinho Vieira, chegou a Montalvânia em 1961, quando a cidade ainda dava seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento local, e expõe suas recordações:

Montalvão era um ser humano que olhava para o bem da humanidade, não gostava de corrupção. Ele conseguiu tirar os coronéis do mando político com esse tipo de pensamento dele. Era sério, falava a verdade, provava o que falava e com todas as dificuldades que ele passou, ele conseguiu criar Montalvânia e vencer. Ele comprou uma fazenda para fazer uma cidade e fez, usando sempre esse método e muita luta contra 40 anos de coronelismo aqui na região. Os coronéis tinham um mando político muito forte, mas não tiveram êxito, mesmo com tanta perseguição contra Montalvão, Montalvão derrotou os coronéis na política. Montalvão era forte, firme, homem de coragem e de muita inteligência. Com tudo isso, ele conseguiu a confiança do povo e venceu.

Nesse mesmo sentido, Hélio Sales descreve a forma como foi iniciada a cidade:

As terras de Montalvânia ele comprou com empréstimo feito no banco do Brasil. Chegou lá na fazenda, só tinha picada e Antônio falava, aqui vai ser a avenida Confúcio, aqui vai ser a praça Cristo Rei e ninguém acreditava, achava que aquilo tudo podia ser uma loucura dele. Como que poderia aquela fazenda lá dentro do mato em pouco tempo formar uma cidade. Muita coisa ele fez com a troca em lote, a pessoa fazia e ele dava lotes. Até a fazenda dele, Vaca Preta, a que ele morava, ele deu em troca do asfalto de Montalvânia. Montalvão morreu sem nada, morreu pobre. Tudo que uma pessoa pedisse ele não negava de jeito nenhum, podia passar até aperto, mas não negava. Tratava todo mundo com igualdade mesmo, tinha um tratamento muito bom. Ele não se julgava superior a ninguém, muito bom. Por isso ele conseguiu praticamente tudo que queria, sem nada e conseguiu tudo.

Dentro desse enfoque, também é relevante a fala de Sr. Durval Fernandes, 76 anos, migrante baiano, farmacêutico, que, em busca de estudos para os filhos e uma melhor condição de vida, muda-se com a família para a nova cidade e hoje reside em sua fazenda na divisa de Minas Gerais com Bahia:

Eu admirei muito o espírito dinâmico de Montalvão. E as suas qualidades, as suas ações eu já conhecia lá na Bahia, muito antes de ficar conhecendo ele. Mas quando tive a oportunidade de conhecer o Antônio, eu vi que tudo que falavam dele era verdade, não tinha nada de exagero, ele era aquele homem dinâmico e extraordinário que as pessoas falavam e gostei tanto das idéias dele para o desenvolvimento de Montalvânia, que acreditei realmente no progresso da cidade e me mudei para cá e dentro das minhas possibilidades procurei até ajudar o Montalvão e Montalvânia. Eu conheci Montalvão em 1960, mas as suas qualidades, a sua fama eu já conhecia há muito tempo através das informações dadas pelas pessoas. Essa foi a forma que conheci Antônio Montalvão e comecei admirar Antônio Montalvão.

A forma peculiar da construção da nova cidade chamava a atenção dos moradores da região e das regiões vizinhas. Niválter rememora em seu depoimento os tempos em que ouviu pela primeira vez sobre a existência da cidade de Montalvânia, e define Montalvão como um ídolo da determinação e da luta contra os coronéis:

Nós ficamos sabendo de Montalvânia através de boletins que Antônio imprimia, de jornalinhos que ele soltava nessa região toda. Eu gostaria de falar o seguinte, que Montalvânia para mim é uma das coisas mais marcantes e Montalvão, o fenômeno Montalvão, fez um trabalho aqui de conseqüências tão positivas e de uma dimensão incalculável. O resultado do trabalho que fez Montalvão é incomensurável. Regionalizando, por exemplo, a luta de Antônio contra o coronelismo, contra o mando, contra a espoliação, contra aqueles indivíduos que eram donos da vida e da morte, de todo mundo aqui em Manga era muito ferrenha e Montalvão conseguiu mudar essa situação aqui, não foi fácil, mas ele conseguiu. Quando a nossa vida começou aqui em Montalvânia, aqui não tinha nada, mas tinha uma coisa muito bonita que era a filosofia de Montalvão. Montalvânia estava ainda nascendo e todo mundo que vinha era para trabalhar e crescer junto com a cidade.

Nota-se, ainda, nos discursos desses depoentes, a presença marcante de Montalvão permeando as decisões ante a nova cidade, emergindo, assim, a

representação de uma liderança que vai de embate à descrença no político, ou seja, a própria descrença na política que se instala no regime ditatorial coronelista do município.

Almir Sabino de Azevedo, 56 anos, filho de migrantes nordestinos, hoje um engenheiro aposentado e escritor – que recentemente publicou um livro, onde retrata as histórias de Montalvão e seus contemporâneos – retorna à cidade depois de um determinado tempo ausente e expõe os significados das suas lembranças e a sua visão quanto à representação da cidade para o povo que nela procurava moradia:

Montalvão tinha o objetivo de construir uma cidade, então ele fez uns boletins para divulgar a cidade e soltou esses boletins em toda região e nas cidades vizinhas da Bahia, onde ele colocou que aqui estava dando lotes de graça, trabalho, escola, etc. Então despertou interesse de muita gente. O que mais despertou interesse nesse pessoal foi a doação dos lotes e a escola. Porque as pessoas moravam todas de meeiro, não tinham nem casa própria e aqui em Montalvânia, Antônio estava dando lote de graça e prometendo escola. Lá na Bahia, as pessoas comentavam que estava começando uma cidade lá em Minas, bem depois de Cocos e que ia ser uma cidade muito boa, que o dono das terras de lá estava dando muitos lotes para o pessoal.

Percebe-se que a distribuição de terras, a perseverança em buscar melhoria regional e a divulgação por escrito (boletins) a respeito da criação da nova cidade desencadeiam um processo migratório nas cidades vizinhas, o que veio acelerar o crescimento e o desenvolvimento de Montalvânia.

O desejo de mudança e transformação sinaliza a trajetória de vida de Montalvão na memória coletiva dos depoentes, marcada, sobretudo pela coragem, audácia, determinação e juventude do novo político que não temia abrir as portas do município para o progresso e desenvolvimento.

Assim, vai-se instalando o desenvolvimento local. Essas ações sociais e políticas de Montalvão passaram a atrair, não somente os pequenos agricultores e

trabalhadores rurais, mas também os interesses da mídia. Montalvânia passa, então, a ser divulgada em jornais, programas de rádio e televisão, com manchetes que evidenciavam a sua característica existencial:

No extremo norte de Minas, a 750 quilômetros de Brasília por estrada de terra batida e pedregulhos, nasceu há 35 anos uma cidade construída a partir do sonho de um homem que já foi de tudo na vida: vaqueiro, lavrador, piloto civil, fotógrafo, contador, engenheiro, arquiteto e que – juram muitos dos moradores – tem o condão de “virar um toco de pau”. Antônio Lôpo Montalvão, 70 anos, mora no Instituto Filantropo Cochano, uma casa na colina acima do rio Cochá, entre livros de história antiga e mitologia, intermináveis anotações e 5 mil slides. Em 1952 Antônio Montalvão criou Montalvânia, hoje com 33 mil habitantes e começa agora a construir outra cidade denominada Janaína. (BOB FERNANDES, 1987)

No fim de sua vida, no início da década de 1990, Montalvão concentrava seus esforços na criação de uma nova cidade, Vila Janaína, repetindo o processo de construção de Montalvânia, incentivando o povoamento pela doação de lotes, construção de benfeitorias.

Reis (1988, p.4) no seu depoimento ao jornal *Estado de Minas*, evidencia a personalidade carismática e idealista de Montalvão:

Em maio de 87 eu tomei conhecimento de Antônio Montalvão, através de uma notícia em jornal. E a vida deste homem, sua personalidade carismática, seu profundo idealismo, o modo radical como ele joga tudo em cada cartada, foi uma coisa que me impressionou muito. Porque me fascina essa garra que faz o homem lutar contra as adversidades, carregar o fardo da própria vida em outra direção, sem, contudo, perder de vista os seus propósitos. Ter o caminho bloqueado, ter quer mudar o traçado do percurso, ter que mudar de profissão, mudar de lugar, mudar até de nome – como é o caso dele – e continuar perseguindo o que lhe parece importante. Estas pessoas que, por opção própria ou por contingência inesperadas, são capazes de fazer da própria vida um dínamo gerador de energia capaz de burlar a rotina e o marasmo, capaz de alterar a face do mundo derrubando barreiras, estas são para mim as mais admiráveis. E ele é muito mais complexo: resume em si mesmo o empreendedor e o utópico, o radicalmente ateu e místico fervoroso, situa-se no precário limite entre o gênio e o “louco”. É herói, mito e lenda. [...] Pretendo passar temporadas em Montalvânia, mergulhar no clima daquela terra, conviver com a gente dali, desencravar das sombras do passado o perfil de um Montalvão jovem e audacioso, capaz de erguer das pedras o sonho da construção

de Montalvânia e colocá-lo de frente a este Montalvão – Ramaris, místico que inicia uma nova cidade – Janaina –, estendendo entre ambos uma ponte que dê conta de como homem gerou o mito.[...]. Porque não existe um só Montalvão, existe vária e distinta face de um mesmo personagem.

A ênfase dada às várias e distintas faces do Montalvão se substancia até mesmo no seu desdobramento em heterônimos. Pois ele não foi apenas o Montalvão que incentivava as brigas dos lavradores contra os altos juros bancários, mas também cobrava do Governo, ao lado dos fazendeiros, o programa de irrigação da região Norte de Minas (RIBEIRO, 1998). Ele era também *Leonardo Lessa Marinho*, nome de um conterrâneo, o qual utilizou por um determinado período, devido às circunstâncias em que se encontrava com a polícia do Goiás, devido a um confronto pessoal. Com este nome, viveu por alguns anos na Argentina. Foi, também, *Lobo Marinho*, escritor do livro *Cordeiro Vestido de Lobo*, como também *Ramaris*, entidade mitológica de Rama, que significa na mitologia grega o guerreiro brilhante do Ramayana. A denominação *Ramaris* foi dada pelo próprio Montalvão, adquirida através de seus estudos clarividentes, espirituais e mitológicos, considerando-se a reencarnação desta entidade⁵.

“A cidade pretendida por Montalvão seria uma mostra da cultura com filósofos que emprestam seus nomes às vias públicas, em seus projetos, faculdades e centros de pesquisas seriam criados e toda a população teria acesso à educação” (RIBEIRO, 2001:117). Esta é uma das singularidades de Montalvânia, que tem nas suas ruas, praças e avenidas nomes de cientistas, filósofos, religiosos de diversas tendências, compondo, assim, um mosaico cultural no traçado urbanístico da cidade. Hoje andamos pelas ruas “Santayana, Buda, Maomé, Zoroastro, Marco Aurélio, Galileu Galilei”⁶,

⁵ Como *Ramaris*, Montalvão começa a construir a nova cidade de Janaina, em terras doadas, também, por ele.

⁶ Cf. o Hino de Montalvânia da autoria de Filadelfo Sabino de Azevêdo (ANEXO G).

Copérnico, Marx, Hegel, que convergem para as praças Cristo Rei, Spinoza, etc. (ANEXO C).

Nesse sentido, Montalvão (1992) em suas memórias sobre as denominações das praças, ruas e avenidas da cidade, descortina um mosaico de personalidades religiosas, míticas e filosóficas:

Naquele tempo que criei Montalvânia, eu era cético, era ateu. Acreditava em mim mesmo, nos filósofos e religiosos da antigüidade, nos heróis antigos, nossos ancestrais. Mas não concordava com as brigas de cristianismo com budismo, Lavoisier contra Stor, um filósofo contra outro. Então coloquei os nomes deles todos juntos. Assim fiz a avenida Confúcio, representando o moralismo de Confúcio, cortada pela praça Cristo Rei, Pela Praça Platão e em torno nomes de religiosos, nomes de filósofos, nomes de políticos, nomes de guerreiros, num tipo de ironia. [...] Agora posteriormente [através do despertar da espiritualidade e da clarividência], eu fiquei sabendo que essas ruas assim denominadas representam exatamente o futuro da humanidade, um futuro de respeito aos ancestrais, cultos aos heróis. [...] assim nasceram estes nomes bonitos que vemos por aí, e por outro lado, servem também como uma ponta de lança para despertar no povo um pouco de interesse pela história, para que cada um procure saber quem é Chaparral, Madame Curie, Santayana, Maomé, Galileu, Buda, Descarte, Zoroastro. Assim, ir aprendendo através das histórias desses sábios, a própria história da humanidade.

Essa particularidade dos nomes dessas personalidades no traçado urbanístico da cidade, que se encontra localizada em uma região distante das universidades, das livrarias e todo aporte intelectual de um centro urbano, estendeu-se aos distritos e as às vilas do município, que também têm denominações específicas:

O que sempre marcou a minha vida foi o poder de criatividade. não apenas criar coisas, mas também criar nomes. Quando criamos as vilas (hoje distritos), eu busquei nomes adequados para elas, como: Capitânia em homenagem ao Capitão do Mato, Pitarana quer dizer pedra vermelha, Juvenília é uma coletânea de livros, Janaína a rainha das águas, [...]. Assim nasceu os nomes das vilas, levando em conta que Monte Rei, as ruas tem nomes de pássaros (Sabiá, Andorinha, etc.); Porto Agrário, os nomes são de peixes (Dourado, Surubim, etc.); Capitânea, de árvores (Jacarandá, Ipê, Peroba, etc.); Janaína, de astros (Marte, Vênus, Lua, Sol, etc.). E assim, destacamos as vilas com a idéia delas serem futuras cidades em torno da Comarca de Montalvânia. (MONTALVÃO, 1992)

A abertura de estradas que dessem acesso ao novo município foi também alvo dos depoimentos. Uma equipe composta por Antônio Montalvão e trabalhadores braçais constrói “com enxadas e foices”, a estrada que liga Montalvânia a Brasília, trecho da BR-030. Para que as pessoas se sentissem mais seguras ao trafegar em uma estrada completamente isolada, Montalvão inicia uma campanha de popularização da estrada. Para promover seu uso, inicialmente, ele mesmo, guiando um pick-up Willys, cabine dupla, ornada com a frase *Montalvânia/Brasília: Um Pulo de Sapo*, transporta os passageiros em viagens semanais gratuitas. A construção dessa estrada permeia muitos discursos:

Montalvão colocou na cabeça que ia ligar Montalvânia a Brasília, ele juntou uns trabalhadores e com enxadão e picareta cortou isso aqui até lá no limite de Goiás. E fez aí esse trecho para o povo trafegar e ficou muito perto de Brasília, Capital Federal. Montalvânia é irmãzinha de Brasília, surgiram na mesma época, surgiram pra crescerem juntas, com Antônio Montalvão, Juscelino e com outras pessoas que estão aí hoje. (Lulu, 80 anos)

O serviço maior que a gente fez aqui foi o da estrada de Montalvânia a Brasília. A gente dormia no chão, comia carne, feijão e arroz. Quando não tinha carne, a gente falava com Seu Antônio Montalvão e ele entrava na lagoa daquela e pegava jacaré pra nós comer. A gente gostava desse serviço, quando o serviço terminou nós ficou triste, porque era também uma diversão nossa. Era gostoso, foi um serviço que nós gostava de fazer. A gente sofria um pouco, porque esse serviço assim sofre, mas que foi serviço bom, aí foi. [...] No trecho em que eu trabalhei durou mais ou menos três meses, porque a gente ia roçando e tirando os tocos. Tinha foice, machado, picareta. A gente roçava pra frente e ia deixando a estrada pronta pra traz. (Luís, 66 anos)

Antônio Montalvão criou essa estrada pra Brasília, tanto que ele foi daqui a Brasília de pé, com o facão na mão tirando e abrindo a estrada e o pessoal atrás fazendo a estrada, ele na frente locando a estrada. Ele chegava num lugar e falava assim: oh! Estou levando uma estrada aqui e é benefício pra vocês, estou precisando de tantas pessoas pra ajudar e o pessoal ajudava até de graça. Daqui a Brasília é 480 quilômetros. Aí depois ele foi prefeito e arrumou patrôla pra consertar a estrada. (Valdemar, 73 anos)

A abertura da estrada que se transformou na rota da BR-30 foi de iniciativa privada financiada por Montalvão, já que a prefeitura não possuía recursos suficientes. Após a conclusão das obras da estrada, Montalvão passou a divulgá-la no propósito de favorecer o entrosamento entre sertanejos e metropolitanos e incentivar a comercialização da produção agropecuária da região:

*Para nós cochaninos, é de palpitante importância o contato com Brasília, cujo intercâmbio comercial e social nos trará sensíveis proveitos. (MONTALVÃO, *Jornal Via Cochanina*, 1967)*

A Lei federal nº 5.603 de 1969, de autoria do deputado Vasco Filho, incluiu-a como Via Dom Bosco no Plano Nacional de Viação.

5.1 A HISTÓRIA VIVIDA NA MEMÓRIA COLETIVA

A memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos. (NORA, 1995, p.21)

A tensão criada pela fronteira entre o vivido, a tradição e suas possibilidades de lembrança, com a aceleração do tempo e o risco da perda de referências espacial-temporal-afetivas dos grupos sociais leva, em nosso tempo, à necessidade da proliferação de lugares de memória, encarregados de dar o suporte da continuidade com o registro de suas marcas através da escrita da história. (FELIX, 1998, p.55)

Em detrimento das transformações do mundo moderno, onde se constata, cada vez mais, a ruptura da memória com as vivências da tradição e do costume, o historiador Pierre Nora (1981) elaborou a expressão *lugares de memória*, em que se acentua a necessidade de lugares especiais para a preservação da continuidade histórica.

Na busca de um lugar de memória, foi realizado em Montalvânia o 1º Memorial da cidade que despertou nos participantes o sentimento de reconhecimento à

dignidade e as ações dos guardiões do passado de Montalvânia (ANEXO D). Alguns se sentem muito sensibilizados, como o Sr. Nonato Barbosa, 80 anos, boiadeiro conhecido na região, fazendeiro e um dos primeiros moradores da cidade e que até hoje reside no município:

Tudo isso me toca muito, me traz muitas recordações, que nem estou conseguindo ficar em casa, quando vou embora, já fico com vontade de voltar. Gosto de ver tudo, principalmente as fotografias e as coisas de Antônio Montalvão. Me lembro muito de quando começou tudo isso aqui. Hoje, Montalvânia, todos que moram aqui sentem muito a falta de Antônio, ele lutou muito por isso aqui. Pensando bem, por que vocês não deixam isso aqui como um museu?

A realização desse evento reviveu nos visitantes momentos de alegrias, emoções e saudades. As imagens fotográficas, os objetos do passado e os vídeos aguçaram as lembranças e valorizaram os acontecimentos históricos, evidenciando os significados da memória individual e coletiva principalmente quanto às atuações de Montalvão (ANEXO E). Os olhares desgarrados, com que às vezes os velhos olhavam sem ver, ouvindo as próprias raízes, pareciam que buscavam amparo em tempos distantes que, naquele momento, se cristalizavam em suas memórias (BOSI, 1994).

A preocupação em manter uma memória viva norteou muitos depoimentos, como o de Joana Leite, 56 anos, uma das primeiras professoras da cidade, que veio de Montes Claros a destino da nova cidade. Em Montalvânia, passou a lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental (antigo primário) e, mais tarde com a implantação das séries de 4^a a 8^a (antigo ginásio), ela deu continuidade aos estudos, tornando-se também uma das primeiras alunas do Ginásio Estadual de Montalvânia. Hoje aposentada, enfoca o distanciamento existente entre o presente e o passado histórico da cidade, enfoca a falta de eventos que levem a escola e a comunidade a refletirem a respeito do passado do local:

A gente passa muitas vezes um bom tempo sem falar disso, desse passado, que quando a gente vai falar muitas coisas escapam, imagine você quem está nascendo agora, o que vai saber dessa história daqui uns anos? Se não houver um registro... Almir estava me falando que quer escrever um livro sobre isso, é uma idéia brilhante. Porque se não houver esse registro, daqui um tempo poucos vão saber só o nome do fundador da cidade e a data de fundação e nada mais, além disso, como foi feito isso aqui ninguém vai saber.

Percebe-se, aqui, que pessoas de gerações passadas estão imbuídas de uma certa preocupação para com o registro e a preservação da memória social de Montalvânia. Há uma sensibilidade quanto à preservação necessária do passado, que, para elas, está ficando esquecido. Esse interesse pela preservação das memórias parece-nos estar ligada à aquisição de referências identitárias quando da convivência com a criação da cidade.

Em virtude da inexistência de um trabalho que referenciasse a memória coletiva da cidade, um ex-aluno de umas das primeiras turmas escolares, Almir sensibiliza-se diante da preservação da memória do lugar:

Muita gente já se foi, perdemos o Montalvão e muitos outros. Se demorar muito, daqui uns anos não terá mais ninguém para contar como foi construída a cidade, da luta contra os coronéis, da resistência contra a exploração dos mandos políticos e militares da época, da idealização, formas de estruturação do município e dos nossos desejos e realizações. [...] É preciso resgatar esse passado bonito, que é o passado das nossas famílias, dos nossos pais e que pretendemos deixar para os nossos filhos. As pessoas vão morrendo e, se não registrarmos nossa história, o passado vai morrendo também com elas. Tanto é que se essa geração nossa passar sem deixar para as novas gerações toda essa história de luta, essa história bonita da fundação de Montalvânia, esse passado vai morrer. Isso não pode acontecer porque será muito triste, pois os nossos corações estão aqui e tudo aqui em Montalvânia nos envolve muito. Montalvânia faz parte das nossas histórias, das nossas vidas.

Ancorado, também, em uma filosofia de trabalho iniciada por Antônio Montalvão através da Fundação ABC – Amor, Bondade e Complacência⁷, Almir propõe

⁷ São palavras do Montalvão em uma entrevista concedida à Rádio local: "[...] com a sua cartilha de Amor, Bondade e Complacência – ABC, a associação assumirá responsabilidades filantrópicas e

uma forma de trabalho que se inicia com a publicação do seu livro *Montalvão e Montalvânia*: não há como esquecer. Ao longo do relato, Almir explicita um pouco do seu desejo:

Meu sonho, eu estou incumbido disso: eu quero resgatar a história de Montalvânia, resgatar essa história bonita, porque a história de Montalvânia é uma história muito bonita. Montalvânia é uma cidade que tem um traçado, uma história linda. Nós sonhamos com a Fundação Montalvão, queremos criar um memorial. Eu penso assim: que agora o importante é essa história, porque se passar essa geração, a nossa geração, acaba a história de Montalvânia. Temos que resgatar a história dessa cidade. Temos que lutar pelo memorial e a fundação Montalvão e se não conseguirmos, aí será muito triste, porque os nossos filhos não saberão dessa história. Hoje, conversamos com os jovens e eles não sabem nada de Montalvânia, não conhecem os pioneiros. Nosso sonho é contar essas histórias nos colégios, para os professores, os alunos, para que todo mundo possa conhecer a história de Montalvânia.

Percebe-se que existe, entre as pessoas mais antigas do lugar, a necessária consciência de se fazer o registro de memórias locais, em virtude até mesmo das idades avançadas das testemunhas da história e para que as gerações vindouras fiquem conhecendo os seus ancestrais e as suas lutas para construir a cidade onde vivem, o que poderá contribuir para uma melhor formação da identidade consubstanciada na própria cultura.

Reinaldo Alves de Oliveira, 69 anos, ex-bancário, que por alguns anos trabalhou em Montalvânia e hoje reside em Jaborandi, cidade da Bahia próxima a Montalvânia, observa que, quando retorna a Montalvânia, sente a falta de lugares e ações que vivifiquem a memória do seu fundador:

atividades relacionadas às artes [...], procurará incentivar as pesquisas científicas escudadas na mitologia, arqueologia, antropologia, [...], implantará corporações cooperativistas que substituirão as especulações comercializadas, dando ênfase às criações de micro empresas, mormente, as indústrias alimentícias, de remédios homeopáticos, hortigranjeiras, artesanatos e uma escola de escotismo. Como também a difusão de diálogos em clubes de leituras, estimulando assim o intelecto das pessoas. [...]. Que Montalvânia cumpra a sua missão]de ser a nova capital mental da humanidade a irradiar conhecimentos". (Rádio Beira Rio, 1992)

O que está precisando mesmo é escrever essa história e ter um arquivo permanente com um registro da passagem do fundador da cidade, contando toda essa luta pra fazer Montalvânia, que foi de muito atrito e confusão. Pois foi um grande sacrifício fundar isso aqui, e como Antônio lutou por essa Montalvânia! E a luta dele era sempre em defesa de alguém, do pessoal, nunca era pra ele. Ele nunca trabalhou pra fazer patrimônio, foi sempre pra fazer as coisas pra o povo, tanto que ele morreu e não deixou nada pra família, a não ser a grande satisfação de deixar os filhos todos formados, cultos, estudados em universidades, isso sim, ele fazia muita questão. Olha! No início de Montalvânia, ele tinha um patrimônio considerável, tinha o comércio e as fazendas. Mas ele sempre estava do lado do fraco. Pra falar a verdade, em Montalvânia, Antônio era tido como conselheiro, o pessoal tinha ele como juiz, como delegado, como padre, como pai. E hoje a gente chega na cidade e são poucos que falam da história de Antônio e de Montalvânia. Você chega aqui, conversa com todo mundo, vai pra as esquinas, pra os bares, pra outros lugares e não aparecem mais as conversas que lembram o passado de Montalvânia. Parece que tudo vai caindo no esquecimento. Daqui uns anos, os mais novos não saberão mais nada de tudo isso.

Transparece, no âmago dessa narrativa, a preocupação dos primeiros moradores com a possibilidade de que o presente possa apagar o passado histórico. Além disso, revela-se um sentimento de arraigamento e identificação com o lugar, que parece ser fomentado pela própria história de vida e pela vivência na cidade. Ressalta-se, ainda, nos depoimentos o desejo em ver, nas ações cotidianas das pessoas, o mesmo espírito de luta de um passado constituído pela garra, determinação e conquista.

Nesse sentido, Poener (1997, p.19) assinala que “os valores, as referências e as tradições culturais são a fisionomia de um povo, de uma nação; se não forem preservados e defendidos, se diluirão no cosmopolitismo de um mundo[...]” E, de acordo com vários autores, a preservação da história local fortifica sentimento de enraizamento e solidifica a formação da identidade social e a participação no presente.

5.2 A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. (NOVAES, 1992, p. 22)

Na busca da inter-relação orgânica entre história, singularidade, educação e identidade e a formação da identidade, conjectura-se que a escola torna-se mais relevante à medida que forneça subsídios para que os alunos possam ter um melhor entendimento das relações entre as gerações, entre o passado, presente e o futuro, entre as diferentes memórias e história.

Na fase exploratória deste trabalho, foi percebida a existência de raros registros⁸ que retratam a formação histórica da cidade e dos que trabalharam por sua construção, o que deixa uma lacuna no conteúdo escolar e, em consequência, no processo geral de formação da identidade coletiva. Nota-se que as produções educacionais não levam em conta as especificidades e peculiaridades do lugar. Os livros didáticos de história, maciçamente, elaborados por editoras centradas nas grandes capitais, ao lado de uma “historiografia escolar” que expressa uma narrativa tradicional de datas e fatos sem nenhuma ligação com as experiências sociais dos sujeitos históricos da cidade, confirmam a necessidade de estudos que possam fornecer elementos para o ensino da história local.

Visando essa finalidade, nesta investigação, buscou-se ouvir professoras aposentadas (que começaram a lecionar no período inicial da cidade) e professores em

⁸ A constatação dos raros trabalhos científicos, até o presente momento, se deu através de uma pesquisa bibliográfica por mim feita.

atividades na escola; alunos das primeiras turmas escolares e primeiros moradores da cidade.

Nas falas dos entrevistados, o que mais se destaca é a associação constante da referência ao passado às idéias de interesse, esforço, estímulo e incentivo. As professoras entrevistadas remetem ao que a escola foi *naquela época*, como exemplo de perseverança, disposição, participação, integração, contextualização, luta e amor pela cidade.

Joana Leite e Natividade Ribeiro, professoras em atividades nas escolas no período inicial da construção da cidade, ao serem solicitadas para falar sobre a escola em Montalvânia nas décadas de 50 e 60, narram as dificuldades existentes para a estruturação da escola no município – falta de professores, de prédio escolar, ou seja, uma infra-estrutura básica. Porém as dificuldades encontradas para o funcionamento da escola nessa época eram facilmente superadas pelo espírito de construção e evolução que envolvia a nova cidade em desenvolvimento, estimuladas por propostas modernas e progressistas do Montalvão:

O que realmente nós tínhamos em Montalvânia, era esse sentimento de responsabilidade, um ideal grande de construir uma cidade para vivermos felizes, produzir e crescer. Praticamente todo mundo era imbuído desse sentimento e o Montalvão o que fazia, já que não tinha estrutura física, condições necessárias, ele sempre achava uma solução, até escolas em baixo de um juazeiro ele colocou. Se o professor não tinha capacitação, ele dava um jeito e o levava para fazer curso. [...] Hoje fico pensando nessa questão da facilidade que as pessoas têm para estudar, às vezes desperdiça tanta oportunidade, enquanto que naquele tempo a gente lutava e pensava em melhorar. Eu me lembro, aqui nessa época, como que o prefeito tinha aquela determinação, hoje infelizmente isso não acontece. Existia um esforço em manter uma escola funcionando, em manter um professor em sala de aula. Antônio Montalvão fazia questão de levar o professor para fazer curso fora. Hoje vemos como Montalvânia está, né? Como é diferente, como acabou tanta coisa boa. Antônio tinha aquele ideal, parece que ele tinha cada um de nós, não como companheiro, era como filho mesmo. [...] Antigamente, aqui em Montalvânia, tinha uma integração, todo mundo era voltado para a construção do município, todo mundo queria fazer o melhor, falar alguma coisa, dar opinião.

Hoje as pessoas são muito exclusivistas. Quando Montalvânia era menor, na festa do seu aniversário, dia 22 de abril, tinha a participação de todo município e hoje já não comemoram mais com tanto entusiasmo. (Joana)

Os alunos antigamente tinham mais consciência do que hoje, aqui não tinha meio de comunicação, mas eles tinham interesse, curiosidade pra tudo, os meninos tinham aquele entusiasmo, tinha aquele interesse pelo estudo, pelo catecismo, pela cidade, pra tudo mais do que os de hoje. Era bom demais, os meninos tinham aquele interesse, tinham muito amor pela cidade. [...] Nós lutamos também com bocado de dificuldade porque tudo aqui era difícil, a gente pegava água na cabeça pra tudo, pra lavar os copos, lavar panelas, pra beber, lavar tudo. Aqui tinha duas escolas, mas a merenda era feita em só uma escola, então a gente carregava a merenda pra a outra escola na cabeça, botava a “rodia”⁹ na cabeça e transportava pra outra escola. Era tudo muito difícil, mas a gente vencía as dificuldades, os professores tinham muita boa vontade pra ajudar. (D. Natividade).

Destacam-se, nesses depoimentos, as ações sociais e políticas caracterizadas pela idéia de interesse, esforço, estímulo e integração, elementos constituintes de uma formação identitária mais sólida e participativa. As professoras apontam as dificuldades encontradas, ao mesmo tempo em que também ressaltam a vontade de vencer expressa nas ações coletivas. Percebe-se, ainda, que carregam a história de Montalvânia em suas memórias individuais com muito orgulho, demonstrando uma grande admiração pelos conterrâneos dessa época e pelo espírito de coletividade que transcendia as questões pessoais e estimulava a cidadania.

A caracterização de uma identidade com bases locais emerge também nas falas de dois alunos, Nivalter e Almir, integrantes das primeiras turmas escolares que, juntamente com seus familiares, migraram da Bahia para Montalvânia, na década de 50:

Muitos dos alunos ‘daquela época’ do ginásio, no início de Montalvânia, estudavam com a idéia, a filosofia, a responsabilidade de formar e dar um retorno para a cidade. Muitos cursavam o ginásio e já começavam a trabalhar na cidade. Outros deram continuidade aos estudos, formaram em medicina, engenharia, advocacia, veterinária, etc., procuraram meios para voltar, alguns conseguiram,

⁹ Ródia = rodilha um suporte feito de pano, o qual é enrolado para servir de apoio para o peso que é colocado na cabeça.

outros não, mas mesmo os que não conseguiram voltar por falta de melhores condições de trabalho, estão voltando depois de aposentados. Muitos deles pensam no futuro de Montalvânia, buscam formas de poder contribuir com o desenvolvimento da cidade, porque eles foram formados com aquela idéia, aquela filosofia do Montalvão. (Nivalter)

O Ginásio foi fundado com muita dificuldade, pois não tinha professor, então Antônio teve que buscar professores de fora. E vieram bons professores, como professor Giuseppe, excelente professor, professor Crup com a esposa que era também professora e o professor Ginésio, de Belo Horizonte, que falava inglês. O Ginásio aqui começou assim, com esses professores. O professor Giuseppe, ex-padre italiano, é que era o diretor. Nós tínhamos aula de canto e formamos uma banda completa. Era tudo muito difícil, mas Antônio conseguia tudo para Montalvânia e aos poucos Montalvânia foi tornando-se conhecida aqui na região. (Almir)

O que vai ao encontro das palavras de Valter Almeida Fernandes, 47 anos, filho de migrantes baianos (sua mãe foi enfermeira e parteira no início da década de 60 em Montalvânia e seu pai um dos primeiros farmacêuticos da cidade) e que hoje reside em Guanambi na Bahia, mas que pensa no seu retorno a Montalvânia:

A filosofia de vida que Montalvão passava para as pessoas enraizava na formação dos jovens, de forma que estes passavam a buscar um caminho mais próspero. Veja bem! Antônio Montalvão sempre incentivava os jovens a estudar, a ler, a ter uma cultura mais rica e a visualizar uma vida mais evoluída do que a presente na região e, olha que, para a época, Montalvânia era bastante evoluída. Naquele tempo em Montalvânia, todos, após a concluir o ginásio, que era muito bem reconhecido na região como um ótimo ensino, procuravam meios de ir estudar num centro urbano maior, principalmente em Brasília, Belo Horizonte e Montes Claros. Antônio Montalvão incentivava a todos indiscriminadamente, pobres e ricos. Ele mostrava a necessidade de todos se tornarem doutores em uma universidade, como também, a grande necessidade de que esses filhos de Montalvânia retornassem, após a conclusão dos estudos, para darem a sua parcela de contribuição no desenvolvimento e progresso da cidade. Fomos criados dentro dessa filosofia de Antônio Montalvão. E com certeza, todos da nossa geração que ainda não voltaram para a cidade, pensam em seus regressos a Montalvânia. É um sentimento muito forte, ou seja, uma mistura de amor e compromisso com a cidade.

Nesses depoimentos, transparece que ações coletivas e individuais de Montalvão perpassada, sobretudo, pelas intenções políticas e o desejo de buscar melhores condições estruturais para a nova cidade extrapolam as ações administrativas e

entram pelas salas de aulas, envolvendo professores e alunos, infiltrando-se na formação dos jovens e criando um sentimento de “patriotismo local”. Enfim, parecia existir uma integração entre a escola e a comunidade, o que, com certeza, contribui para um melhor conhecimento local, o que estimula a formação de uma identidade mais sólida nesse tempo.

A confiabilidade social, política e econômica gerada pela liderança emergente e ousada de Montalvão, e a implantação de escola em Montalvânia chamavam a atenção das famílias que se sentiam obrigadas a procurar os centros urbanos para que os filhos pudessem estudar.

O espírito de desenvolvimento e progresso dominante na fase inicial da cidade e mais as vantagens oferecidas, como doação de lotes, construções em mutirões¹⁰, trabalho, educação, opõem-se agudamente à realidade socioeconômica do Norte de Minas na década de 1950, desencadeando uma migração significativa de famílias carentes da região e do Sudoeste da Bahia para Montalvânia, evitando assim um maior índice do êxodo rural regional.

E assim, à medida que Montalvão empreende ações que possibilitam alterar a vida social da localidade, mais adeptos ao seu projeto vão-se apresentando. A mensagem política veiculada por Montalvão trazia, explicitamente, uma proposta de reordenação da realidade, o desenho de algo novo a partir do já existente, o que conquistou grande adesão (RIBEIRO, 2001).

Nesse sentido, Nivalter complementa:

*Meu pai tinha aquela preocupação para que os filhos estudassem.
Inclusive lá na região, com várias exceções, todo mundo era*

¹⁰ Refere-se a mutirão quando se trata de auxílio gratuito que os agricultores interessados em morar na nova cidade realizavam em grupo.

analfabeto, inclusive a minha mãe, mas o meu pai tinha uma certa cultura para a região. Ai ele foi a São Paulo para ver uma forma de transferir a nossa família para lá com o objetivo de que os filhos pudessem estudar. Ficou lá um ano e pouquinho e a minha mãe assumiu os filhos e a roça. Quando meu pai voltou, foi quando o seu pai, o Montalvão, (saudosa memória), tinha começado essa luta dele contra o coronelismo e pela criação de Montalvânia. Montalvão fez uns jornalzinhos mimeografados e esse jornalzinhos chegaram até lá na Bahia, esses jornalzinhos diziam: 'venham a Montalvânia', Montalvânia ainda nem existia, tinha só o traçado feito por ele. Mas meu pai veio e conversou com Montalvão e naturalmente Montalvão deve ter dito que em breve iria ter escola em Montalvânia para todo mundo. Então meu pai voltou para casa todo entusiasmado e falou: olha! Nós não vamos mais para São Paulo, nós vamos para Montalvânia. E assim viemos. Montalvão facilitava tudo para ajudar as pessoas e, sendo assim, aqui começamos a trabalhar e estudar. [...] Eu passei um tempo fora, mas depois que me aposentei retornei para Montalvânia e daqui não pretendo sair.

Mais seis depoimentos – Sr. Durval Fernandes, do Sr. Trajano Ribeiro, 82 anos, agricultor também migrante nordestino; do Sr. Leonardo Lessa Marinho, 85 anos, fazendeiro que sempre residiu na região; do Sr. Julinho Viana, 72 anos e do Sr. Francisco José dos Reis, 77 anos, mais conhecido por Chico Reis, primeiros comerciantes cidade; e de dona Lourdinha Reis, 77 anos, primeira professora local – enfatizam o espírito de esperança e de expectativa de uma vida melhor com a formação de Montalvânia:

Quando eu vim para Montalvânia, eu vim porque já sabia que Montalvânia era uma cidade de futuro. Trouxe toda a minha família, porque pensava colocar os meus filhos na escola. E chegando aqui me estabeleci no comércio e tive sorte e assim me sucedi. E aqui damos as nossas parcelas de ajuda e contribuimos com esse pessoal sofrido no que pudemos. (Durval)

Montalvão comprou isso aqui e começou a distribuir lotes, aqui pra nós. Ai eu vim pra cá. Ganhei lote também. Ajudei a construir, o primeiro barracão mesmo eu ajudei. [...] Antônio fundou isso aqui e queria que tivesse escola pra todo mundo. Aqui tinha escola também nas casas das fazendas, o professor ia lá nas fazendas ensinar. Aqui começou com muita gente da Bahia. Antônio distribuía lote, aí correu a notícia e veio muita gente pra morar aqui. (Trajano)

Quando ele[Montalvão] chegou aqui, o pessoal era todo analfabeto e tinha muita gente doente por causa do paludismo na região. Ele viajava e ia procurar recursos no governo, trouxe escola, sabedoria e

cura pra os doentes. Beneficiou esse povo tudo. [...] Ele entrou nessa Montalvânia com um comércio bom e morreu pobre e deixou todo mundo rico. Deixou rico porque foi por intermédio dele que acabou o paludismo e veio a sabedoria. Esses pais de família que têm seus filhos que vivem na cultura de hoje, considera rico. E todo mundo aqui era pobre, não tinha condição pra ensinar os filhos, pra dar cultura. Eu mesmo sou um que faço parte deles e por isso eu falo e gabo Antônio, até porque meus filhos têm uma sabedoria e se fosse pra ensinar em outro lugar eu não tinha competência e condição. Então eu fico muito agradecido por ter trazido essa Montalvânia aqui. Hoje tem muita gente formada, os nossos filhos são tudo beneficiado. É o que eu conto dele. Ele lutou muito na vida dele, foi fazendo as coisas todas, lutando e trabalhando e deixou muita gente alicerçada. (Leonardo)

Nós viemos da Bahia, mudamos pra Minas em 50, quando foi em 52 Antônio Montalvão comprou isso aqui de Manoel Rodrigues. Depois Antônio começou a briga pra fazer a cidade. Ai ele me deu um lote. Ele falou assim: moço vem pra cá que eu te dou um lote pra você fazer sua casinha. Ele dava o lote e a pessoa tinha o prazo pra construir e ai ele dava o documento. Ele queria que construísse que era pra que a pessoa ficasse aqui e que aqui crescesse. Comecei a fazer essa casinha aqui e tô aqui até hoje. Nunca redei o pé daqui. O meu comércio atrás desse balcão foi um dos primeiros aqui. (Julinho)

Eu morava em Poções, vim pra cá trabalhar na construção da barragem e achei tão bacana que não quis mais voltar. (Chico Reis)

A gente vinha pra feira, trazia o caminhão com mercadoria, armava a barraca e ia vendendo tudo. Depois nós compramos uma casa e levantamos a parede e o balcão de adobo. Ai deu certo e não quisemos mais voltar pra Poções. (Lourdinha Reis)

Nesse contexto, verifica-se que as idéias de inovação, de trabalho e cultura são preceitos fundamentais que orientam a dinâmica de formação da cidade que se constituiu tanto em meio a conflitos como no compartilhamento de experiências de múltiplos sujeitos. Essa forte implicação dos sujeitos nos processos de formação da cidade os constitui como cidadãos e sujeitos pioneiros da localidade por meio de projetos e ações que buscam soluções para problemas regionais.

Nesses relatos, cruzam-se elementos da história pessoal com informações sociais e lutas para a construção da cidade. Entretanto a formação da cidade, que exemplifica a história de luta política, ideológica e social, hoje se encontra,

simplesmente, guardada na memória desses mais velhos e que, por muitas vezes, não são reconhecidos e nem valorizados como sujeitos que trabalharam como construtores da cidade.

No âmbito da educação atual, as falas que registramos revelam a pouca valorização dada pela escola às questões referentes ao passado da comunidade. Parece que a escola não busca a integração com esses guardiões, não inclui essas vivências nas suas atividades. A idéia central retirada dos discursos aqui analisados é de que a escola não se tem preocupado com as memórias coletivas da comunidade, ora por falta de integração entre escola e comunidade, ora por desinteresse político dos opositores de Montalvão em relação à memória de suas realizações. A professora Albertina Cardoso Sabino, mais conhecida por Neta, 53 anos, descendente de migrantes nordestinos e em atividade nas escolas da cidade, ressalta:

Hoje a escola não tem mais aquele entusiasmo nas comemorações que integram a escola à comunidade. Atualmente no aniversário de Montalvânia, são poucas as professoras que pedem para os alunos pesquisarem sobre a história da cidade; isso acontece de forma muito rara. Também existem aqui, muitos professores de fora e parece que eles não dão muita importância para a nossa história no passado, que não é a mesma história deles, eles estão mais envolvidos e em fazer a própria história atual na cidade, a história do presente, sem ligação com os nossos primórdios. Isso é muito triste, porque realmente a história do início de Montalvânia é muito interessante e importante para todas as gerações e a gente não pode perder, não pode deixar de contar para os nossos alunos.

O processo de perquirir e analisar os fatos e referências históricas estruturados pela memória seja individual e/ou coletiva, não parece, sob a ótica dos mais velhos, despertar o interesse dos professores na atualidade, considerados, aqui, mediadores entre os alunos e o conhecimento contextualizado.

Identifica-se, também, uma grande preocupação das gerações mais antigas em relação à falta de referenciais teóricos. Essa inexistência de registros sobre a história da

cidade é uma questão bastante debatida pelos entrevistados, como um *vazio literário*, uma lacuna no desenvolvimento de atividades escolares. A professora Neta continua:

A escola tem dificuldade de transmitir o conhecimento da história. Falta subsídio literário e um museu. Falar do abstrato é uma coisa, mas falar do concreto é outra coisa. Hoje, aqui em Montalvânia, as crianças têm muito mais acesso às notícias da tv, do que acontece em lugares bem distantes, mas não conhece a sua própria história. Precisamos urgentemente de um livro sobre Montalvânia e de um ponto de referência que seja um lugar de memória viva. No mês do aniversário da cidade, falamos um pouco sobre a formação de Montalvânia, como o nome do fundador, a data de fundação, que aqui era uma fazenda que Seu Antônio Montalvão comprou e doou para a construção da cidade. Mas sobre as lutas, sobre as histórias do passado fala-se muito pouco. A minha família foi uma das pioneiras. Aqui lutamos muito pelo desenvolvimento da cidade e hoje poucos sabem da nossa história. [...] O que percebemos também é que tem tido chegado muitas pessoas de fora, muitos professores de outros lugares e que parece é que eles não se preocupam em preservar a história da cidade. Não mostram nenhum interesse com o conhecimento do nosso passado. Se não houver um trabalho de conscientização e valorização da história da cidade, ela vai-se perder, aliás, já está se perdendo.

Percebe-se que existem duas vertentes cruciais: de um lado, a falta de subsídio teórico e de um lugar de memória; de outro, a falta do ensino-pesquisa que venha valorizar a peculiaridade e a diversidade históricas no enfoque escolar.

Verifica-se, também, que parece não existir uma integração da escola com as testemunhas da história do passado. Isso, conseqüentemente, não desperta nos alunos o respeito e o reconhecimento aos seus antepassados históricos.

É também muito preocupante a observação feita pelas professoras entrevistadas em relação aos que chegam à cidade e que pouco sabem das lutas históricas do lugar, dos confrontos e desafios enfrentados para a construção de Montalvânia e que, também, por questões pessoais e até mesmo por questões políticas, pouco valorizam esse passado histórico. Acentuam também a questão da falta até mesmo de conscientização dos professores, principalmente os oriundos de outras cidades, que, por não vivenciarem o

processo histórico local, parecem não dar a necessária importância à memória social e ao enraizamento constituído de diversidade e pluralidade cultural. Isto, de certa forma, atenua um efeito somatório no processo de desalojamento da identidade do aluno.

Eric Hobsbawn, no seu livro *A Era dos extremos: o breve século XX* (1995, p.46), faz um alerta, nesse sentido, acerca da ameaça da destruição do passado e a perda de referenciais históricos por parte da população mais jovem:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.

Portanto, é importante assinalar, mais uma vez, que a não participação da escola na preservação da memória social pode contribuir para a cultura do presenteísmo que aos poucos vai estabelecendo ruptura com o passado e com a diversidade cultural presente em processos históricos específicos. De acordo com Oriá (1995), isto poderá comprometer a formação de uma identidade nacional plural, assentada no reconhecimento da memória como princípio fundante para a construção de uma sociedade mais democrática que todos almejam.

O conhecimento da realidade histórico-social através do estudo da História, na sua manifestação mais imediata, parece fundamental para a compreensão dos sujeitos históricos, não de forma dedutiva, mas de forma reflexiva e crítica. Isso poderá contribuir para diminuir o impacto do mundo global em que estamos vivendo, que é impulsionado por uma política de homogeneização cultural consubstanciada por invasões eletrônicas (a tv, Internet, rádio, etc.), que aproximam padrões e valores

culturais distantes e vêm provocando, especialmente nos jovens, a perda dos referenciais cotidianos. Nota-se, portanto, a fundamental importância de se encontrar “um lugar na escola para a história local” (ORÍÁ, 1995, p.43).

Para finalizar essas considerações, lembramos o que Freire (1987, p.149-150) coloca sobre a questão da invasão cultural nas pequenas localidades:

Os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. [...] Como manifestação da conquista, a invasão cultural conduz à inautenticidade do ser dos invadidos. O seu programa responde ao quadro volutivo de seus atores, a seus padrões, a suas finalidades.

Nessa perspectiva, é preciso que a escola esteja atenta para ir de encontro ao caráter indutor e homogeneizador cultural da globalização. E para isso se faz indispensável o conhecimento histórico, o respeito à diversidade, ao multirreferencial, através dos quais possam determinar algumas alternativas para um possível futuro conduzido no sentido do interesse local e nacional, sustentado nos nossos padrões e valores culturais, construtores da nossa identidade brasileira.

5.3 AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DO PASSADO E DO PRESENTE NA CIDADE

O espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas, estabelecem, projetam, realizam suas vidas. O que trazem, o que inventam, o que transformam está além de qualquer possibilidade positiva de determinação. [...] O exemplo maior desse processo estaria fotografado no cotidiano que mais e mais cerca a vida das cidades [...] (MONTENEGRO, 1994, p.9)

É marcante, nas falas, a presença do idealismo, da coletividade, das dificuldades vencidas pela luta, pelo espírito de construção da cidade. Assim também, a

esperança de que venha a mudança através das novas gerações, além da criação de um impacto dicotômico ante as ações coletivas do passado e as ações do presente na cidade. De um lado, um passado triunfante e glorioso; do outro, um presente com pouca credibilidade política. Percebe-se, assim, a convivência de um ideal com um real, sustentada pelas experiências vividas e pelas comparações e construções de significados.

Nota-se, ainda, que atualmente na cidade pessoas dizem não estar convivendo com ações políticas democráticas e, até mesmo, se sentem impotentes ante as decepções governamentais, que acabam desmoronando todas as expectativas depositadas nas urnas eleitorais. Isso, muitas vezes, serviu de confronto e comparação com o sentimento coletivo e participativo enfatizado nos depoimentos referentes ao início da cidade, aguçando mais ainda a reflexão sobre o combate ao cotidiano político e social presente na cidade.

Esse confronto entre um passado de glórias e um presente insatisfatório foi constante nos depoimentos. Nivalter coloca:

Montalvânia tinha um líder, um cara dinâmico com idéias avançadíssimas, que era Antônio Montalvão. O Antônio nos transmitia uma condição de visualizar uma Montalvânia rumo ao desenvolvimento e progresso. Naquela época, a gente tinha o sentimento e o entusiasmo de que estava construindo algo muito bonito. Existia em todo mundo uma vontade ferrenha, obstinada de transformar tudo, conquistar um espaço de melhores condições de vida. A nossa visão era de que a gente que estava formando a cidade. E como a gente adorava e respeitava Montalvão. Era a Montalvânia idealizada por Montalvão, a Montalvânia nossa, não essa Montalvânia de hoje. O que era transmitido na cidade incentivava muito a gente a querer lutar e a buscar uma Montalvânia cada vez melhor. O ambiente em que a gente vivia, dava condições de querer e buscar uma Montalvânia bem diferente do que ela está sendo hoje. Montalvânia já foi uma cidade de destaque, desenvolvia muito mais do que as cidades vizinhas, mas de uns anos para cá, as "coisas" foram mudando. É uma grande pena! Porque a gente tinha aquela vontade enorme de conquistar posição diferente, de ajudar Montalvão. Hoje tudo está muito difícil, as pessoas estão

individualistas e não pensam mais no coletivo, perderam o espírito de luta.

Ao lembrar o passado, esse testemunho satisfaz a sua própria exigência pela manutenção de uma harmonia coletiva vivida no passado da cidade, conseqüentemente, um contínuo desenvolvimento local. Ressalta o modo coletivo de vida na cidade nos seus primórdios, enquanto, no presente, as pessoas tornaram-se mais individualistas. Mas não podemos deixar, também, de considerar nessa descentração das ações sociais a influência de uma estrutura social e econômica globalizada, que vem acelerando o desalojamento da identidade local.

Essa discussão do desalojamento identitário encontra ressonância na fala de Nivalter:

Naquele tempo existia Montalvânia, o povo era muito lutador e Antônio Montalvão só pensava em trazer benefícios para a cidade, queria ver o progresso chegar nessa região. Com muita dificuldade, Antônio se esforçava e conseguia tudo de bom pra Montalvânia. Ele fez estradas, até a que liga Montalvânia a Brasília, asfaltou a cidade, trouxe escolas, médicos e fez muita coisa com recurso dele mesmo, até a fazenda Vaca Preta¹¹ ele vendeu para asfaltar a cidade. E hoje eu fico muito triste com o que aconteceu com Montalvânia, pois nos últimos anos só tivemos decepções.

Indo ao encontro do pensamento de vários autores, já citados, não só nesta, mas também em outras falas, observamos freqüentemente a atribuição da necessidade de uma identidade local mais sólida e enraizada em um passado histórico, que precisa ser preservado como subsídio para a formação de uma cidadania mais participativa. Nesse sentido, a professora Natividade Ribeiro, 68 anos, professora e diretora da escola da cidade no seu início, hoje aposentada observa:

Acho muito importante essa história toda de Montalvânia, eu gosto muito daqui, as minhas filhas hoje moram fora, mas se eu tiver que ir

¹¹ Nome da fazenda de propriedade de Antônio Montalvão.

embora daqui, eu não vou não, porque eu fico com o coração muito amarrado, não sinto vontade de sair daqui. Quando passo uns dias fora e que começa a demorar um pouco eu já fico com vontade de vir embora pra cá. Gosto mesmo é daqui. Apesar daqui ter caído muito, porque eu vi Montalvânia emancipar, cheguei pra aqui logo depois que Seu Antônio adquiriu a fazenda que foi em 52 e eu cheguei aqui em 61 pra trabalhar aqui. Eu gosto demais de Montalvânia, pra mim ela está guardada dentro do meu coração. E seu Antônio! Nunca vou esquecer dele, tenho até umas fotos dele guardadas aqui em casa.

O sentimento de territorialização e amor a terra parecem estar imbricados ao passado. É muito forte a presença do passado nas discussões sobre o presente. Surge como reflexão dos momentos do “aqui e do agora”, a partir dos momentos de outrora. A história local, reconstruída pelas interpretações dos depoentes, é constituída, em sua maior parte, como vimos, das boas lembranças.

Todavia, no presente, são poucas as lembranças das atividades que ressaltam as lutas dos sujeitos históricos pelo desenvolvimento local, tanto na comunidade como na escola. As referências aos indivíduos sociais, sujeitos construtores da história local, acabam passando despercebidas no cotidiano da cidade. São poucos os eventos que valorizam e buscam a preservação da memória da cidade. Sr. Manoel de Souza, agricultor aposentado de 76 anos de idade e que trabalhou na fase inicial da construção da cidade, fala sobre os poucos momentos em que ouve falar sobre o passado na cidade:

Quando eu mais vejo as pessoa falar da história de Montalvânia é quando chega no tempo da eleição, todo mundo lembra das histórias de Montalvânia, do povo antigo, das famílias que veio pra trabalhar na cidade e que começou isso aqui. Ninguém esquece do que já foi feito e de seu Antônio Montalvão e de tudo que ele fez pra Montalvânia. Ai sim, é hora dos candidato e desses político tudo ai subir nos palanque e lembrar de seu Antônio Montalvão. Mas depois que ganha a prefeitura não lembra nem de colocar uma placa dele na cidade. Você vê! Já vai fazer uns dez anos que Seu Antônio faleceu, já era pra ter uma esttua dele aqui bem na praça, mas até agora ninguém ainda colocou. Fica todo mundo só no interesse de ganhar a política.

No depoimento desse interlocutor, entre os eventos sociais e políticos da cidade, destaca-se o do período de campanhas eleitorais no município, quando as histórias dos antepassados são mais lembradas na comunidade.

O conjunto de lembranças, deixado pelas substâncias dessas memórias que aqui foram colhidas, desvela a importância da história passada no presente das pessoas e traz à tona referências a um *belo passado* e o desafio ao presente de recuperá-lo.

E assim essas recordações se foram cristalizando em interpretações e significados para os depoentes, pois, ao recordarem o cenário inicial da cidade, o passado parece vir ao encontro do presente. E, de lembranças em lembranças, as memórias individuais se foram alinhavando e constituindo a memória coletiva da cidade, desde a sua fase inicial.

Os relatos das vivências desses atores sociais formaram esteios da memória social aqui reconstruída, procurando tornar a história dos mais velhos em objeto de fortalecimento da identidade cultural mediante a socialização de suas experiências e de seus saberes, com o intuito de elucidar a cultura local e transmiti-la às novas gerações. Esses relatos tornam-se também tributo àqueles que têm presença importante na vida social de Montalvânia, expressando tentativas de preservar seus feitos e sua permanência na memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
ARREMATANDO PARA O FUTURO OS FIOS DO PASSADO...

No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode-se formar. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.24)

Arrematar os fios condutores de uma pesquisa, ou seja, concluí-la é tão difícil quanto iniciá-la, mas creio que o mesmo pulsar que permeou todas as minhas ações de pesquisadora em constituição se estendam até aqui, envolvendo-me na busca da identificação e do entendimento de um saber local, num tempo onde forças da contemporaneidade ofuscam o vivido.

Diante de um presente conturbado pelas questões que afligem o local e o global, tornou-se inquietante saber como manter nossa singularidade, nossa história pessoal e coletiva em um tempo planetário. A vida é sempre convivência. Ela se desenvolverá na medida da nossa interação com os outros; outros no passado, no presente e no futuro. A riqueza da nossa vida, desse modo cotidiano de viver, dependerá do quanto tivermos de densidade histórica, de memória pessoal e coletiva.

O problema é que, inseridos num movimento global, tendemos a esquecer, a desconsiderar a própria realidade, pois, com a massificação da vida em todos os níveis, o sujeito tende a se abstrair do concreto que lhe poderia dar o verdadeiro sentido da vida tanto pessoal como coletiva. Em contraponto a essa política de universalização cultural, é preciso conhecer a cultura através do que é transmitido pelas gerações antecedentes, do cotidiano, da música, dos livros e da história. Cuidar de nossas memórias, das nossas pequenas histórias, do local ante o global, preservar o que for possível, respeitar as peculiaridades e singularidades formadoras de identidades mais sólidas e reconhecer que passado e futuro fazem parte do presente.

Foi com essa preocupação que busquei em cada depoente os significados e subjetivações inerentes a cada um dentro da sociedade local e, ao mesmo tempo,

globalizada, propondo assim ressaltar a singularidade e a diversidade cultural, nesta época e neste universo caracterizado pela massificação impiedosa e pelo melancólico tormento da busca da identidade.

Nesse sentido é que, entrevistando os depoentes, foram desvendadas as marcas das histórias lembradas e narradas. À medida que estas marcas surgiam na memória individual é que se ia construindo o campo da memória coletiva. É a partir desses depoimentos que se pode compreender um pouco da história do fundador de Montalvânia preservada nas lembranças desse grupo participante da formação inicial da cidade. Portanto, a trilha histórica foi construída no intento de resgatar os registros das memórias e, conseqüentemente, a forma como estas atuam na determinação da compreensão do passado, do presente e do futuro.

A abordagem das memórias se estabeleceu na forma como foram rememoradas pelos atores sociais. Como ficou demonstrado pelos depoimentos, a memória sobre o fundador de Montalvânia e a construção da cidade foi esmaecendo durante o passar dos anos. Neste trabalho, foi dada voz a sujeitos que participaram da construção do passado, os quais, pelas suas reminiscências afloradas com condimento, tempero, gosto, prazer e dor foram dando um certo sentido e direção para o presente e o futuro, permitindo avançarem reflexões a respeito das questões do desalojamento e redefinições de identidades.

Adentrando o novo contexto histórico de Montalvânia, pode-se constatar por meio do que é vivido no presente e guardado na memória coletiva, que o projeto que animou as ações de vários sujeitos sofreu seus revezes, dando lugar a um período de crise diante de um tempo de incertezas, evidenciado em narrativas como:

Fui cozinheiro dos trabalhador e pedreiro que aprendeu a profissão de pedreiro com as obras do início da cidade. Montalvânia mudou muito, eu tenho saudade de Montalvânia quando começou. (Neguim Siqueira, 62 anos)

Montalvânia já foi uma cidade muito boa. A cidade foi feita com muita garra e vontade de crescer. Seu Antônio trazia tudo pra essa Montalvânia. E não faltava trabalho pra gente. Tudo era mais fácil. Hoje você tá vendo como é que a cidade ficou. Acabou muita coisa boa. Depois do seu Antônio, a cidade parece que ficou esquecida. Nos últimos anos, os prefeito que entrou, não fez mais nada, nem sequer conservou o que seu Antônio deixou.[...] Naquele tempo eu vivia até bem, não me faltava trabalho. Aqui hoje muita gente passa é muita dificuldade pra sustentar as família. Uns tiveram até que mudar daqui. Pois trabalho tá muito difícil! As condição de vida mudou muito. (Sr. Manoel de Souza, 76 anos)

Seu Antônio Montalvão era um homem de muita coragem, muita coragem mesmo. Só que aqui em Montalvânia não entrou um homem daquele mais não. Aqui em Montalvânia parece que só entra quem quer acabar com o que ele fez. Agora eu sei que bom pra trabalhar igual aquele é difícil, muito difícil mesmo. (Luis Preto, 66 anos)

Essa insatisfação com o presente da cidade que diversos entrevistados expressaram apontou a necessidade de atrelar o processo de crise ao desalojamento identitário. Na cidade, os modos de interagir e conviver foram sendo modificados aos poucos; a identidade que fluía naturalmente e se tornava presente no modo coletivo de vida no cotidiano da cidade se foi desalojando.

A crise instaurada no cotidiano da cidade, na atual conjuntura de incertezas, aflições e ruptura entre o passado e o presente, encontra-se envolta num clima de insegurança e necessidade de decisão. Mas como argumenta Morin :

A crise refere-se à progressão de incertezas; mas isso não significa confusão, ou que estejamos perdidos nela. Crise quer dizer que perdemos a evolução linear, o devir pré-programado, o futuro autorizado, mas ganhamos um complexo de idéias críticas. (apud TEVES & RANGEL, 1999, p.121)

O que se percebeu é que não foram poucos os fatores que contribuíram para essa situação, inclusive o próprio discurso de crise que encoberta as ações em favor de um espaço público conturbado pela despolitização.

A partir de uma nova administração em oposição ao grupo político de Montalvão, a cidade passa a viver sob o clima de denúncias de atos de corrupções e ilegalidades políticas. E por mais de duas décadas de insatisfações administrativas na localidade, registraram-se poucas manifestações públicas em prol do avanço da democracia e do progresso na cidade, como uma passeata feita em protesto contra a corrupção política local:

Estão ouvindo esse barulho? é a comunidade de Montalvânia e Poções fazendo uma passeata em protesto contra o prefeito. Aqui tem uma faixa: 'Sr. prefeito os nossos funcionários precisam ser pagos'. Estão passando os motoqueiros, os caminhões. Uma outra faixa: 'Sr. prefeito onde anda os recursos destinados à educação? O transporte coletivo dos nossos alunos?' [...] É um protesto da comunidade de Montalvânia e de Poções. Aqui estão os cavaleiros, todos também em protesto: 'Prefeito precisamos de segurança'. 'Sr. prefeito o que tem feito com o dinheiro da saúde?' 'Caros vereadores votamos na sua honra, competência e trabalho sério, nos ajude!' São muitas faixas, mais uma outra: 'Sr prefeito para um bom governo: saúde e educação são prioridades'. São muitos veículos, caminhões e caminhonetes com pessoas nas suas carrocerias. Muita gente em protesto ao prefeito dessa comunidade. [...] E a passeata continua descendo a rua Marco Aurélio e já rodou toda Montalvânia, buscando despertar a população, buscando mostrar a revolta com a política atual em Montalvânia[...] (Almir)¹

Percebe-se, embora com pouca intensidade, que o cenário da realidade atual começa a recolocar novos desafios. Na efervescência do estado de crise, começa a emergir um novo espaço para as idéias críticas, que quase sempre abrem caminhos para a transformação e a metamorfose. Nesse sentido, Castells (1999) fala-nos sobre a (des)centração da identidade, que se desaloja e (re)aloja a partir de trincheiras de

¹Passeata de 24 de julho de 1999 em protesto aos longos anos de crise instalados na cidade. Registrada em fita cassete por Almir Sabino de Azevedo.

resistências às ações de opressões sociais, considerando que as identidades não são rígidas e que resultam da transitoriedade de processos de identificação temporal, ou seja, de identificação em curso. Essa concepção de desalojamento identitário nos levou a refletir sobre as ações sociais e políticas que se desencadearam nos mais recentes anos de Montalvânia (ação-reflexão-ação), e que, conseqüentemente, têm rompido com a teia de sustentabilidade da cultura local, que, por sua vez, sente-se também ameaçada pela invasão cultural da globalização, que tem distanciado, cada vez mais, a identidade local das possibilidades de uma cultura múltipla e não homogênea. Demo (1998, p.27) ressalta:

O processo de aprendizagem é realizado não de modo desencarnado, isolado, inventado, mas na esteira geracional, que supõe sempre também transmissão; o processo transmissivo, por sua vez, não pode ser concebido como ponto final, mas precisamente como ponto orgânico de partida; a nova geração não tem como tarefa histórica apenas fazer o que a anterior fez, mas superá-la dentro do desafio do aprimoramento da competência, seja porque tem direito à individualidade própria, seja porque a história, por definição, pode sempre ser aperfeiçoada.

Nesse contexto, a educação ganha novas finalidades e conteúdo, e Morin (2000, p.61) nos fornece elementos para melhor formulá-los:

A educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. [Pois] uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. [Que] conduzirá à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento[...]

Ao se trazer à tona memórias coletivas de um determinado grupo participante do projeto de fundação da cidade – cujo processo de construção foi redirecionado na década de 70 com a mudança política local – emergiu, como confronto histórico, a atual trajetória da cidade que apresenta uma história presente muito diferenciada,

politicamente, da história no passado, sinalizada, sobretudo, pela falta de credibilidade social e política dos administradores do município, agravada por um prolongado silêncio local e por mudanças estruturais e conjunturais no mundo globalizado. Somente agora, na atual gestão administrativa que se iniciou no ano de 2001, a cidade parece despertar à procura de si mesma.

Essa inquietação foi acentuada na celebração de uma missa em comemoração ao quadragésimo nono aniversário de Montalvânia em 2001, quando ao final se proferiu um relato²:

Mas e Montalvânia? Nossa aniversariante, o que pensa de tudo isso? Ah! Se pudesse manifestar, certamente diria: Sou uma pequena cidade, sonhada e planejada às margens de um rio lindo de água cristalina. Carinhosamente fui sendo conduzida por meu idealizador que sempre me dizia: 'Quero vê-la um dia brilhando como um cristal'. E eu crescia feliz vendo o povo cantar: 'Montalvânia, Montalvânia de Montalvão, Montalvânia de todos nós, Montalvânia do meu coração.'

³ Mas um dia, triste sina, quem mais me amava, quem cuidava de mim com carinho partiu para sempre e eu fiquei só, abandonada e órfã. Passaram a me destruir, a me torturar de forma vil e covarde. Diziam-se políticos, mas como abutres dilaceraram minhas entranhas enfraquecendo-me. Hoje aqui na Casa do Senhor e como aniversariante venho pedir-vos: Senhor! Ilumine essa nova administração⁴ assim como outras tantas que virão, que elas possam utilizar a política como instrumento para promover as transformações sociais. [...] Senhor, quero políticos comprometidos com minha realidade, e que sejam capazes de resgatar o progresso que sempre sonhei. [...] Senhor, quero políticos que criem infra-estrutura, asfalto, construam praças, os que acima de tudo invistam em qualidade de vida permitindo ao jovem crescer informado e educado para não serem no futuro verdadeiros subservientes. Enfim Senhor, quero políticos que conduzam seu mandato com honradez, dignidade e compromisso com meu futuro, assim como quero participativos nessas transformações e ajudem a escrever a minha história para que eu possa brevemente voltar a brilhar como um cristal. Este é o presente que eu mais gostaria de receber. Obrigada!

² Escrito por Antônio Horácio Sales, filho do Sr. Edmê Sales, ex-morador da cidade de Manga, que se mudou com a família para Montalvânia logo nos primeiros anos da cidade, buscando dividir sonhos e lutas, juntamente com Antônio Montalvão, por uma cidade mais justa e democrática.

³ Frase retirada do Hino de Montalvânia, de autoria de Filadelfo Sabino de Azevedo.

⁴ Período de transição política com a mudança do prefeito da cidade e de grande expectativa de uma melhoria no campo social, político e econômico no município.

Um ano após a nova mudança no quadro político da cidade, com a entrada em cena da nova administração local, percebeu-se um renascer da credibilidade política concomitantemente com a valorização da história local. Durante as comemorações do 50º aniversário de fundação e 40º de emancipação da cidade em 2002, as escolas da cidade desenvolveram ações que buscam a reconstrução da memória local.

O novo espaço que se cria de reconstrução da história da cidade evidencia os episódios significativos dos anos percorridos nas lembranças das pessoas, nas faixas e passeatas. O que se percebe é que o cenário melancólico da realidade insatisfatória recoloca sempre novos desafios que vão ao encontro do passado histórico. Ao trilhar a prática cotidiana dessa população, os autores sociais apontam momentos de vitórias e derrotas, elementos de união e desunião de força e fragilidade.

É o que se percebeu no discurso proferido por Cássio Montalvão, 42 anos, filho de Montalvão, engenheiro civil e político atuante em Montalvânia, durante as comemorações do 50º aniversário da cidade, quando ele acompanha em sua narrativa as ações dos mais antigos e as relaciona com o presente e o futuro. Revisita a história do passado da cidade com todos seus figurantes, nas suas práticas diversas e distintas (fazendeiros, pedreiros, agricultores ...), na luta cotidiana para a construção de Montalvânia. Práticas que se transformaram em saudosos resíduos de um tempo vivido, que penetra nas relações socioeconômicas do presente:

Eu quero de início homenagear o fundador da cidade Sr. Antônio Montalvão, o meu inesquecível pai, juntamente com todos os construtores de Montalvânia que com determinação e carinho ergueram nesse sertão mineiro a mais bonita de todas as cidade: A NOSSA QUERIDA MONTALVÂNIA. É muito gratificante poder aqui nesse momento prestar uma homenagem especial e justa aos nossos sertanejos destemidos que ajudaram Montalvânia a dar os seus primeiros passos. Sinto-me muito honrado e orgulhoso em citar os nomes de alguns desses desbravadores como: Osório Marinho, João

Soares, Chico Reis, Mundico Barbosa, Nonato Barbosa, Olegário Muniz, João Rodrigues, Salvador Sabino, Geraldo Belém, Zé de Rosa, Tibúcio, João Rodrigues da Veiga, Silvino Carneiro, Seu Raimundo, Seu Pio, Virgílio Rodrigues, Antônio de Anjinha, Leonardo Lessa Marinho, Antônio Marinho, Durval Fernandes, Edmê Sales, Rosendo Soares, Dedinho, Nestor, João Montalvão, Delvim Sabino, Juarez Guedes, Zé Barros, Zeca Delegado, Chico Pedreiro. Como também Valdemar Joaquim do Carmo e Loro seu cunhado que foram os pioneiros que adentraram Montalvânia para construir a primeira rua, a primeira praça e a primeira casa entre tantos outros cochaninos construtores da nossa história. Entre esses, muitos ainda se encontram entre nós, ajudando-nos incansavelmente na nossa luta por Montalvânia. Mas muitos já se foram, porém, não nos deixaram, pois como dizia Guimarães Rosa: 'a vida é mágica, as pessoas não morrem, ficam encantadas'. E sem sombra de dúvida é esse encanto mágico dos nossos pais e dos nossos avós que nos fortalece na nossa contínua luta em busca de querer fazer de Montalvânia um lugar cada vez melhor para se viver. No início de Montalvânia, pode-se dizer que aqui na região do Norte de Minas, tudo era trevas, vivíamos sob o domínio e os maus presságios do coronelismo. Mas Antônio Montalvão não sabia e nem precisava viver na sombra desses mandos políticos e em confronto a essas ações coronelescas iniciou a sua luta em prol dos explorados camponeses. E com a sua luz própria ele acendeu a luz para a criação e desenvolvimento de Montalvânia. E hoje, se todos nós seguirmos esse exemplo e acendermos as nossas luzes e com ela procurarmos coletivamente iluminar os nossos caminhos, juntos construiremos o farol do progresso e do trabalho em Montalvânia. Só assim trilharemos a história positiva da nossa terra e futuramente passaremos a contar para os nossos filhos, filhos de Montalvânia, não só a história bonita do passado nos caminhos do desenvolvimento, mas também a nossa história presente que se encontra em construção. Parabéns Montalvânia pelos seus 50 anos de fundação e 40 anos de emancipação. Parabéns Cochaninos que souberam conduzir os caminhos de Montalvânia com amor e dignidade. (MONTALVÂNIA, 2002).

Percebe-se que a história da cidade cruza-se com as trajetórias pessoais envoltas no processo de organização da vida na cidade, traduzida pela aproximação da história de vida e da memória dos sujeitos acerca do que viveram, do que lutaram e do que sofreram.

Nesse novo processo de reaproximação com o passado histórico da cidade, recentemente, em 27 de julho de 2002, a cidade viveu um relevante momento histórico-cultural com o lançamento do livro *Montalvão e Montalvânia: não há como esquecer*, da autoria de Almir Sabino de Azevedo. O autor, que também é um dos depoentes desta pesquisa e que por muitas vezes foi citado como um dos primeiros alunos das escolas

de Montalvânia, proporcionou à comunidade uma noite festiva no Clube Camponês que, para a realização deste evento, foi transformado, temporariamente, em um lugar de memória, com exposição de fotos e faixas que desenterravam páginas da vida de Montalvão e da história local.

Parece-nos, portanto, que das lutas que se travaram no início da formação da cidade de Montalvânia contra os mandos coronelistas desperta-se, na atualidade, para a questão da formação da identidade cultural dos sujeitos que habitam essa cidade e a própria identidade da cidade, entre outras tantas. O interesse para a compreensão deste processo colocou no cerne deste trabalho a discussão da formação da identidade como um processo móvel em face da dinâmica da realidade e, nesse transitar identitário, conseqüentemente, também a necessidade da formação identitária edificada em valores históricos locais.

Assim como a memória, também a identidade é formada por três dimensões: o tempo, o espaço e o movimento, que são tidos como elementos constituidores e agentes dos processos identitários (DIEHL, 2002).

Percebe-se em Montalvânia, durante as quatro últimas décadas, um movimento paradoxal. De um lado, um contínuo desalojamento identitário e, de outro, sobretudo na última década, um novo cenário histórico e político favorável ao restabelecimento de determinados vínculos do presente com o passado histórico da cidade.

É preciso, todavia, compreender que, de uma forma geral, as transformações sociais, políticas e econômicas de Montalvânia não aconteceram isoladamente, por se encontrarem inseridas num processo mais amplo de globalização, que vem provocando mudanças culturais e econômicas nas localidades.

Os depoimentos nos mostram que a geração formada por filhos dos sujeitos que vivenciaram os primeiros anos de formação da cidade têm preocupação com as questões relacionadas à memória, à coletividade e à politização local. Isto me leva a concluir que o convívio com o “construir uma cidade” acentuou o sentimento de territorialização e enraizamento. Essa identidade também foi substanciada por uma época mais próspera para o conhecimento da vivência coletiva local, que era estimulada, até mesmo, pela falta da televisão, que propiciava o tempo de lazer em brincadeiras nas portas das ruas, nos encontros com os amigos e na vivência cotidiana da cidade.

No presente, as novas gerações são influenciadas por uma nova época, passam a absorver a política de homogeneização cultural global. Por outro lado, encontra-se também, na escola, uma história descontextualizada. Nesse sentido, este trabalho esteve sintonizado com o denominado de fenômeno paradoxal: o fato de estarmos sendo tomados pela política global de homogeneização cultural, que vem fragilizando, suplantando e travestindo as culturas localizadas e minoritárias em culturas universais, o que tem desencadeado uma reação de movimentos em prol de identidades alimentadas localmente.

Na comunidade, as reminiscências históricas foram desvelando-se diante de contínuos confrontos entre as ações do passado e do presente e de projeções do futuro, a partir do afloramento e dos significados das lembranças. Nesse sentido, Felix (1998, p.33) observa que, na recriação do passado pela memória, “a cabeça volta-se para o passado com o corpo no presente e, ao olhar para o cristal quebrado, pode, com o olhar do presente e a memória do passado, vislumbrar o futuro[...]”. Entretanto, a memória coletiva foi sendo desvendada a partir do entendimento dos interlocutores, sobre essa relação passado-presente-futuro, num esforço ou, mais propriamente, num movimento

de debruçamento sobre o individual e coletivo. Assim, como e expressa Montenegro (1994), ao longo deste caminho, percorremos representações de caráter específico e social, encontradas em um movimento e em uma relação permanente, ou seja, sem perder o elo individual/coletivo.

No processo de transição em que o passado e o presente coexistem, as narrativas enfatizam um passado de glórias e um presente sofrível. Presenciamos, por parte dos depoentes, um sentimento de descrença nas ações sociais e políticas no presente da cidade, enquanto as lembranças das vivências do passado da cidade foram repletas de ações construtivas.

A memória coletiva emergiu, por conseguinte, das conexões e mediações dos relatos, dentro de uma perspectiva de totalidade e de uma concepção de pluralismo de recordações e lembranças consubstanciadas no senso comum de que a memória coletiva resulta de um mosaico montado pela junção de diversas memórias individuais, diante da eterna busca de que a sociedade tenha a sua consciência social como fonte conceitual que sirva de referência para os indivíduos na formação de suas identidades (TEVES & RANGEL, 1999).

A reconstrução da memória coletiva a respeito da história de Montalvânia neste trabalho foi efetuada através de relatos da história de vida e vivida de um grupo de pessoas que compartilharam com Antônio Montalvão seus projetos e ações. A memória coletiva da cidade foi concretizando-se no desabrochar das recordações mais significativas e na forma de seleção dada pelos interlocutores. Em conformidade com Bosi (1994), o meu interesse estava no que foi lembrado, no que foi escolhido pelos depoentes para perpetuar-se no presente, considerando que os pensamentos e as idéias

não se constroem isoladamente e que na expressão de cada pensamento individual, encontra-se a síntese do pensamento coletivo (TEVES & RANGEL, 1999).

No decorrer deste trabalho, percebemos que a memória coletiva de Montalvão é constitutiva da história de Montalvânia. Nas narrativas dos depoentes, foi freqüente essa interligação entre a história da cidade e a “vidalenda” de seu idealizador, tornando-se até mesmo impossível relatar as duas histórias separadamente, que se encontram intercaladas e misturadas nas lembranças e interpretações que traçam a trajetória de Montalvão. Tornou-se, portanto, impossível impedir o deslizamento de uma história na outra. É nesse cenário que a relação Montalvão-Montalvânia, por parte desses depoentes, é reproduzida e recriada através da memória. E, nesse sentido, percorremos o curso da história de vida do fundador de Montalvânia, com a proposta de recuperar, descrever e construir um quadro narrativo a partir das memórias dos que compartilharam da construção da cidade.

Em Montalvânia, o que se percebeu foi uma ruptura entre o passado e o presente na cidade, não só quanto às lembranças, mas, sobretudo, na mudança de percurso social e político. A história do lugar é interpretada como uma Montalvânia de hoje bem diferenciada da Montalvânia de tempos atrás. As incertezas, perplexidade do presente e o desconhecimento do que virá, vão de encontro ao passado de esperanças. Afinal, compreendemos a história da cidade como uma “[...]reconstrução que, ao resgatar o passado, aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. [...] Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente, futuro) através da memória” (MONTENEGRO, 1994, p.17).

Mas, mesmo com todo esse descontentamento presente, ainda há um sentimento de enraizamento, de pertencimento muito forte entre esse grupo de habitantes e que passa por uma necessidade de maior valorização e de registro. Para algumas pessoas, então, certos fatos e certas histórias foram sendo varridos pelo tempo, mas outras lembranças as acompanharam silentes e afloraram no reencontro com o passado e com as lembranças compartilhadas, abrindo serenos espaços às reminiscências e a seus significados.

E assim, no entrelaçamento da história do fundador de Montalvânia e da construção da cidade, foi fluindo a trajetória de Montalvão, alinhavada pela memória coletiva do grupo construtor, constituída de significados, interpretações, concepções e sentimentos desses guardiões do passado, que, através da seletividade de suas lembranças, compartilharam das palavras, das emoções e, sobretudo, da “alma” deste trabalho.

O meu itinerário foi o de documentar testemunhos da história individual e entrelaçar memórias individuais com vistas a apreender a dimensão coletiva destas memórias. Através das entrevistas, destaquei aquelas passagens das narrativas que constituem elementos de memória e que guardam relação com os acontecimentos da história na qual se insere. Esse momento do registro e construção de significados da memória desse determinado grupo não poderá, no entanto, escapar ao confronto com outras memórias e às operações da construção do conhecimento histórico, pois como nos lembra Nora (1981, p.7).

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, (...) [enquanto que] a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

Convém ainda ressaltar que, neste estudo, a memória coletiva foi reconstruída não somente na ordenação dos vestígios do passado, mas também na releitura desses vestígios no presente, que de maneira consciente ou inconsciente está sempre marcada pela época em que se vive. Pois, ao perguntar no presente pelo passado, a história da cidade se desvelou nas inquietudes que refletem os problemas e as complexidades do presente. E através dessa conexão entre o presente e o passado, as interpretações refletiram as inquietações de cada época, evidenciando, assim, os traços reveladores da representação coletiva do grupo aqui estudado.

Foi ressaltada, principalmente, pelas gerações mais antigas, a carência de lugares e espaços que levem o conhecimento e o reconhecimento dos sujeitos históricos da cidade às novas gerações. Também foi destacada a falta de atividades escolares que revelem a história local através da produção de conhecimentos que desvelem os valores implícitos na própria cultura.

Portanto, as lembranças traçaram os caminhos de encontros e desencontros históricos, por meio da seleção das recordações emergidas no presente. A memória coletiva de Montalvão, tal como foi contada e recontada no fazer da história, descortinou uma série de cenários que simbolizam as experiências partilhadas, as perdas e os triunfos que deram e dão sentidos a fundação de Montalvânia. O desvelamento se deu em torno da relação passado-presente, que, em muitos momentos, se apresentava como tentativa de estabelecer uma coerência satisfatória e necessária entre as passagens não resolvidas no presente. Ao relatarem a história do passado, o presente era sempre comparado, através de um sentimento de saudosismo dos tempos antigos e de insatisfação em relação à cidade na atualidade.

Em certos momentos, o meu “mergulho” no passado de Montalvão fazia com que os ecos das reminiscências invadissem a minha própria história, fazendo-me sentir, como não poderia deixar de ser, sujeito desta pesquisa. Consciente, pois, da dose de subjetividade presente nesta pesquisa, foi sobretudo desafiador e exigente ofuscar o meu grande amor paterno. E esta implicação fazia crescer, cada vez mais, o meu desejo de buscar referências memoriais e, com os fios das recordações e as operações conceituais desenvolvidas, construir novos significados a respeito da relação entre o passado e o presente na memória coletiva do grupo que compartilhou projetos e ações com o fundador da cidade.

Quanto aos ecos deste meu trabalho, faço tudo para que a minha voz produza efeitos, desejo evidentemente que os ecos do meu discurso se repercutam na formação da identidade e da cidadania local, e continuarei lutando para que o lugar das pequenas histórias com suas peculiaridades e singularidades não se reduza, antes se amplie no seu próprio contexto.

Para finalizar, transcrevo as palavras de Sr. Durval Fernandes, um dos migrantes nordestinos que, com a sua família, mudou-se para Montalvânia e enraizou-se como um genuíno cochanino. Na sua fala (1999), instaura-se uma nova relação entre presente/passado e futuro, demonstrando como as memórias não são apenas reservatórios de conhecimentos ou de lembranças, mas algo que se constrói, que se reformula pelas ações dos sujeitos.

Em Montalvânia as suas praças e avenidas levam nome de filósofos e sábios. Montalvânia é uma cidade sofrida, mas suas terras são ricas, são férteis, temos um bom potencial de água. A cidade foi povoada por baianos vizinhos, alguns pernambucanos e os mineiros daqui da região, hoje nós temos o processo imigratório, como todas as cidades. Montalvânia tem tudo para crescer, para melhorar, depende muito dos administradores. Com certeza, estamos esperançosos que venha ter alguém voltado para ela como Antônio Montalvão.[...] O

brasileiro tem a memória muito curta, aqui já devia ter o nome de Antônio Montalvão nas escolas, nas praças devido à grande importância desse homem. [...] Olha francamente, hoje eu estou morando aqui na fazenda, fica um pouco retirada da cidade, mas às vezes sozinho, parado, sempre penso em Montalvânia. Eu nunca esqueço daquela terra abençoada, daquela terra de futuro, ali eu considero um local escolhido por Deus para ser feita por Antônio Montalvão do jeito que ele desejava e que era o desejo do povo mais sofrido da região.[...] Eu sou verdadeiramente bairrista de Montalvânia, ou seja, aquela pessoa que gosta do lugar e não aceita que ninguém fale. O meu espírito é o espírito bairrista de Montalvânia. Montalvânia é o meu bairro, minha cidade, meu lugar, meu espaço, meu universo, sobretudo meu coração. Sonho em ver Montalvânia crescer, melhorar, florescer e frutificar. E isso ainda vai acontecer! Montalvânia vai voltar a ter fases boas, pois ela foi iniciada justamente com o pensamento de ser uma boa cidade. Tenho fé em Deus e confiança de ver Montalvânia melhorar. Ela tem muitos homens que ajudaram a construí-la e que ainda vivem com o pensamento voltado para ela e que pensam em fazer qualquer coisa pela cidade. Ainda vão aparecer filhos de Montalvânia que vão fazer com que ela volte a desenvolver. Isso não é só um desejo meu, é uma confiança que isso aconteça. Muitas cidades passam por uma fase de progresso, depois, regridem um pouco, depois retornam ao crescimento, embalam e podem tornar-se uma cidade de muito futuro. Isso é o que penso de Montalvânia, ela ainda vai ser uma bela cidade. Tem muita gente culta, tem muita gente lá fora procurando uma forma de conhecimento pra trazer para a cidade. Vai chegar muita coisa boa em Montalvânia, você vai ver e nessa hora você vai dizer: – aquele velho! Ele falava essas coisas; ele realmente estava certo: o desejo dele valeu como uma profecia.

Complemento esse depoimento com as palavras de Antônio Montalvão (1992), ao 76 anos, pouco antes do seu falecimento:

O que faço, é conclamar o povo cochanino a fazer daqueles princípios filosóficos o princípio de Montalvânia. Sempre digo assim: se você não pode ser amigo, não precisa ser inimigo: dê um bom dia, uma boa tarde. Se você quer ficar mais rico que o outro, não o persiga, trabalhe mais que ele. Temos que partir para a competitividade do trabalho e não apenas para a competitividade política. Temos que procurar dar mais importância ao que produzimos e não apenas à administração pública.[...] Dentro desse princípio devemos procurar buscar incentivos para a criação de pequenas indústrias, como fábricas de doces, de biscoitos, de velas, de sabão. Fábricas que demonstrem a criatividade do homem e que venham a gerar mais serviços, para que os nossos jovens não precisem sair em busca de trabalho lá fora.[...]

Assim, em busca de uma maior valorização e respeito às especificidades de processos históricos locais, nestes tempos pós-modernos, é preciso repensar criticamente a prática pedagógica do ensino escolar de forma que seja mais articulada

aos conhecimentos sobre as memórias e histórias que compõem a história local. A escola, ao produzir uma prática que busque meios para vincular a História de modo crítico e contextualizado à realidade do aluno e ao buscar a inter-relação entre história local, história nacional e mundial, poderá ancorar-se melhor para construção das relações entre gerações e, obviamente, entre o passado, o presente e o futuro. A (re)apropriação das diversas memórias sociais da comunidade, na qual a escola encontra-se inserida, assegura o pluralismo do pensamento e o respeito à diversidade cultural, possibilitando um contraponto ao acentuado desalojamento das identidades que acontece de forma rápida nesta era globalizada em que vivemos e que, intencionalmente, impulsiona a política de homogeneização cultural em direção à aculturação dos países subordinados. Portanto esse processo de entrecruzamento de memórias e identidades estimula a redefinição de identidades sociais comprometidas com lutas globais e locais, em direção à construção de um mundo mais igualitário e fraterno.

É nesse confronto cultural entre a homogeneização e a diversidade que a história local torna-se a referência para um melhor conhecimento e consciência dos valores culturais implícitos nas distintas comunidades, os quais, uma vez explícitos e interpretados, passam a exercer a função mediadora para a formação de novos sujeitos sociais e de novas memórias coletivas e históricas.

Foi na convergência de todos estes fatores que este estudo veio alinhar-se. O desvelamento de uma memória coletiva da história aqui (re)construída se deu em torno de acontecimentos que tiveram como palco a trajetória do fundador da cidade de Montalvânia, primordialmente, mas que, inexoravelmente e das formas mais diversas, estão relacionados, associados à História do Brasil.

FONTES ORAIS

- Albertina Cardoso Sabino
- Adelize Rosa Montalvão
- Almir Sabino de Azevedo
- Antônio Marinho
- Francisco José dos Reis (Chico Reis)
- Cássio Montalvão
- Durval Fernandes
- Eulina Viana
- Hélio Sales
- Joana Leite
- Joilson Carvalho de Moraes
- José Vieira
- Joaquim
- Julinho Viana
- Leonardo Lessa Marinho
- Laurindo Ferreira dos Santos (Louro Pedreiro)
- Luis Joaquim Pereira (Lulu)
- Lourdes Reis
- Natividade Ribeiro
- Neguinho
- Nivalter Rodrigues Carneiro
- Nonato Barbosa
- Manoel de Sousa
- Pe. Guilherme Michels
- Reinaldo Moreira Alves
- Trajano José Ribeiro
- Valdemar Joaquim do Carmo
- Valter Almeida Fernandes

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. Currículos de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998. p.28-41

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas e Documentação e de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ACADEMIA BIOSCÓMICA DE BELAS ARTES. *Ata de Fundação*. Montalvânia, 24 de jun. 1989.

A PEDIDO do povo Montalvão poderá voltar a Prefeitura. *Diário de Montes Claros*, Montes Claros, 5 jun. 1992.

ANTÔNIO Lôpo Montalvão: candidato à Prefeitura de Manga. Manga, [1954]

ANTÔNIO Lôpo Montalvão: candidato a Deputado Federal. Manga, [1962].

AZEVEDO, Almir Sabino de. Entrevistas com moradores de Montalvânia: fitas cassetes, Montalvânia, 1999-2000.

AZEVEDO, Almir Sabino de. *Montalvão e Montalvânia: não há como esquecer*. Brasília: Autor, 2002.

ANDRÉ, Marli E.D. A; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.) *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: UFSCar, 1998.

BITTENCOURT, Circe et al. *O saber histórico na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BOLETIM DO CAMPONÊS. Manga, MG, 1954.

BORBA, Sérgio da Costa. Aspectos do conceito de multirreferencialidade nas ciências e nos espaços de formação. In: *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: UFSCar, 1998. p.11-19.

BOSI, Alfredo. Plural mas não caótico In: _____. (Org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 38-52.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: TA Queiroz, 1994.

BOSI, Ecléa (Org.) *As faces da memória*. São Paulo: Centro de Memória da UNICAMP, 1993. (Coleção Seminários, v. 2).

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) *Pesquisa participante*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BURNHAM, T.F. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: UFScar, 1998. p.35-55.
- CABRINI, Conceição et al. *O ensino da história revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (Coleção A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2).
- CORREIA, Teodósia Sofia Lobato. A pedagogia das cidades e a construção da identidade cidadã. In: Reunião Anual da ANPED, 20. , setembro de 1997, Caxambu (MG). *Anais...* Caxambu: ANPED, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- D'ALESSIO, Marcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico: entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebdrion*. São Paulo: UNESP, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.1 (Coleção TRANS).
- DEMO, Pedro. *Educação pela pesquisa*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. (Coleção Educação Contemporânea).
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FAMÍLIA DE ANTÔNIO MONTALVÃO. Arquivo pessoal: fitas cassetes, agendas, álbum fotográfico. Montalvânia, 1998-2002.
- FAZENDA, Ivani (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FELIX, Loiva O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERNANDES, Bob. Místico lendário faz outra cidade em Minas. *Jornal do Brasil*. São Paulo, 3 de maio de 1987.

FONSECA, Selva Guimarães. O uso de diferentes linguagens no ensino de história e geografia. *Ensino em RE-Vista*, Uberlândia-MG, EDLTFU. v. 4. n.1, p. 53-57, jan./dez. 1995.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. História, política e ensino In: BITTENCOURT, Circe (org.) *O saber histórico em sala de aula* et alii. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p.42-53

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

INSTITUTO FILANTROPO COCHANINO. *Estatuto*. Montalvânia, 1960.

KUPSTAS, Macia (Org.) *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Debate na Escola).

LEDO, Ivo. *Canário azul*. São Paulo: Scipione, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrum*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

LEITE, Miriam L. Moreira. Imagens e contextos. *Boletim do Centro de Memória – UNICAMP*, Campinas-SP, v.5. n.10. p. 45-60 ,1993.

LINS, Daniel et al. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. São Paulo, 1997.

LUCENA, Célia Toledo. Memória e história local: ensino e pesquisa. *Tópicos educacionais*, Recife, v.12, p. 6-21, 1994.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MATTOS, Maria Augusta de. *Dispersão e memória no cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- MOLL, Jaqueline. *Histórias de vida, histórias de escola: elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORIN, Edgar. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 b.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2000 a.
- MONTALVÃO, Antônio L. *Horas mias*. Buenos Aires/Argentina: LMP. [195].
- MONTALVÃO, Antônio L. *O jornal de Montes Claros*. Montes Claros, p.8, 27 de abr. 1952.
- MONTALVÃO, Antônio L. Brasília – Montalvânia. *Via Cochanina*, Montalvânia, p. 4, 20 out. 1967.
- MONTALVÃO, Antônio L. *Cordeiro vestido de lobo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1973.
- MONTALVÃO, Antônio L. Ao povo cochanino In PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTALVÂNIA. *Orçamento para 1977*. Belo Horizonte, Jan. 1977. p.2-8.
- MONTALVÃO, Antônio L. *Analogia do naturalismo universal*. Belo Horizonte: Lemi, 1979 (Coleção a Bíblia de Pedra de Montalvânia).
- MONTALVÃO, Antônio L. *O Alvorecer da humanidade consciente* (Síntese). Belo Horizonte: Lemi, 1981 (Coleção a Bíblia de Pedra de Montalvânia).
- MONTALVÃO, Antônio L. *Entrevista à Rádio Entre Rios*, Montalvânia, 22 de abr. 1992.
- MONTE LOPINO. Um celeiro de viveres parede-meia com Montes Claros, *Gazeta do Norte*, Montes Claros, p.1, 12 de out. 1950.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Coleção Caminhos da História).
- NAUD, Santiago. Montalvão: dança alucinada de mitos. *Correio Brasiliense*, Brasília, p. 24. 18 de ago. 1986.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury, *Projeto História-Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC*. São Paulo, n. 14, p. 7-27, fev. 1997.
- NOTICIOSO COCHANINO. Montalvânia, MG, abr. 1962.
- NOVAIS, Adauto. Sobre o tempo e a história. In. _____. *Tempo e história*. São Paulo: Cia da Letras, 1992. p. 36-52.

OLIVEIRA, Renato José de. Ética e humanização do homem: desafio para uma educação pluralista. In: Reunião Anual da ANPED, 20. , setembro de 1997. Caxambu (MG). Anais... Caxambu, 1997.

ORIÁ, Ricardo; SOUZA, Simone, et.al. *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/UFC, 1997 (Coleção Estudos Sociais).

ORIÁ, Ricardo. Um lugar na escola para a história local. *Ensino em RE-VISTA*. Uberlândia (MG), EDUFU, v. 4, n. 1, p.43-57, Jan./dez. 1995.

PATRÍCIO, Jaciro Campante. Arquivo histórico latino-americano. *Boletim do Centro de Memória UNICAM*, Campinas-SP, 1989. v.1.

PESSOA, Fernando. *Poemas*. In: BERARDINELLI (Org.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

POENER, Arthur José. *Identidade cultural na era da Globalização: política federal de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História-Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento da PUC-SP, São Paulo, n. 14, p.81-87, fev.1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTALVÂNIA (MG). *Orçamento para 1977*. Montalvânia, 1976.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTALVÂNIA (MG). *Ata Solene da Instalação do Município*. Montalvânia, 1º. Mar, 1963.

RANGEL, Mary. *Representações e reflexões sobre o "bom professor"*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

REIS, Maria de Luzia. A história de um pulo de sapo. *Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p.8. 4 de maio de 1988.

REVISTA DO BRASIL REMOTO. Montalvânia, MG, 1970-1975.

RIBEIRO, Loredana M. Ricardo. *O alvorecer da humanidade consciente: manifestações do imaginário na trajetória de Antônio Lôpo Montalvão*. Projeto de pesquisa de mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

RIBEIRO, Loredana M. Ricardo. *O salvador político e a cidade ideal: mito e utopia no extremo norte de Minas Gerais (1950-1980)*. 2001.155 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ROCHA, Washington. As lendas de Montalvânia. *Destaques de Minas*, Montes Claros, p.6, 1 de maio de 1989.

SÁ, Celso, Pereira. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SALES, Antônio Horácio. *Folheto de leitura de missa em comemoração ao 49º Aniversário de Montalvânia*. Montalvânia, 22 de abr. 2001.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, Marco Zero, p. 220-356, 1990.

SAMUEL, Raphael. Teatro de memória *Projeto História-Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento da PUC-SP*. São Paulo, n. 14, p.41-80, fev.1997.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, MARCOS A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TEVES, Nilda RANGEL, Mary (Org.) *Representação social da educação: temas e enfoques contemporâneo da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1999. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

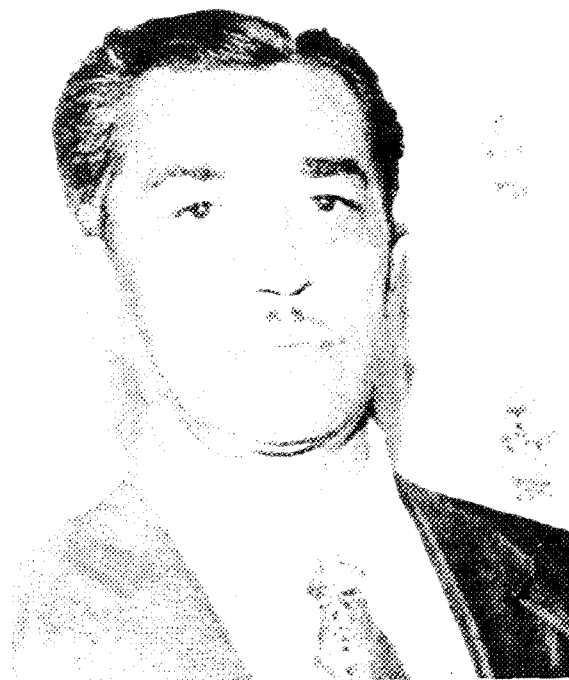
THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História-Revista do programa de estudos pós-graduados em história do departamento de história da PUC-S*, n. 15, p.54, abril 1997.

TODA a produção vai ser colhida em terrenos drenados do Cochá. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 19 de ago. 1959.

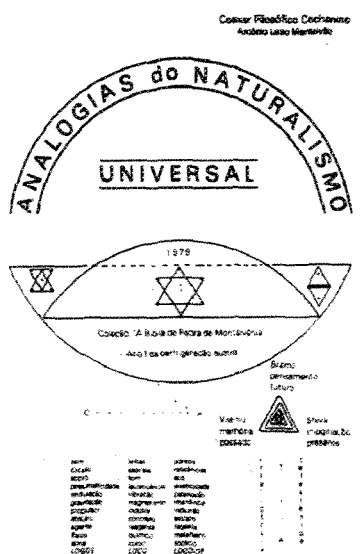
ZAMBONI, Ernesta et al. O ensino da história e a construção da identidade In: _____. *O ensino de estudos sociais no 1º grau*. São Paulo: Atual, 1986. p. 10-17.

ANEXOS

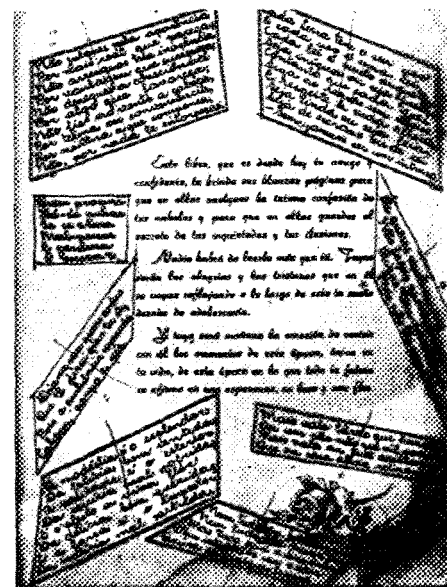
ANEXO A – Antônio Montalvão em 1949(época em que retornou a Manga) e 1973 (época em que se afasta da política de Montalvânia).



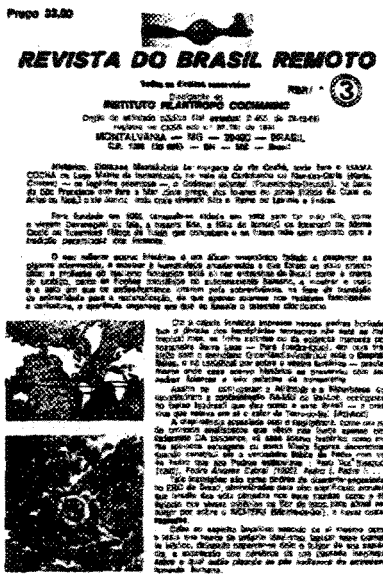
ANEXO B – Livros de autoria de Antônio Montalvão



Capa do livro *Analogia do Naturalismo Universal*, editado em 1981.



Página do livro de poesia *Horas mias*, editado em Buenos Aires, durante o período em que viveu na Argentina.



Capa da terceira edição da *Revista do Brasil Remoto*, de divulgação do acervo arqueológico do município. A revista circulou entre o ano de 1970 e 1975.



Capa do livro *Cordeiro Vestido de Lobo* editado em 1973.

ANEXO C – Praças Cristo Rei (primeira praça da cidade) e Spinoza (construída na década de 60 - a pá simboliza o trabalho e a construção da cidade).



ANEXO D – Visitantes no memorial em 1999



ANEXO E – VISITANTES NO MEMORIAL ASSISTINDO A UMA EXIBIÇÃO DE VÍDEO (Sr. NONATO BARBOSA, Sr. SALVADOR SABINO DE AZEVEDO E Sra. RAIMUNDA M. SABINO).



ANEXO G – HINO DE MONTALVÂNIA

AUTOR: FILADELFO SABINO DE AZEVEDO (FILA) -1969

Montalvânia, Montalvânia de Montalvão
Montalvânia, Montalvânia do meu coração
Montalvânia, estou longe mas lhe tenho presa às minhas mãos
Montalvânia linda menina do jovem que tem emoção

Montalvânia, Montalvânia de todos nós,
Montalvânia, meu desejo não é tão atroz
Sonho vê-la, ainda cedo, brilhando como um cristal
Sob os olhares de olhos milhares de todos que sonham em lhe ver capital

Montalvânia de filosofias mil,
Confúcio, Platão e de Praça Cristo Rei,
Santayana, Buda, Maomé, Zoroastro, Marco Aurélio, Galileu Galilei,
Montalvânia da humildade, catita cidade de paz e união
Montalvânia de braços abertos, futuro tão perto na evolução

Montalvânia da felicidade
Bradar o seu nome o seu povo não cansa
Montalvânia de Montalvão
Segunda Brasília da nossa esperança.